

Marcos Barbosa Vasques

Uma guerreira silenciosa



História e estórias
de minha avó Joana

Marcos Barbosa Vasques

Uma guerreira silenciosa

História e estórias da minha avó Joana

EDITORA
pontocom

Copyright © 2026 Marcos Barbosa Vasques
Direitos adquiridos para esta edição
pela Editora Pontocom

Preparação: Sérgio Holanda
Revisão e diagramação: André Gattaz
Desenho da capa: Helena Philip

Editora Pontocom

Conselho Editorial

José Carlos Sebe Bom Meihy
Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães
Zeila de Brito Fabri Demartini
Zilda Márcia Grícoli Iokoi

www.editorapontocom.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vasques, Marcos Barbosa

Uma guerreira silenciosa [livro eletrônico] :
história e estórias da minha avó Joana / Marcos
Barbosa Vasques. -- São Paulo : Editora Pontocom,
2026.

PDF

ISBN 978-65-89496-27-4

1. Escravidão - Brasil - História 2. Famílias -
História 3. Memórias autobiográficas 4. Vasques,
Joana de Alcântara I. Título.

26-360132.0

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Memórias autobiográficas 920.72
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Sumário

Prefácio	7
Introdução	9
1. A avó que deixei de conhecer	13
2. Os documentos que retratam a minha avó	19
3. Lumumba e Nimba: como tudo começou	35
4. As admiráveis mulheres em torno de minha avó	97
Vitalina Maria de Jesus Vasconcelos	99
Maria da Cruz Vasconcelos	112
Otília de Paula Santos	117
5. Testemunhos de familiares	123
Testemunhos sobre a minha avó Joana	124
Testemunhos sobre Vitalina Maria de Jesus Vasconcelos	129
Testemunhos sobre Maria da Cruz Vasconcelos	131
Testemunhos sobre Otília de Paula Santos	143
A título de Epílogo	177
Anexos	179



Joana de Alcântara Vasques

1894 - 1974

Prefácio

Vovó Joana,

Convidada a prefaciá-lo livro, confesso que foi uma tarefa difícil, porque minhas lembranças se misturam às aqui contadas. Lembranças emocionais ligadas sobretudo aos maravilhosos doces de abóbora com queijo, à pipoca e às balinhas dadas a mim, sempre às escondidas para que ninguém soubesse, em minha inocência de criança, que ela as tinha guardadas na mesinha de cabeceira de sua cama.

As festas juninas que nos reuniam em pequenos encontros familiares, a fogueira, as batatas doces assadas na brasa. .. Ainda reverberam em mim as risadas largas de seu sorriso, de seu sempre bom humor, a tamanha doçura de seu olhar, que parecia não existir tristeza ou maldade no mundo.

Vovó foi sem dúvida um Ser de Luz que deixou em cada um de nós impressões de resignação e perdão. Passos cansados de uma vida inteira sem revides às dificuldades que ela certamente enfrentou, e que bravamente não deixou que lhe abatessem, transferindo um legado de reminiscências em cada um de nós, segundo nossa maturidade para o momento.

Deliciem-se com as histórias aqui contadas em letras versadas de muita emoção. Gratidão a meu irmão, pela paciência da espera. Esse é também, sem dúvida, um aprendizado de forma sutil que ela nos deixou.

Abraços.

Beatriz Barbosa Vasques, a caçula de todos.

São Pedro, 21 de maio de 2025.

Daqui a 300 anos seremos todos nós mera poeira ao longo de uma estrada perdida no tempo...

Aos meus filhos Sandra e Ricardo, aos meus netos Olívia, Mariano, Angelina, Gabriel e Dudu's, e à minha mulher Marlene, companheira de todas as horas e de todos os momentos.

Introdução

Este livro tem uma estrutura peculiar: trata-se de uma ficção baseada em evidências, em virtude de não se encontrar informações documentais e precisas de quem foram as pessoas que procuro homenagear. Mas é preciso falar sobre elas, sobre a luta que tiveram que enfrentar sozinhas para que nós pudéssemos chegar aos dias de hoje.

Mesmo que seja uma ficção baseada em evidências, o esforço está voltado para que o mundo saiba que tipo de mulheres existiu, a luta que enfrentaram para sobreviver e os esforços sobre-humanos que tiveram de fazer para não desistir. E, embora não soubessem ainda de nossas existências, parece que tiveram uma visão atávica de que, se fracassassem, muitos de nós não estaríamos hoje lendo ou escrevendo estas linhas.

Creio que expresseo o sentimento de todos que, de uma forma ou de outra, colaboraram para que este livro tomasse a forma de uma perene homenagem a estas mulheres de então.

Ao criar uma ficção baseada em evidências, constrói-se uma imagem das pessoas que talvez possa não ser a verdadeira, mas é a que, seguramente, ocupa as nossas memórias pelo que significam para nós, pelas mensagens que nos transmitiram ao longo de suas vidas – de um amor sem fim e sem cobranças – e pela entrega de viver para que pudéssemos estar hoje, aqui e agora.

O livro está organizado em três partes.

Na primeira parte apresento breves linhas sobre o contexto em que viva a minha avó e que caracteriza bem os valores vigentes. Na segunda parte apresento uma ficção que compreende, além da minha avó, três outras pessoas que com ela conviveram neste mundo feminino de outrora, submetido a valores que não a reconheciam como tal, não deixando florescer a grandeza latente em suas almas, embora a manifestassem em altos brados silenciosos, sufocadas pelo opressivo mundo masculino que as rodeava. Talvez muitas outras mulheres tenham sofrido sob os valores dessa época. Cito no contexto desta ficção Vitalina Maria de Jesus, sua filha Maria da Cruz Vasconcelos e Otília de Paula Santos, as mulheres que mais de perto conviveram com a minha avó Joana.

A terceira parte é constituída por testemunhos de familiares que tiveram contato com estas pessoas, relatando um pouco da realidade observada de cada uma delas, revelando para nós um pouco do caráter e da capacidade de resiliência de cada uma.

Complementam a obra alguns anexos, como um exemplo de carta de alforria que os escravos recebiam para serem considerados “livres” – enquanto na verdade continuavam escravos do contexto em que viviam: deviam pagar com o seu trabalho os alimentos de que necessitavam, a moradia em que habitavam e as demais necessidades para um viver com um mínimo de dignidade. E para tanto continuavam trabalhando com uma carta de alforria numa mão e a enxada na outra.

Por fim, juntei algumas certidões obtidas em cartórios de registro civil de pessoas naturais, atestando a existência das pessoas sobre as quais este livro se refere.

Meus profundos agradecimentos a todos que colaboraram para que parte da história de nossas famílias não se perdesse ao longo do tempo (em ordem alfabética):

Beatriz Barbosa Vasques

Iracema Barbosa Vasques

Jandira Barbosa Vasques

Ladymari Stelmachuski

Maria Fátima de Paula Santos

Nicéa Maria de Paula Santos

Regina Célia Alves Maluf Palombo

Silvia Maria Paiva Vasques

Telêmaco Felipe de Alcântara Vasques Fumeiro.

1. A avó que deixei de conhecer

Há muitas coisas na vida de que a gente se arrepende tarde demais, quando não há mais volta. Se me perguntarem do que mais me arrependo, falo de pronto, sem a menor dúvida, que foi não ter chegado no meu coração a minha avó. No dela, seguramente eu cheguei, mas eu acordei tarde demais, quando não havia mais tempo.

Hoje, dia 23 de junho, é aniversário de minha avó Joana. Todo ano eu me lembro dela nesta data, de uma forma muito especial.

É para mim uma questão muito complexa e delicada, que até hoje me deixa profundamente triste quando penso nos acontecimentos que nos envolveram no passado. Mas por trás disso há uma história de vida, de desencontros, de valores, de profundas incompreensões e de muita tristeza, moldadas nesta coisa diáfana e imperscrutável a que alguns dão o nome de destino.

Meu pai nasceu aleijado; ele não tinha os dedos da mão esquerda, apenas um toco que terminava na sua palma, e por causa disso não serviu o exército. Seu irmão mais novo, Dimas, que nasceu sem nenhum defeito, teve que servir a pátria, mas pagou caro: contraiu uma tuberculose enquanto servia e morreu aos 24 anos.

Acredito que esses dois eventos tenham marcado profundamente o meu pai, pois ele jamais falava com a sua mãe (minha avó Joana) e sempre passou para nós uma mensagem negativa sobre ela, não deixando que nos aproximássemos dela. E para piorar as coisas, a minha avó, que era diabética, uma vez feriu-se numa cerca de arame farpado na

estação de trem de Taubaté e nunca mais se curou. Ao contrário, a ferida foi ficando cada vez maior. Lembro-me que quando éramos crianças, um dia eu a vi trocando uns panos com que enrolava a ferida e fiquei assustado ao ver o tamanho, quase dava a volta em sua perna, perto do tornozelo. Também por causa disso, acredito, os meus pais não deixavam a gente ficar por perto dela. Mas ela nunca deixou de nos brindar com o seu sorriso e com a sua fala mansa e suave. Nunca a vi reclamar da vida e falar mal de quem quer que seja. Estava sempre de bom humor e pronta para uma palavra de carinho para todos nós.

Quando fiquei adulto, toda vez que eu ia à sua casa, havia o que eu mais gostava: bolo de fubá, ou uma canjica, ou um doce de abóbora, ou um arroz doce. Nunca falhava – mesmo que eu fosse incapaz de lhe dirigir uma palavra de agradecimento, de reconhecimento desse gesto silencioso e envolvente de amor e carinho.

E, para piorar as coisas, casei-me com uma pessoa que, em vez de somar, aglutinar, somente dividia e acentuava aquilo de mais negativo na minha relação familiar e principalmente com a minha avó.

Não sei bem quando se deu o estalo. Acho que uma torneira de emoções contidas e represadas ao longo de tanto tempo começou a jorrar de forma incontrolável quando decidi me separar e compreendi que eu era livre para tomar as minhas decisões, mesmo que fossem contra tudo e contra todos. Mas aí foi tarde demais, pois, quando passei a ver a minha avó por meus próprios olhos, e não pelos quais meus pais me obrigaram a ver, ela já não estava entre nós.

Foi por pouco. Bem, não tão pouco. Comecei a trabalhar na Telebrás, em Brasília, em julho de 1976 e a minha avó faleceu no dia 5 de setembro de 1974. Foi em Brasília que essa torneira de emoções começou a pingar, não parou

mais e um belo dia explodiu de vez – o dia em que acordei e decidi dar um rumo na minha vida, separando-me da mulher que já não era mais aquela com quem tinha casado, sabe-se lá por qual motivo. Pode ser até que eu fosse o motivo, uma razão a mais para cada um seguir o seu caminho.

Ainda tive, posteriormente, um relacionamento de seis anos, no qual fui muito infeliz, fiz muita burrada e só não afundei de vez porque apareceu na minha vida um anjo chamado Marlene, e daí tudo mudou.

Quando comecei a entender os gestos de minha avó para comigo, abateu-me uma tristeza profunda por não ter tido essa compreensão enquanto ela estava viva. Não pude lhe dizer a tardia descoberta de compreendê-la e o quanto a amava, pois vim descobrir isso tarde demais. Não a levei para passear comigo uma única vez. Ela nunca passou um final de semana comigo, nunca a levei para conhecer a minha casa. Nunca a fiz saber que eu sabia da existência dela. Nunca partilhei com ela as minhas emoções, minhas vitórias e minhas derrotas. Nunca lhe dei um beijo de verdade. Nunca a toquei para saber que eu a amava. Como isso me dói na alma! E me dói mais ainda ao pensar como ela me via. Enquanto ela estava sempre completamente voltada para mim, eu, ao contrário, um poço de indiferença e de incompreensão. Como ela deve ter sofrido em silêncio, pois nunca reclamava de nada e de ninguém. Como é profunda a maldade que pode existir dentro da gente! Essa dor que carrego comigo é seguramente uma das causas que me levaram a não acreditar em nada e tudo o mais das religiões, que não passam de uma grande mentira, de *homens voltados para controle de homens* e nada mais. E Deus, que piada!

A minha avó tinha um ritual que cumpria religiosamente todo ano. Na madrugada do dia 23 para 24 de junho, dia de S. João e de seu aniversário, ela colocava uma bacia

de água no sereno e de manhã lavava o rosto com essa água. E a pele do seu rosto nunca teve uma ruga, até falecer, com cerca de 80 anos.

No tempo em que convivíamos com ela, a minha avó não tinha nenhum bem material. A maior parte do tempo ela morou com a minha tia, sua filha Maria.

Tenho viva em minha memória que um dia ela veio morar conosco na Rua Coronel Augusto Monteiro, 587. Ela foi instalada num cômodo no quintal da casa, onde estavam guardados os materiais que sobraram da construção da casa. Era um quarto com paredes de tijolos, com chão de terra e com uma tranqueira enorme de resto de materiais de obras. A cama dela ficava junto à porta de entrada e abaixo de uma janela.

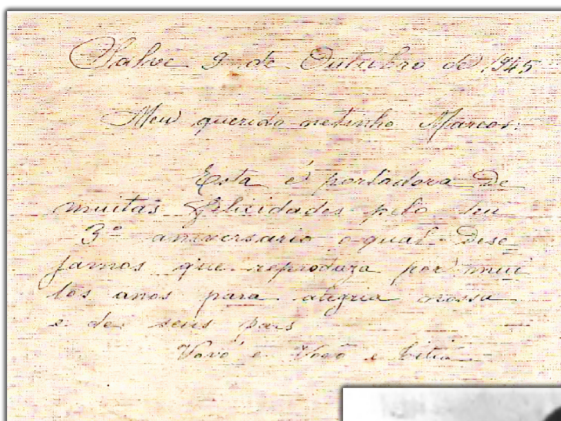
Um dia, depois que ela se mudou para a casa de minha tia, o meu pai resolveu limpar aquele quarto e me chamou para o ajudar. O que eu jamais esperava era encontrar, à medida em que se tirava do quarto os materiais, um sem-número de enormes ratos e baratas, que fugiam desesperados para todo lado. Eles entravam nos buracos das paredes e ficavam entalados e a gente os eliminava a pauladas. Esta era a acomodação que foi dada para a minha avó, em companhia de ratos e baratas, num quarto de chão de terra, tendo como mobiliário sobras e mais sobras de materiais de construção. Ela nunca reclamou disso e tudo aceitava com um enorme desprendimento.

O que me traz, por recorrência à lembrança, a morte de minha avó. Ela acordou e minha tia a chamou para tomar o seu café. Ela disse que antes iria tomar um banho e descansar um pouco. Assim fez. Tomou seu banho e se recostou no travesseiro, para um cochilo. Demorando para voltar, minha tia foi ao quarto acordá-la e constatou que ela tinha morrido. Silenciosamente, com um sorriso nos lábios.

E assim se foi uma grande guerreira, filha de escravizados, que foi a pessoa que mais carinho e amor deu a mim e aos meus irmãos, muitas vezes mais que nossos pais.

Tenho até hoje uma carta que ela me enviou quando eu fiz três anos de idade, reproduzida adiante, junto com uma rara foto de sua juventude.

Será que eu poderia pedir a quem estabelece os dias de nossa saída deste mundo que eu possa ir como a minha avó, sem dar trabalho para ninguém e com um sorriso nos lábios? Seria uma benção para todos, para mim e para os que continuam.



2. Os documentos que retratam a minha avó

A ideia de escrever sobre a minha avó Joana veio se desenvolvendo quando comecei a escrever para os meus filhos e netos sobre a minha infância em Taubaté, cidade onde nasci, e sobre as histórias que povoaram os dias na chácara em que morávamos – como os momentos em que ouvíamos a novela do Polichinelo no rádio, juntos e grudados em minha avó, com muito medo deste ser fantasmagórico estar escondido nas matas da chácara.

Também contribuiu para esta ideia o fato de eu descobrir e trazer para o consciente o real significado de minha avó no mesmo dia em que ela faleceu, sem que eu tivesse tido a oportunidade de lhe dizer que a amava. Foi um duro golpe da vida, do qual nunca me recuperei e sinto até hoje seus reflexos. No universo de nossa extensa família, talvez a minha avó Joana seja a pessoa que mais me traga doces lembranças de amor e de carinho.

Em determinado momento percebi o quanto desconhecia de sua ascendência e a completa ausência de documentos ou fotos que pudessem nos dar alguma informação sobre ela.

Resolvi pesquisar e me dirigi inicialmente à Cúria Diocesana de Taubaté, descobrindo que a minha avó nasceu em 23 de junho de 1894, em Taubaté, de cor parda, filha da liberta Jacinta (outras vezes com o nome de Josepha) e de pai desconhecido. Foi batizada em 5 de agosto de 1894, na fazenda do Dr. Ricardo, aos 16 dias de idade, como sendo

filha natural de Josepha. Faleceu em São Paulo, em 5 de setembro de 1974, com 80 anos.

Foi casada com Licínio de Oliveira Vasques, branco, nascido em Pindamonhangaba em 1887 e falecido em Taubaté em 19 de novembro de 1945, com 57 anos. Casaram-se em Taubaté e tiveram três filhos: Dimas, Maria e Marcos (Cúria Diocesana de Taubaté).

Pesquisando nos cartórios da região e da capital, obtive informações sobre os filhos de Joana. Dimas Vasques nasceu em 1921 e faleceu em 1 de fevereiro de 1945, com 24 anos, por tuberculose, contraída quando servia o Exército Brasileiro; sua profissão era enfermeiro (fonte: Cartório do 1.º subdistrito de Taubaté); Maria de Alcântara Vasques, nascida em 8 de dezembro de 1919 em Taubaté e falecida em 7 de novembro de 1990, com 70 anos, era professora primária (fonte: Cartório do 2.º subdistrito de Taubaté); e Marcos Vasques (posteriormente assinando como Marcos Antônio Vasques e finalmente como Marcos Vasques), nascido em 5 de abril de 1917, em Taubaté e falecido em 23 de março de 1978, com 60 anos, de formação indeterminada (Registro Civil das Pessoas Naturais do 14.º subdistrito da Lapa, São Paulo e Cúria Diocesana de Taubaté).

Duas mulheres fizeram parte da vida de Joana de uma forma bastante acentuada enquanto ela viveu. Foram elas Maria da Cruz Vasconcelos, nascida em 2 de maio de 1933 em Taubaté, filha de Vitalina Maria de Jesus Vasconcelos e de pai desconhecido, falecida em 29 de dezembro de 2015 na mesma cidade (Cúria Diocesana de Taubaté); e Otilia de Jesus (posteriormente pelo casamento assinando como Otilia de Paula Santos), nascida em 14 de agosto de 1912, em Taubaté, filha de Caridade de Jesus e de pai desconhecido e falecida em 27 de dezembro de 1998, em Taubaté (Cúria Diocesana de Taubaté).

Consta que Joana teria sido adotada pelo casal formado pelo major João Monteiro de Alcântara e Silva e por Mariana Ferreira de Toledo Alcântara. João Monteiro nasceu em 1840, filho de Francisco Antônio de Alcântara e de D. Mariana Clara Gomes, e faleceu em 14 de novembro de 1908, em Taubaté (Livro de Assentos de Óbitos da Venerável Ordem Terceira de Taubaté). Sua mulher nasceu em Pindamonhangaba, filha de Francisco de Paula Toledo e Silva e de D. Maria Francisca Ferreira Cezar (não consegui saber quando nasceu e morreu Mariana).

É interessante destacar que na Certidão de Óbito de Joana, contida no Registro Civil de Pessoas Naturais e Tabela de Notas do 22.º subdistrito de Tucuruvi, São Paulo, consta como sendo seus pais João de Alcântara (na verdade João Monteiro de Alcântara e Silva) e Jacinta de Alcântara, o que corrobora a tese de que o referido Major seria mesmo o seu pai biológico. Ressalte-se o que consta na Certidão de Óbito da minha avó: o sobrenome *Alcântara*, de seu pai adotivo.

Este indício é comprovado quando se verifica o testamento de João Monteiro de Alcântara e Silva e de Mariana Ferreira de Toledo Alcântara:

Declararam mais que deixam a parda de nome Joana filha da liberta Jacinta que mora em sua companhia, a quantia de cinco contos de réis, cujo pagamento será feito em bens de raiz, que usufruirá durante a sua vida, e por sua morte passará a seus descendentes se os tiver, e se não os tiver passará ditos bens ao Hospital de Santa Izabel desta cidade. Declararam mais que deixam mais à parda Joana a casa de sua morada a Rua Marques do Herval, sob número cento e vinte e sete, com todos os móveis e utensílios que nela se acharem por ocasião de seus falecimentos, legado este sem condição alguma.

(Documento disponível no Museu de Imagem e Som de Taubaté)

Veja-se que o casal tinha um sobrinho de sangue, de nome Isaias Pereira de Toledo, que foi contemplado com a moradia que já ocupava. À época do testamento (23 de março de 1907), Joana tinha 13 anos e sempre morou com o referido major e sua mulher Mariana.

Deixar em testamento para a filha de uma liberta de nome Jacinta (ou Josepha) a morada em que viviam, de maior valia, com treze cômodos e com todos os seus utensílios, evidencia que havia entre o major e a Jacinta e sua filha Joana um sentimento que supera muito o de simples consideração, dando azo a uma questão adjacente: seria ele, afinal, o pai de Joana?

Note-se que naqueles tempos de escravidão, as escravas mais bonitas tinham uma função a mais do que simplesmente dar conta das tarefas caseiras: o de servir ao seu senhor na cama. As evidências sugerem que, de fato, Joana era sua filha e não seria por outra razão que o major lhe deixou em testamento a valiosa casa em que moravam.

Também corrobora com esta afirmação o fato de que Joana, por ser negra, não podia frequentar escolas de brancos e por isso foi educada por professores que iam à sua residência. Ela aprendeu a tocar piano muito bem e falava francês (esta informação me veio há muito tempo e não tive com quem confirmar). Na carta que ela me enviou quando completei três anos, reproduzida acima, a correção de sua letra manuscrita evidencia que ela tinha um certo grau de instrução.

Uma das minhas irmãs relata que a minha avó lhe disse que o major Alcântara promovia saraus na casa deles para introduzir a minha avó na sociedade, ocasião em que ela encantava os presentes com as músicas tocadas no piano. Parece que ele queria, com isso, possibilitar que aparecesse

um interessado em sua filha. Não é difícil imaginar que o major estivesse preocupado com o futuro da Joana. O que seria dela, negra, numa sociedade racista, com o falecimento do major e de sua esposa? Ela se veria numa situação bastante complicada. Embora fosse portadora de uma instrução superior pelos valores da época, mas como negra e sem possibilidade de trabalhar, como iria manter os imóveis que iria receber em virtude de seus falecimentos?

A esposa do major, Mariana, parece que não gozava de boa saúde. Por ocasião da avaliação do bens determinada pelo juiz da Comarca em 13 de outubro de 1908 ela deixa de comparecer em juízo por estar doente, conforme indica (folhas 12 do Inventário de João Monteiro de Alcântara e Silva de 08 de outubro de 1908):

Diz Mariana Ferreira Toledo Alcântara, que tendo sido intimada por despacho de Vossa Senhoria para se proceder a louvação de avaliadores, que avaliam os bens deixados por falecimento de seu marido João Monteiro de Alcântara e Silva, bens estes que estão sendo inventariados pelo Primeiro Cartório, e não podendo a suplicante, por motivo de doença comparecer no lugar, data e hora por vossa senhoria designado, vem por isso apresentar os cidadãos Coronel José Gomes Nogueira e João Martins da Silva para servirem de avaliadores. Assim requer, a vossa senhoria, que se digne, mandar ouvir o coletor [Estadual] Senhor Coronel José Pedro da Silva, digo Pedro Machado Rosa e Promotor de Resíduos Doutor Paulo de Oliveira e Costa e depois, de concordados estes seja esta juntada aos respectivos autos de inventário para os efeitos de direito.

Consta no cumprimento do testamento de sua mãe adotiva, Mariana Ferreira de Toledo Alcântara, ter a minha avó Joana recebido outro legado como segue:

[...] que por esta confirma as disposições contidas naquela escritura e que faz mais os seguintes legados: deixa seu chalet com seu respectivo terreno e quintal à parda de nome Joana, filha de Jacinta, hoje casada com Licínio Vasques, chalet esse sito no largo doutor “Paula Toledo”, nesta cidade e freguesia de Taubaté, e foi em praça pública arrematada pelo falecido João Monteiro de Alcântara e Silva, conforme a respectiva carta de arrematação que possui.

Ainda no testamento de Mariana Ferreira de Toledo Alcântara consta que:

[...] finalmente, deixa à menor Otília, de seis anos de idade, filha de Caridade de Jesus, falecida, a casa com seu terreno e quintal respectivos, sita nesta cidade e freguesia de Taubaté, a rua do Marquês de Herval número noventa e nove, de uma porta e uma janela e que divide de um lado com casa da mesma testadora, de outro lado e nos fundos com propriedade de Benedito Moreira de Andrade.

Mas a Joana e Otília nunca viram a cor destes imóveis!

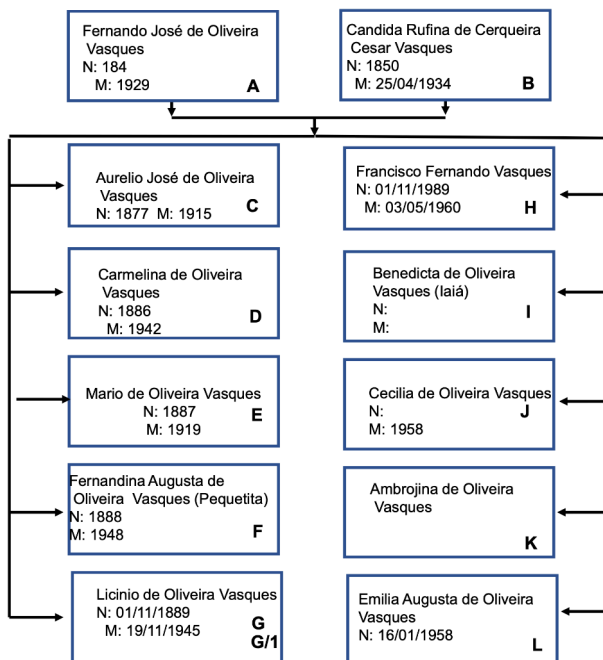
Agora algumas considerações sobre o meu avô Licínio de Oliveira Vasques, casado com Joana. Ele era branco, conforme consta na Certidão de Casamento deles, e era na época do seu casamento funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil. Licínio era um dos dez filhos de Fernando José de Oliveira Vasques e Cândida Rufina de Cerqueira César Vasques.

Consta também que foi funcionário público municipal trabalhando no Mercado Municipal de Taubaté, e que gostava de jogar e teria perdido alguns bens de minha avó em jogatinas. Parece ser verdade esta afirmação, pois a minha avó morreu sem ter um único bem em seu nome,

embora tivesse sido contemplada com vários bens de raiz, como consta nos inventários do major João Monteiro de Alcantara e Silva e de sua mulher Mariana Ferreira de Toledo Alcantara.

Eu fiz uma extensa pesquisa no Cartório de Registro de Imóveis de Taubaté, porém esta se mostrou infrutífera, pois os registros mais antigas da propriedade da Rua Marquês do Herval datam de 1921, enquanto Mariana Ferreira de Toledo Alcântara faleceu em 29 de setembro de 1918. O fato é que os imóveis, tanto da minha avó como de Otilia, foram alienados de alguma forma pelo inventariante, seu marido Licínio Vasques, sem o consentimento delas.

Minha avó Joana casou-se com Licínio de Oliveira Vaques em 14 de junho de 1914, com 20 anos, conforme Certidão de Casamento do Registro Civil de Tremembé.



Com o falecimento de Mariana Ferreira e Toledo Alcântara em 1918, minha avó recebeu imóveis como legados e outros mais como herdeira. Tanto os imóveis que Joana recebeu como legado como os demais como herdeira devem ter sido alienados sem o consentimento dela. Fico imaginando o drama vivido por minha avó, com o falecimento de seu pai adotivo em 1908, ela com 14 anos, sozinha com sua mãe adotiva Mariana, que já se encontrava doente e que veio a falecer dez anos depois. Deve ter sido assustador para ela viver numa sociedade extremamente racista, sendo ela negra, com um dote respeitável naquele tempo, porém sem instrução suficiente e muito menos liberdade pessoal para os administrar.

A prima do meu pai, Bebê, chegou a relatar para mim que na época do casamento da minha avó com Licínio as pessoas comentavam que fora um casamento de interesses, visto tratar-se de um casamento de um branco com pouca instrução com uma negra instruída. Isso era impensável naquela época, evidenciando que o motivo real do casamento não fora o amor – ou melhor, fora o amor ao dinheiro.

Consta no inventário de ambos haver 22 imóveis provavelmente alugados. Tanto é assim que Licínio, inventariante de Mariana, foi afastado da inventariança pelo juiz do inventário por permanecer três anos sem prestar contas dos aluguéis que recebia.

Consta no testamento do Major João Monteiro de Alcântara e Silva os seguintes imóveis:

[...] que os bens constam de imóveis nesta comarca e alguns móveis de casa da residência; os imóveis são: sete casas da rua Marquês do Herval sob números 4, 83, 107, 107-A, 115, 117 e 127, este de residência, onde existem móveis; a casa da rua Duque de Caxias número 6; e da

rua Capitão Afonso Moreira número 29, da rua Coronel João Afonso de números 1, 3 e 5 (três); um chalet de Praça Doutor Paula Toledo; a casa da rua do Correa número 15; casa da rua Consolação; casa da rua São José e uma parte da casa da rua São Francisco, em Tremembé.”

Observe-se o legado deixado por Mariana para Otília, com seis anos de idade, filha de Caridade de Jesus, falecida:

[...] a casa com seu terreno e quintal respectivos, sita nesta cidade e freguesia de Taubaté, a rua do Marquês de Herval número noventa e nove, de uma porta e uma janela e que divide de um lado com casa da mesma testadora, de outro lado e nos fundos com propriedade de Benedito Moreira de Andrade.

A minha avó recebeu a casa da Rua Marques do Herval 127 como legado do testamento de João Monteiro de Alcântara e Silva, recebendo como legado no testamento de Mariana Ferreira de Toledo Alcântara o “chalet com seu respectivo terreno e quintal à parda de nome Joana, filha de Jacinta, hoje casada com Licínio Vasques, chalet esse sito no largo doutor “Paula Toledo”, nesta cidade e freguesia de Taubaté, e foi em praça pública arrematada pelo falecido João Monteiro de Alcântara e Silva.”

Veja-se abaixo um resumo dos bens deixados pelos pais adotivos de Joana:

Avaliação em 21/10/1908 dos bens deixados pelo Major João Monteiro de Alcântara e Silva
Rua Marquês do Herval, casas 4, 79, 83, 99, 107, 111, 115, 117, 127
Travessa Rafael, 77
Rua do Correa, 15
Rua da Consolação, 39
Rua Duque de Caxias, 6
Rua do Patrício, 46
Parque Doutor Paula Toledo (chalet), 27
Rua Capitão Afonso Moreira, 29
Rua Cel. João Afonso, 1, 3, 5
Rua São José, 25
Rua Harmonia, 6, 29
Rua Sao Francisco, 18, Tremembé
Total de 23 imóveis
121 letras da Cia. Norte Paulista
15 letras da Câmara Municipal de Taubaté

Legados
Joana: casas da Rua Marquês do Herval, 127, da Rua Duque de Caxias, 6, e chalet situado no Parque Dr. Paula Toledo, 27

Licínio Vasques, inventariante dos bens deixados por Mariana parece não ter se desempenhado satisfatoriamente do encargo. Veja-se um dos despachos advogado Dr José Aristides Monteiro, representante do testamenteiro dos inventários de João Monteiro de Alcântara e Silva e de Mariana Ferreira de Toledo Alcântara, às fls. 91v informa que:

Impugna, porém, os motivos das folhas 58 quando pretende antepor o inventariante às obrigações do

testamenteiro em silêncio que a lei não consente.

Então, dê o inventariante viesse dizer que o espólio só se compunha de 2 fornos, uma espingarda e uma viola, o testamenteiro tinha de se conformar... para não fazer tumulto.

E questão de nomes, de certo o que o inventariante, em inventário, conhece sob o nome de tumulto, o testamenteiro conhece pela denominação de sonogados.

Isso, porém, depois se verificará como for de direito.

Respeitosamente volta o testamenteiro chamando a atenção do Ilustríssimo Juiz para os contos, e note-se:

1° a inventariada morreu em 29 setembro 1918 mas a conta da folha 21 e de 22 de outubro, isto é mercadorias vendidas à finada já enterrada desde um mês antes – é duro de roer!

2° a conta de folhas 25 diz na segunda parcela – saldo de uma conta até hoje e traz data de 22 de outubro,



Rua Marquês do Herval 127, Taubaté.

ora hoje em 22 de outubro, é um mês depois do enterro da inventariada; e isso não pode ser permitido pelo Ilustríssimo Juiz.

3° Nos recibos de água de folhas 27, 28, 29, 30, 31; nos de luz de folhas 26, não se pode aceitar suas importâncias como dívidas da finada, porque isso representa consumo e a morta não gasta luz, nem gasta água; quem consome é quem paga;

4° na nota de missa de trigésimo dia por 20\$000 também se faz discordância, porque essas missas, em igreja e hora certa, se gratificam com 10\$000, e aquela notinha está até sem responsabilidade de quem quer que seja; é anônima.

5° A conta de folhas 41 não diz quando vendeu a peça de algodão e o mesmo de morim; seria ao tempo da vida da finada? Mesmo porque não vem a conta com datas com datas? Evitaria esta reclamação: mesmo não vindo regular tem de ser feita esta reclamação. Como está, fica impugnada.

6° A conta da folha 43, liquidável mensalmente, com um débito desse mês de 98.600, não pode ser atendida, novamente com data de 24 de novembro.

Eis pois. Se quem reclama esses esclarecimentos demonstra tumultuar o inventário, que se será de quem oferece contas nessas condições, de despesas feitas em nome de quem a mais de mesmos autos das datas das contas, já está interessado? O Ilustríssimo Juiz vê que, a passarem como regulares estas contas, ninguém mais terá cuidado em futuros inventários, e dificuldade aí aparecerá, porque a sementeira frutificará, qual tiririca invencível. Experimente-se e ter-se-ão logo os efeitos.

Não se duvida que venham esclarecimentos que justifiquem tais contas; mas só, como estão, não podem ser aceitos. Provisão, respeitosamente pede-se ao

Ilustríssimo Juiz se digne determinar o que for de justiça.

Em 28 de outubro de 1921 o Coletor do Estado ajuíza uma petição requerendo a destituição de Licínio da função de inventariante. Confira-se:

Tendo falecido a inventariada a 29 de setembro de 1918, iniciou-se este inventário e 7 de outubro do mesmo ano, e já será decorridos mais de três anos sem que o mesmo tivesse o seu termo final, para o pagamento dos impostos devidos a Fazenda do Estado, apesar das constantes e impertinentes reclamações do seu representante. Como, porém, o inventário tem vendido a parte mais importante dos imóveis pertencentes do espólio, e como essa medida, dia a dia deixa o Estado sem mais garantias para arrecadar os impostos, requero que seja feito sem demora o novo cálculo de acordo com o de folhas 77 verso, acrescentando-se ao mesmo mais o imóvel que ficou por fora e que foi posteriormente avaliado a folhas 129 no valor de R\$ 1:500\$000. – Quanto à prestação de contas por parte do inventariante, penso que pode ser posteriormente feita, sem prejuízo da arrecadação dos impostos que a fazenda tem direito, sem os que continham as protelações e quando se chegou ao fim, o Estado não tem o que e nem de quem reclamar o que lhe é devido. Assim sendo, feito o novo cálculo como já segue a Vossa Excelência, requero também a destituição do Senhor Licínio Vasques do cargo de inventariante, e a expedição de editais de praça dos bens necessários no pagamento devido a Fazenda pelo novo cálculo, que Vossa Excelência certamente determinava ao Senhor Contador que o faça em prazo curto.

Taubaté, 1 de dezembro de 1921. O Coletor Alexandre Martins Cesar Miné.

O que acabou acontecendo, conforme despacho do juiz Tavares de Almeida:

De conformidade com o requerido pelo Senhor Coletor de Rendas do Estado, sejam os autos sem demora remetidas ao contador do juízo, o qual no menor prazo possível procederá ao novo cálculo de acordo com o que foi determinado e devido ao incoerente do imóvel [...] avaliado.

E sendo certo que o inventariante Licínio Vasques, tem deixado de cumprir despachos deste juízo, não exibindo impostos que confesso ter no seu poder, dando lugar assim a procrastinação de um feito já tão antigo no foro destituo Senhor Licínio Vasques do cargo de inventariante (artigo 1770 do código civil § único), e, nomeio, para substituto, o cidadão Antônio Rodrigues da Silva, que será intimado a prestar o compromisso: isto de acordo com o requerido pelo Senhor Coletor do Estado. Intime-se.

Taubaté, 12 de dezembro de 1921. Tavares de Almeida.

Lendo estes documentos fica-se com a impressão de que os indícios de que Licínio malversava os bens do espólio sob a sua administração e, por conseguinte, deixando a minha avó sem um único bem recebido como legado de seus pais adotivos, que provavelmente foram alienados sem o seu consentimento. Não é por outra razão que ela deixou este mundo sem um único bem.

Um dia, passando com uma das minhas irmãs na Rua Marquês do Herval, ela parou diante de um casarão e disse, revelando uma grande tristeza: “e pensar que esta casa já foi minha...”

E o que dizer do imóvel que a Otilia recebeu também como legado, e que nunca foi a ela destinado?

São indícios que confirmam o que se afirmava à boca pequena à época do seu casamento, de que o seu marido Licínio era um inveterado jogador e, quem sabe, teria perdido os bens de minha avó em jogatinas.

Chegaram até mim informações de que a minha avó Joana teria criado outras pessoas, mas estas informações posteriormente mostraram-se inverídicas. Na verdade, ela manteve com estas pessoas uma permanente amizade até à sua morte. São elas Maria Vitalina de Jesus Vasconcelos, sua filha Maria da Cruz Vasconcelos e Otília de Jesus (depois Otília de Paula Santos).

3. Lumumba e Nimba: como tudo começou

Era uma tarde como outra qualquer na chácara em que morávamos, em Taubaté. Como fazia todas as tardes para nós, a minha avó preparava um maravilhoso café com leite e bolo de milho, mas o melhor vinha depois. Ela se sentava junto a nós, num banco em frente à porta da cozinha, e ficávamos apreciando o entardecer, com a cantoria dos pássaros se despedindo de mais um dia de aventuras na chácara mágica em que morávamos. Esta chácara tinha muitas árvores frutíferas, uma parte de muita mata nativa e numa de suas divisas corria um riozinho que se transformava, para nós crianças, num rio muito bravo, devido ao volume que assumia decorrente das fortes chuvas.

Depois de um tempo apreciando o final do dia, a gente sempre pedia para ela contar uma história para nós.

Ela sempre nos contava histórias, povoando o nosso imaginário com locais e seres que passavam a conviver com o nosso universo no dia a dia. Mas, naquele dia, antes dela começar mais uma história, perguntei a ela se era verdade que ela era filha de escravos.

Ela olhou para mim com aqueles olhos que só tinham amor para nós, deu um longo suspiro e falou que sim, ela era filha de escravizados, mas que era uma longa história. Em unísono todos nós dissemos a ela que nos contasse, que queríamos saber o que se comentava sobre ela ser filha de escravizados. Ela nos olhou e falou que era uma história muito longa, cheia de muitas tristezas e que talvez não

fizesse bem para nós. Aí sim que a nossa curiosidade ficou extremada. Agarramos as mãos dela e suplicamos que ela nos contasse, pois queríamos saber tudo sobre ela.

E assim começou a história da minha avó, contada por ela mesma.

Tudo começou com o meu avô materno, Lumumba, que era guerreiro de uma tribo do longínquo país chamado Congo, na África. Havia naquela época várias tribos, algumas amigas umas das outras, enquanto outras eram arqui-inimigas entre si. No território de sua tribo havia uma que sempre guerreava com a tribo do meu avô por causa de um grande lago que existia nos arredores. Cada uma das tribos reclamava ser a exclusiva proprietária desse lago, não admitindo concorrência. Infinitas lutas foram travadas entre essas duas tribos, o lago ora passando a ser de uma das tribos, ora de outra, conforme o resultado de batalhas sangrentas entre elas. Na época do meu avô o lago estava sob domínio da outra tribo, de forma que a tribo do meu avô era proibida de sequer chegar perto desse lago.

Um dia o meu avô Lumumba saiu sozinho de madrugada para caçar. Era uma época de seca e os animais tinham migrado para lugares com mais água e vegetação. Ele andou durante horas sem nada encontrar. Voltando para a sua tribo, encontrou um impala pastando sozinho, mas assim que este percebeu a presença do meu avô, saiu em debandada. O meu avô correu atrás, mas

sem perceber que o impala entrara em terras da tribo inimiga, dirigindo-se para o lago. Quando percebeu que estava perto do lago ele parou e resolveu voltar, mas notou um barulho de alguém estar se banhando. Com muito cuidado aproximou-se e verificou que havia uma jovem da tribo inimiga se banhando. Ele ficou extasiado com a sua beleza e ficou ali parado admirando-a.

Ela, por sua vez, percebeu que alguém a estava espionando, mas pensando tratar-se de um guerreiro de sua tribo, continuou a se banhar, deixando que o curioso ficasse a admirá-la.

Meu avô ficou ali maravilhado com a beleza da jovem e quando ela se preparava para ir embora ele rapidamente fugiu do local, agora ciente de que estava em território inimigo e sujeito a ser morto.

Nas semanas que se seguiram, Lumumba ficou com aquela imagem da jovem na cabeça e atormentado por ela pertencer à tribo inimiga, o que afastava qualquer possibilidade de aproximação. Mesmo assim, correndo risco de ser atacado pelos guerreiros da tribo inimiga, algumas vezes voltou ao lago, sorrateiramente, para ver se encontrava a tal jovem, ficando frustrado por não a encontrar.

A jovem, por seu lado, ao voltar para a sua tribo, procurou por um olhar mais demorado de um dos guerreiros, por ter tido a oportunidade de vê-la se banhando, mas estranhou porque ninguém se manifestou como ela estava esperando, o que a deixou surpresa e curiosa. Será que ninguém me aprecia? Ficou com essa dúvida

martelando a sua cabeça. E quando voltava a se banhar na lagoa, disfarçadamente olhava para o local onde percebera que alguém a espionara naquele dia, esperando encontrar aquele mesmo olhar curioso.

O tempo foi passando sem que os dois conseguissem se encontrar, pois embora o meu avô tivesse voltado em muitas oportunidades, nunca mais a encontrara.

Mas, parece que o destino tinha outros planos para eles.

Muitas semanas depois do encontro de Lumumba com aquela jovem da tribo inimiga, meu avô e outros dois guerreiros saíram para caçar. Depois de várias horas conseguiram caçar um impala e resolveram voltar para casa. Ao retornarem ele olhou para o lago e sentiu uma vontade imensa de, mais uma vez, tentar olhar aquela jovem que o enfeitiçara. Falou para os seus companheiros irem na frente, que ele iria mais tarde. Com muito cuidado, espreitando à volta para se assegurar que não havia guerreiros da tribo inimiga, foi até a lagoa e para sua surpresa, lá estava a jovem se banhando. Ela percebeu que alguém a espionava, mas mais uma vez fingiu não perceber. O meu avô desejava muito mostrar a ela que havia alguém que a admirava, mas estava consciente de que se tratava de um guerreiro da tribo inimiga, logo ele não teria como se aproximar. Mas, ao mesmo tempo, queria fazer alguma coisa para ela saber que estava sendo apreciada e num ímpeto de chamar a sua atenção, ocorreu-lhe deixar um

sinal, algo de que ela tomasse conhecimento, sem saber a sua origem.

Apanhou uma de suas flechas, partiu a ponta e, com muito cuidado e silenciosamente, a deixou ao lado da roupa dela e se afastou cuidadosamente, voltando rapidamente para encontrar os seus companheiros, com o coração aos pulos pela coragem da iniciativa tão destemida.

A jovem, ao acabar de se banhar e voltando para se vestir, encontrou aquela ponta de flecha e tomou um enorme susto, pois reconheceu que esse tipo de flecha era usado pela tribo inimiga. Ela ficou em pânico ao compreender que aquele que a estava espionado não era um guerreiro de sua tribo, e sim da tribo mais inimiga da sua. Mas, aos poucos e sem saber o por-quê, uma grande calma vagorosamente tomou conta dela. Isso a deixou ainda mais preocupada pois o natural seria sentir uma aversão por qualquer coisa que viesse daquela tribo e muito menos que alguém de lá a estivesse espionando. Olhou mais uma vez para aquela ponta de flecha e num movimento instintivo, guardou-a em suas coisas e voltou para sua tribo.

As semanas seguintes foram de profunda angústia para ambos. Ele, se perguntando se a jovem vira a ponta de flecha, pois sabia que ela se a encontrasse saberia que vinha de uma tribo arqui-inimiga da sua e ficava se perguntando: como ela teria reagido? Guardara para si? Jogara fora ao descobrir tratar-se de algo que vinha de uma tribo inimiga? Ou guardara na expectativa de um dia encontrar o seu dono?

Ela, por sua vez, estava constantemente com o coração aos pulos ao descobrir que a ponta de flecha era da tribo inimiga da sua, mas ao mesmo tempo com uma alegria que não sabia de onde vinha, por ter sido espionada por aquele invisível homem da tribo inimiga. Eram dois sentimentos conflitantes e ela não sabia como conciliá-los.

Ao mesmo tempo em que sentia uma aversão por ter sido espionada por um guerreiro da tribo inimiga, sentia um calor no coração, uma incontida alegria por saber que alguém a estava admirando. Uma coisa era certa, se na tribo dela soubessem desse pequeno envolvimento, ao guardar algo da tribo inimiga, os castigos seriam violentos, além de não ser mais possível formar no futuro uma família com qualquer dos guerreiros da sua tribo.

Passaram-se muitas semanas durante as quais as dúvidas consumiam ambos, sem que um soubesse nada do outro.

Alguns meses depois de deixar a ponta da flecha para a jovem da tribo inimiga, correu o boato na tribo de Lumumba que caçadores de homens estavam por perto, razão pela qual os guerreiros foram chamados pelo chefe da tribo para se prepararem caso os traficantes de escravizados chegassem até à tribo deles.

Poucos dias depois foram surpreendidos com o ataque dos caçadores, que atacaram a tribo durante a madrugada. Houve uma batalha feroz e muitos guerreiros foram mortos, mas a maioria aprisionada, e entre eles o meu avô Lumumba.

Os prisioneiros foram acorrentados e obrigados a se dirigir até à zona portuária, atravessando o território do Congo por várias semanas. No porto foram trocados com os responsáveis pelos navios negreiros por mercadorias como bebidas, instrumentos cortantes, fumo ou pólvora. Cada escravizado recebia uma marca de ferro quente para identificar a quem pertencia.

Eles foram embarcados sem que tivessem a mínima ideia para onde estavam sendo levados. Nessa oportunidade os navios estavam se dirigindo para o porto do Rio de Janeiro,

Embarcaram cerca de 350 escravizados de diferentes idades. A viagem durou cerca de 60 dias, durante os quais cerca de um terço deles morreu devido a doenças como o escorbuto, varíola, sarampo, febre amarela ou distúrbios gastrointestinais. Meu avô, como era um homem muito forte, chegou sem doenças, mas muito enfraquecido pela escassa alimentação que recebia e as duras horas de trabalho a que eram submetidos no navio.

Lumumba desembarcou no porto do Rio de Janeiro, onde foi adquirido, junto com outros escravizados, por um fazendeiro de café do Vale do Paraíba. Todos foram alimentados e tratados de suas doenças durante vários dias para se fortalecerem, pois teriam que se deslocar a pé para locais distantes do porto, para as plantações de café.

Nessa época o meu avô tinha cerca de 25 anos. Ele trabalhou por cerca de cinco anos numa fazenda de café nos arredores de uma fazenda no

Vale do Paraíba. Com alimentação adequada e com o duro trabalho nos cafezais, Lumumba adquiriu o seu viço anterior, e a sua força era respeitada pelos demais escravizados e pelos feitores. Mas depois de cada dia de trabalho, à noite sonhava com a sua tribo, seus parentes e amigos e, sobretudo, com aquela jovem cujo nome não chegara a saber. A cada noite, antes de dormir, pensava intensamente nela, sobre o que teria lhe acontecido, se guardara a ponta de flecha que deixara sobre as suas vestes, naquele dia tão longe, mas que parecia que fora ontem.

Um dia, sem saber o motivo, muitos escravizados, inclusive Lumumba, foram vendidos para um bandeirante que estava iniciando uma plantação de cana de açúcar, o que demandava uma grande mão de obra escrava.

Era uma fazenda enorme, onde existia uma grande senzala em que os escravizados dormiam depois de um duro dia de trabalho, no chão, tendo como colchão apenas palhas de diferentes vegetais. A única separação que havia era entre homens de um lado e mulheres e crianças de outro.

Alguns meses depois houve um grande reboleio na fazenda, pois correu o boato que iria chegar outra leva de escravizados para suportar a plantação de cana de açúcar que fora ampliada, tendo os escravizados que aumentar a senzala para poder receber os novos habitantes.

Dentre os novos escravizados havia várias mulheres e crianças. E dentre elas o meu avô levou um enorme susto, pois ali estava aquela jovem que um dia espionara na lagoa. Era uma

mulher muito bonita e o meu avô percebeu que ela trazia no pescoço um colar que tinha uma ponta de flecha pendurada. Meu avô ficou paralisado não acreditando no que estava ocorrendo, pois ali estava, perto dele, aquela jovem que atormentara as suas noites e dias, sonhando com ela. Mas ela não sabia que aquele que o espionara era o meu avô. Ela apenas guardou aquela ponta de flecha como um talismã, como um objeto capaz de protegê-la de todos os males, pois sabia que quem deixou aquele objeto para ela fora alguém que a admirou naquele longínquo dia em que se banhava na lagoa de sua tribo.

A chegada da jovem mulher, cujo nome ficou sabendo ser Nimba, modificou enormemente a vida social da senzala, pois vários homens começaram a olhar para ela com claros desejos de uma maior intimidade. Mas ela a todos repelia, sem interesse. O meu avô ficou preocupado, pois como poderia chegar a ela e lhe dizer que fora ele que lhe deixara aquela ponta de flecha? Como comprovar que fora ele que a espionara?

Depois de muito pensar, decidiu que iria fazer, em madeira, uma ponta de flecha igual àquela que ela trazia no pescoço para que ela tivesse certeza de que fora ele que lhe deixara aquele objeto quando se banhava na lagoa. Assim, dia após dia, depois do turno de trabalho, ele se esmerava em produzir em madeira uma ponta de flecha igual àquela que deixara para a jovem.

Num dia de descanso dos escravizados o meu avô chegou até ela e sem nada dizer, apresentou a ela a ponta de flecha de madeira. Ela olhou e ao

perceber que era idêntica àquela que estava pendurada no seu pescoço, olhou longamente para ele, procurando saber se era mesmo aquele que a espionara naquele dia em que se banhara no lago. De repente veio à sua lembrança que o possuidor daquela ponta de flecha era inimigo de sua tribo, mas o olhar daquele homem em frente dela não tinha nada de inimigo e sim lhe transmitia um sentimento de paz, de calma. Ficaram assim os dois sem emitirem uma única palavra, mas com um universo de pensamentos que trocavam sem parar, cada um querendo saber do outro, que acontecimentos vivenciaram até chegar àquele momento.

Neste momento minha avó interrompeu a história, dizendo que já estava escuro e era hora de as crianças entrarem para tomar banho, jantar e ir dormir, pois teriam que ir para a escola logo cedo.

Nós reclamamos na mesma hora, pois estávamos tão empolgados com o desenrolar da história que não queríamos de maneira nenhuma que ela fosse interrompida. Mas minha avó Joana foi taxativa: era hora de as crianças tomarem o rumo da casa e se prepararem para dormir. Não teve jeito, e por mais que reclamávamos tivemos que entrar.

Mas, na hora de dormir ficávamos especulando o que ia acontecer, pois pelo desenrolar da história, os dois que se encontraram seriam os ascendentes de Joana. E naquela noite fomos dormir sonhando com escravizados, navios, feras, e um mundo que para nós só existia nas histórias contadas por minha avó.

No dia seguinte fomos para a escola e nunca tivemos tanta vontade que chegasse a hora de voltar para casa e ouvir a continuação daquela história que estava nos envolvendo demais. Pedimos à nossa avó que continuasse a história depois do almoço, mas ela foi logo dizendo que não tivéssemos pressa, pois a história iria continuar se nós nos comportássemos bem, almoçássemos e fizéssemos a lição de casa. Depois do lanche da tarde, aí sim ela daria continuidade à história.

Nunca esse tal lanche foi tão demorado.

Depois de lanchar, finalmente sentamo-nos com nossa avó no banco em frente à porta da cozinha e em respeitoso e ansioso silêncio ficamos com o olhar fixo nela, que percebendo a nossa tensa expectativa, continuou.

Depois daquele encontro em que mil palavras foram trocadas em absoluto silêncio, todos os dias eles se sentavam juntos, após o trabalho, para cada um contar para o outro o que acontecera até eles se encontrarem.

Nimba começou contando para Lumumba a angústia que sofreu ao descobrir que a ponta daquela flecha era de um guerreiro inimigo mortal de sua tribo. Mas, que ficara ao mesmo tempo curiosa de conhecer aquele guerreiro atrevido de outra tribo, que tinha coragem de vê-la se banhar de forma sorrateira. Disse que ficara muitas semanas indecisa pois, de um lado, não desejava nada vindo de uma tribo inimiga, mas por outro, estava curiosa de saber quem era esse guerreiro que a espionara no banho. Tinha

voltado ao lago muitas vezes e de forma velada olhava para a mata ao redor com a esperança de encontrar aquele olhar curioso, mas que sempre voltava frustrada. Disse também que resolvera guardar aquela ponta de flecha, embora correndo o risco de ser denunciada por guardar algo da tribo inimiga.

Nimba contou que se passaram muitos meses e ela acabou esquecendo-se dessa ponta de flecha, quando a sua tribo foi atacada por caçadores de escravizados. Muitos deles foram mortos e os que sobreviveram, ela inclusive, foram acorrentados e levados para serem vendidos para traficantes de escravos, que os enviavam como mercadorias para outros países. Depois da viagem, que durou mais de 30 dias, chegaram no porto de Santos, foram leiloados e enviados para trabalhar em lavouras de café no interior de São Paulo.

Ficaram numa fazenda de café por vários anos. Quando o fazendeiro morreu, seus filhos quiseram desfazer-se de parte dos escravizados, vendendo-os para um bandeirante que por lá passara em busca destes para iniciar uma plantação de cana de açúcar, vindo parar nessa fazenda. Estando longe de seus familiares, Nimba resolveu fazer um cordão e pendurar aquela ponta de flecha na esperança que a protegesse de todos os males.

Lumumba, por sua vez, contou o que acontecera com ele até chegar a essa fazenda. E continuaram assim, dia após dia, a contar o sofrimento a que foram submetidos desde que

foram caçados como animais e vendidos como objeto nos portos do Brasil e nas fazendas de café e cana de açúcar.

Eles não estavam felizes naquela fazenda, pois trabalhavam de sol a sol todos os dias, só folgando no domingo. E um dia começaram a conversar sobre a possibilidade de fugir para longe.

Sabiam dos terríveis castigos a que eram submetidos se fossem encontrados, mas o que mais temiam eram os cães que os feitores soltavam para os encontrar, causando-lhes enormes feridas nas pernas e nos braços, quando não os aleijavam de vez. Os cachorros eram a grande preocupação caso resolvessem fugir.

Lumumba e Nimba, como habitantes de florestas, sabiam como se esconder nas matas e tinham certeza de que, se fugissem, não seriam localizados. O problema eram os cães, que com o faro e a velocidade com certeza os encontrariam.

Foi Nimba que um dia disse a Lumumba que tinha uma ideia de como poderiam se tornar invisíveis para os cães. Ela conhecia uma erva que se fosse amassada, fervida e depois de fria passada no corpo, tornava o odor deles como se fosse o de uma árvore queimada, tornando impossível para os cães os farejarem. E assim deram início ao plano de fugir daquele local.

O que eles não sabiam era que o feitor, um escravizado liberto que tomava conta dos demais, ficara impressionado com a beleza de Nimba e tinha planos de torná-la sua companheira, porém viu-se frustrado com o interesse dela por aquele escravizado que não saía de

perto. E diante das intermináveis conversas entre eles, o feitor começou a desconfiar que estavam tramando alguma coisa – certamente fugir daquele local. Por isso passou a exercer uma vigilância severa sobre eles, o que Nimba e Lumumba perceberam, e trouxe uma maior dificuldade para seu plano de fuga.

Porém, aconteceu uma coisa que exacerbou a necessidade de fugirem: Nimba descobriu que estava grávida. Diante disto, começaram a agilitar os preparativos para a fuga.

Foi neste momento que houve um grande alvoroço na fazenda, pois chegara a notícia de que o proprietário da fazenda Boa Esperança fora morto devido a uma revolta de escravizados. Naquela época o que os fazendeiros mais temiam eram estas revoltas, pois além de significar a perda de mão de obra para as plantações, continham um germe de liberdade que poderia se alastrar, com consequências desastrosas e imprevisíveis para a economia das fazendas. Por isso os fazendeiros puniam com extrema crueldade as insurreições, impondo pesados castigos corporais, a morte dos líderes e a exposição em pelourinhos para desencorajar outras aventuras dessa natureza.

A convocação de homens da fazenda para compor a expedição que iria atrás dos insurgentes trouxe ao feitor uma oportunidade de afastar Lumumba daquela que ele queria para si, e assim convocou-o para participar do esforço comum contra os insurretos.

A expedição, formada por componentes das várias fazendas ao redor, foi ao encalço dos

dissidentes. Como a grande maioria era formada por escravizados, havia entre estes um sentimento de conflito, pois estavam se dirigindo para conter escravizados como eles, que se revoltaram para serem livres – o que eles também aspiravam em seu íntimo. Assim, dirigiam-se para a empreitada como se estivessem combatendo a si mesmos.

Depois de vários dias de marcha pelas matas, a expedição foi surpreendida por uma emboscada. Houve uma luta intensa, com perdas de vida de ambos os lados, sendo que a expedição surpreendida foi obrigada a bater em retirada e muitos dos seus membros foram aprisionados pelos insurretos. Entre estes se encontrava Lumumba, que foi levado à presença do chefe dos insurgentes, e travaram o seguinte diálogo:

– De que fazenda você veio?

– Da fazenda do coronel Herculano.

– Por que você está lutando contra os seus irmãos, que pretendem ser livres tanto quanto você?

– Eu não tenho alternativa, se recuso sou castigado ou sou morto, para desencorajar atitudes contrárias à participação nas expedições.

– O que você pretende fazer? Ficar conosco nessa luta pela liberdade ou voltar para a sua escravidão?

– Eu gostaria de lutar pela liberdade, mas só se puder buscar a minha companheira, que está grávida.

– Você vai buscá-la. Vou destacar dois guerreiros para irem com você.

– Meninos, hora de ir para a cama, que amanhã vocês precisam levantar cedo para ir à escola – disse de repente a minha avó.

Com muita ênfase pedimos para ela continuar a história mais um pouco, mas de nada adiantou. Tivemos que nos recolher, mas demoramos muito a adormecer, enredados nessa história que a nossa imaginação completava com mil caminhos alternativos.

No dia seguinte, acabamos de almoçar e ficamos parados e com olhar fixo na nossa avó, esperando que ela continuasse a história. Ela nos olhou e foi logo dizendo para a gente se mexer, sair da mesa e ir fazer as lições de casa, pois só assim a história iria continuar. Fomos fazer nossas tarefas e mais tarde ela continuou a história.

Lumumba e os dois guerreiros voltaram para a fazenda do coronel Herculano, com o objetivo de encontrar e levar a companheira de Lumumba, que estava grávida. Esperaram o anoitecer e Lumumba, com muito cuidado, dirigiu-se para a senzala procurando por Nimba, mas não a encontrou. Conversou em silêncio com outros escravizados e ficou sabendo que o feitor a levava para morar com ele num casebre um pouco mais afastado da senzala.

Lumumba voltou para os dois guerreiros e lhes disse o que tinha acontecido: era preciso tirar Nimba do casebre do feitor. Eles foram para lá em silêncio e com muito cuidado. Chegaram

perto do casebre e perceberam que havia uma vela acesa, logo havia gente. Lumumba e os guerreiros confabularam e traçaram um plano para tirar Nimba das garras do feitor.

De repente, houve um barulho em frente do casebre e o feitor saiu para ver do que se tratava. Viu um vulto caído a poucos metros da entrada do casebre. O feitor foi até lá, virou o corpo caído para saber quem era e nesta hora um dos guerreiros enfiou um punhal no peito do feitor, que caiu morto na mesma hora. Lumumba então saiu correndo do mato, entrou no casebre e viu Nimba deitada no chão, com as mãos e os pés amarrados. Lumumba a desamarrou, enquanto ela chorava muito nos seus braços. Lumumba disse a ela que precisavam fugir rapidamente e então ela mostrou que trazia amarrada em sua cintura aquelas folhas que deveriam passar no corpo para despistar os cachorros. E assim fizeram todos eles, esfregando aquela planta no corpo.

Andaram durante a noite toda e ao entardecer do dia seguinte chegaram ao esconderijo dos insurretos.

No dia seguinte, o coronel Herculano estranhou a demora do feitor e mandou um dos seus escravizados ir buscá-lo no seu casebre. Pouco depois este voltou com a notícia de que o feitor estava morto. O coronel ficou muito assustado, pois entendeu que a insurreição estava chegando à sua fazenda, não sabendo se fora morto por algum de seus escravizados ou por algum daqueles malfeitores que andavam assaltando as fazendas e libertando os escravizados.

Resolveu se dirigir ao local onde estava morto o seu feitor. Lá chegando, verificou que não havia sinal de luta, o que significava que o feitor tinha sofrido uma emboscada. Entrou no casebre onde morava o feitor e encontrou as cordas cortadas, indicando que alguém estava preso e foi libertado.

Fazendo perguntas aos diversos escravizados, ficou sabendo que Lumumba e Nimba constituíam um casal e que o feitor tudo fez para afastá-los, inclusive indicando-o para compor a expedição montada para derrotar os insurretos da outra fazenda. Juntando uma coisa e outra, o fazendeiro concluiu que o feitor manteve Nimba presa em seu casebre na tentativa de fazê-la sua companheira, mas fora morto por Lumumba, talvez auxiliado por outros escravizados.

A circunstância de matar o feitor, independentemente de quem era ele como pessoa, tinha um significado, uma mensagem que deixou o fazendeiro muito preocupado: qualquer um poderia, na calada da noite, ser morto sem que ninguém percebesse, tal como acontecera ao proprietário da fazenda Boa Esperança.

Herculano decidiu que era necessário ir atrás de Lumumba e de sua companheira, trazê-los de volta para a fazenda e aplicar a Lumumba um rigoroso castigo físico, de modo a desencorajar qualquer iniciativa futura de fuga ou insurreição. Imediatamente chamou um dos escravizados mais antigos e disse a ele para levar um bilhete para a fazenda do coronel Antunes, que fazia limite com a sua, para que viesse a seu encontro com urgência, para tratar de assuntos de interesse de ambos.

Quando o coronel Antunes recebeu o recado do seu vizinho, logo desconfiou tratar-se fugas ou de insurreição de escravizados. Resolveu atender logo ao chamado, pois nesse caso era preciso tomar medidas urgentes e drásticas para poder estancar estes movimentos que poderiam levar as fazendas à ruína.

No dia seguinte, o coronel Antunes e o coronel Herculano fecharam-se no escritório e este colocou o seu vizinho a par do que aconteceu com o feitor, morto no escuro da noite. Demonstrou a preocupação de localizar Lumumba e sua mulher, trazê-los de volta para fazenda e aplicar ao escravizado um castigo bastante rigoroso, de forma que todos soubessem o que estava reservado para quem se aventurasse a fugir da sua fazenda.

Propôs então ao coronel Antunes que ambos criassem uma expedição com escravizados de ambas as fazendas, sob o comando do feitor da fazenda do coronel Antunes, para localizar o casal e trazê-los de volta para a fazenda do coronel Herculano. Foi criada uma expedição com dez escravizados, cinco de cada fazenda, e com vários cachorros para dar início à captura do casal foragido.

Enquanto isso, Lumumba e Nimba chegaram à sede dos insurgentes e pediram para conversar com o chefe deles. Lumumba relatou o que acontecera na fazenda do coronel Herculano, tendo sido morto o feitor que mantinha Nimba em cativo em sua cabana. Também disse ao chefe dos insurretos que ele queria continuar a sua fuga,

pois com certeza o coronel Herculano já estaria preparando uma expedição para capturá-los e aplicar a ambos rigorosos castigos corporais, deixando clara a mensagem: qualquer tentativa de fuga ou insurreição seria repelida com extrema violência. O medo da insurreição se espalhava na mente dos coronéis da vizinhança.

O chefe dos insurgentes não gostaria de enfrentar uma escaramuça por causa de um casal de escravizados fugidos de uma fazenda. O seu objetivo maior era de criar um local onde os escravizados fugidos de qualquer fazenda pudessem se sentir livres e tivessem a garantia de que não mais seriam escravos, mas pessoas com direitos e obrigações na construção do local em que viveriam em liberdade. Por tais motivos, concordou com o que Lumumba lhe pedia e o ajudou nos preparativos para que eles continuassem fugindo.

Na hora da partida deu a eles dois canudos e lhes disse para evitarem as matas e se deslocarem sempre perto das margens do rio Paraíba do Sul, pois caso os cães os farejassem eles poderiam entrar na água e respirar utilizando o canudo que estava lhes dando. Em seguida eles partiram para o seu destino.

Mais uma vez a narrativa foi interrompida por minha avó, lembrando a nós que estava na hora de irmos para a cama, pois amanhã precisávamos levantar cedo para ir para a escola.

Pedimos para ela continuar a história mais um pouco, mas de nada adiantou. Tivemos que nos recolher, mas demoramos muito a adormecer, enredados nessa história que a nossa imaginação completava com os mais variados finais, cada um mais elaborado que o outro.

No dia seguinte, nem sentimos o gosto da comida, tal a pressa para terminar o almoço e nos prepararmos para que ela continuasse a história. Ele nos olhou e foi logo dizendo para a gente se mexer, sair da mesa e fazer as lições de casa, pois só assim a história iria continuar.

A fuga de Lumumba e Nimba não foi nada fácil. Eles se deslocavam junto às margens do rio Paraíba do Sul, mas a vegetação era muito fechada, o que dificultava o avanço.

Eles se deslocavam durante o dia e dormiam à noite em cima de árvores, para evitar que fossem atacados pelas feras noturnas. Antes de dormir realizavam um ritual cuidadoso: esfregavam em seus corpos as folhas que encontravam no caminho e que impediam que os cães e outras feras os encontrassem.

Após o quarto dia de fuga, logo após o almoço, eles escutaram ao longe o latido de cães farejadores. Significava que, de alguma forma, os cães os tinham farejado e logo os alcançariam. Resolveram então buscar um local em que pudessem entrar no rio e permanecer submersos, respirando através dos canudos que haviam recebido do chefe dos insurretos.

Logo em seguida os cães chegaram e ficaram se movimentando junto às margens do rio, onde eles estavam submersos. Depois de muito conversarem, os perseguidores concluíram que eles deveriam ter morrido afogados, pois o rio estava muito cheio e com muita correnteza devido às constantes chuvas da época. Assim, abandonaram a perseguição e voltaram para as suas respectivas fazendas, levando aos fazendeiros Herculano e Antunes a notícia de que os perseguidos teriam morrido afogado, pois os cães os farejaram até as margens do rio Paraíba do Sul.

Depois que eles se foram, Lumumba e Nimba saíram das margens do rio, com muito frio, mas aliviados por perceberem que não seriam mais molestados por seus perseguidores. Aquela noite foi a primeira vez que conseguiram ter um sono tranquilo e reparador. Na manhã seguinte continuaram a se deslocar até que encontraram algumas escravizadas lavando roupas na beira do rio. Eles se aproximaram e perguntaram a elas onde eles estavam. Elas responderam que se encontravam nas terras de um fazendeiro paulista, coronel Márcio, que era muito rígido, mas também muito justo, tratando-os com respeito e assegurando a eles uma vida digna, de forma que estavam felizes na fazenda na qual moravam.

Lumumba e Nimba resolveram procurar o tal coronel paulista e pedir a ele que os empregasse na fazenda. Foi uma conversa inicialmente difícil, pois eles não possuíam cartas de alforria, sendo considerados fugitivos de alguma fazenda – e sabe-se lá o que teriam aprontado por lá.

Mas o olhar de ambos mandava uma outra mensagem para o coronel. Era um olhar de súplica, de pessoas que estavam fugindo não por terem feito algo maléfico na fazenda de onde vieram. Eles tresandavam nos olhos e nas posturas uma enorme vontade de terem um lugar onde pudessem desfrutar de uma vida com um mínimo de dignidade e de paz. Mas apesar deste sentimento que ambos provocavam no fazendeiro, ele, ainda assim, estava reticente.

O coronel havia recebido notícias de uma revolta numa fazenda não muito próxima, na qual os escravos haviam fugido depois de matar o proprietário e alguns funcionários da fazenda. E que fora constituída uma expedição para prender e castigar os revoltosos. Teriam estes dois participado daquela revolta? Eles não aparentavam ser pessoas violentas, ao contrário, passavam uma sensação de pessoas do bem.

Percebendo a dúvida do fazendeiro, Lumumba disse a ele que precisavam de um local para se estabelecer, pois a sua esposa estava grávida e precisariam de um local para que pudessem constituir a sua família.

Diante deste argumento o coronel resolveu atendê-los e os contratou para a sua fazenda, destinando Lumumba para as atividades na roça de cana de açúcar e Nimba para ajudar nas atividades da casa-grande da fazenda, dando a eles uma pequena casa de pau a pique com um pequeno quintal nos fundos.

E assim eles começaram uma nova fase de vida, numa casa bastante pobre, de apenas um

quarto, uma sala e uma cozinha de fogão a lenha. A casa era toda ela de terra batida, mas para eles era um palácio, pois vislumbravam a família que estavam construindo, com a chegada de seu primeiro filho (ou filha).

Lumumba saía cedo para trabalhar na roça e só voltava à noite. Nimba trabalhava o dia todo nas atividades de limpeza e manutenção da casa grande, voltando para a sua casinha ao anoitecer para esperar a chegada de Lumumba.

Lumumba, devido à sua força física e à sua habilidade nas atividades da roça de cana de açúcar, logo caiu nas graças do fazendeiro, vendo nele um trabalhador especial, que nunca reclamava de nada e era pontual em tudo que lhe era mandado fazer. Também Nimba tinha o mesmo perfil nas atividades que desempenhava no casarão.

Alguns meses depois que ambos estavam entrosados com as rotinas da fazenda, o coronel paulista recebeu um mensageiro da fazenda do coronel Herculano, com a missão de relatar os crimes que aconteceram em sua fazenda e a fuga de dois escravizados que assassinaram o feitor: Lumumba e Nimba. O coronel ouviu em silêncio e depois de terminado o recado disse ao mensageiro que ele iria ficar atento e caso estes escravizados aparecessem em sua fazenda ele os prenderia de imediato e os enviaria para a fazenda do coronel Herculano.

Depois que o mensageiro se retirou, o coronel ficou pensativo. Os dois escravizados a que se referira o mensageiro estavam, evidentemente,

em sua fazenda e ele não iria simplesmente os delatar sem antes ouvir deles próprios o que acontecera realmente, pois ele tinha um respeitável conhecimento do caráter das pessoas com que trabalhava e aqueles dois, definitivamente, não eram assassinos. Mas teria que confrontá-los, pois poderia estar enganado.

No dia seguinte, após o término de mais um dia de trabalho, mandou chamar os dois para uma conversa. Quando eles chegaram, o coronel foi direto ao assunto, relatando a chegada do mensageiro da fazenda do coronel Herculano e o que ele lhe contara.

Lumumba respirou fundo e disse que iria contar o que realmente aconteceu naquela fazenda.

Relatou o encontro com Nimba e os eventos que antecederam até se encontrarem na fazenda do coronel Herculano, e que o feitor nunca se conformou com o casal e tudo fez para separar Lumumba de Nimba. Até que um dia tendo chegado à fazenda do coronel Herculano a notícia de uma insurreição de escravizados e a morte de um fazendeiro numa fazenda localizada nas redondezas, foi formada uma expedição com a finalidade de combater os insurretos, e cada fazendeiro devia enviar dois ou três escravizados para compor o grupo. E o feitor viu neste momento a oportunidade de separar Lumumba e Nimba, determinando que ele, Lumumba e dois outros escravizados fossem compor a expedição.

Este grupo entrou em confronto com os escravizados da insurreição e houve mortes de lado a

lado, mas o grupo insurreto, mais organizado, saiu vencedor. Aqueles que não morreram foram feitos prisioneiros e levados à presença do chefe da insurreição. Este esclareceu que eles estavam combatendo do lado errado, pois todos eles, os insurretos e os combatentes, eram escravizados e lutavam por um objetivo comum: a liberdade. Informou que eles não seriam mortos, pois foram obrigados a entrar numa luta que não era deles, conclamando-os a passar para o lado deles, pois tinham um inimigo comum: a escravidão.

De forma que Lumumba, que fora feito prisioneiro, disse ao chefe dos insurretos que ele gostaria de participar desta luta pela liberdade, mas antes precisaria buscar a sua esposa que ficara retida pelo feitor e estava grávida de seu primeiro filho.

O chefe dos insurretos então lhe disse que lhe daria dois outros guerreiros para que fossem até a fazenda do coronel Herculano buscar a esposa de Lumumba.

Eles se dirigiram para a fazenda do coronel Herculano, diretamente para o casebre do feitor, pois seguramente Nimba estaria lá. Um dos escravizados que viera com Lumumba era originário desta fazenda e tinha contas a acertar com o feitor e propusera uma forma de o abordar. E o fez de forma que o feitor acabou sendo morto por ele.

Diante do relato, o chefe dos insurretos concordou com a fuga e nos ajudou a executá-la, e assim Lumumba e a Nimba chegaram à fazenda

do Coronel Márcio. Este ouviu o relato em silêncio e compreendeu toda a trama envolvida na fuga deles e se sentiu aliviado, pois percebera sinceridade nas suas palavras e que não fora ele quem matara o feitor do coronel Herculano. O coronel paulista disse-lhes que continuassem com a rotina de trabalhos deles e ficassem sossegados, pois estavam protegidos na fazenda dele.

Mais uma vez a nossa avó Joana interrompeu a narrativa num momento de grande expectativa do que iria acontecer, nos mandando para a cama, já que tínhamos responsabilidades a cumprir logo cedo no dia seguinte.

Como de praxe, de nada adiantou reclamarmos pela interrupção e fomos para a cama com mil pensamentos sobre o que iria acontecer com Lumumba e Nimba.

No dia seguinte, após cumprimos com as nossas responsabilidades, como a nossa avó costumava dizer, colocamo-nos em prontidão para que ela continuasse o relato.

E assim as coisas continuaram. Meses depois, nasceu o primeiro filho deles, uma menina, que recebeu o nome de Josepha.

Nimba, ainda na sua terra natal, recebera um conhecimento sobre as plantas, conhecimento que era passado da mãe para filha, essencial para quem, no futuro deveria cuidar de filhos numa família. Ela aprendera com a sua mãe o conhecimento sobre o poder curativo das plantas, como

encontrá-las nas matas e para que servia cada uma. À medida em que Josepha crescia, Nimba ia com ela às matas ao redor da fazenda, transmitindo a ela o conhecimento que recebera de sua mãe sobre as plantas, cumprindo assim uma tradição familiar da tribo em que nascera. De forma que aos 15 anos, Josepha já conhecia todas as plantas com poder curativo, para que serviam, onde encontrá-las nas matas e como prepará-las.

Foi nesta ocasião que alguns acontecimentos desencadearam terríveis consequências na família de Lumumba e Nimba.

Lumumba, além de exercer sua atividade laboral com bastante eficiência, era observador do que acontecia na fazenda do coronel Márcio. Ele reparou que havia um enorme desperdício de couro dos bois que eram sacrificados para alimentar os moradores e empregados da fazenda.

Um dia o coronel Márcio foi para Taubaté fazer compras no Mercado e convidou Lumumba para o acompanhar.

Lumumba ficou encantado com o que viu, nunca tinha visto um mercado como o de Taubaté, com tanta diversidade de produtos, além das lojas ao redor, que vendiam de tudo. Ao passarem diante de uma sapataria, Lumumba viu o sapateiro cortando um couro e depois o amaciando com martelo num tripé de ferro e utilizando um conjunto de alicates, tesouras e chaves de fenda para fazer um sapato. Ele ficou encantado, olhando o trabalho do sapateiro.

Ficou ali admirando as ferramentas e para que serviam elas. O coronel observou o interesse

de Lumumba e lhe perguntou o que ele estava vendo. Lumumba na mesma hora lhe disse que se ele tivesse aquelas ferramentas poderia fazer sapatos para os empregados da fazenda, utilizando os couros de boi que se estragavam sem utilização na fazenda.

O coronel Márcio já tinha observado como Lumumba era perfeccionista em tudo que fazia e, talvez se tivesse as ferramentas que estava querendo poderia fazer sapatos para os escravizados, que na sua grande maioria trabalhava descalço.

Ele entrou e perguntou ao sapateiro onde poderia comprar aquelas ferramentas. Este lhe informou que atrás do Mercado havia uma loja que vendia todo tipo de equipamentos, inclusive ferramentas de sapateiro. Eles se dirigiram até a loja, o coronel adquiriu as ferramentas e disse para Lumumba que as utilizasse como havia sugerido.

Voltando para a fazenda mostrou a Nimba as ferramentas que o coronel comprara para ele usar, e disse que iria fazer para ele o primeiro par de sapatos em agradecimento pela oportunidade. Ele trabalhou durante duas semanas e um dia foi até à sede da fazenda e levou o par de sapatos que fizera para o coronel em agradecimento pela oportunidade.

O coronel ficou muito agradecido e surpreso, pois o sapato era muito simples, mas muito funcional, atendendo a uma necessidade do dia a dia da fazenda. Lumumba lhe disse que agora iria fazer sapatos para todos os escravizados da fazenda. O coronel decidiu o dispensar de

qualquer outro trabalho na fazenda para que ele pudesse se dedicar à feitura dos sapatos.

Ele começou fazendo um molde em jornal dos pés de cada trabalhador. E assim, aos poucos, cada um dos trabalhadores recebeu um par de sapatos, que era um luxo, pois eles estavam acostumados a trabalhar descalços e muitas vezes machucavam os pés nas plantas, nos tocos de árvores ou nas pedras em que pisavam quando estavam cuidando da terra.

O resultado foi que diminuíram drasticamente os acidentes com os pés dos trabalhadores, aumentando a produtividade da fazenda.

Quando os fazendeiros ao redor visitavam a fazenda do coronel Márcio, ficavam intrigados de ver os seus escravizados todos calçados, pois era praxe nas fazendas eles trabalharem descalços. E o coronel lhes explicava o trabalho de Lumumba de elaborar os sapatos e o aproveitamento dos couros dos bois, que antes disso se estragavam, sem serem utilizados. Desta forma Lumumba tornou-se um exímio profissional de couro, e de sapatos começou a fazer cintos, carteiras, arreios e finalmente celas para cavalos.

Em determinado dia Lumumba estranhou a grande movimentação, o dia todo, de pessoas estranhas entrando e saindo da fazenda com papéis debaixo dos braços, num grande entra e sai. Depois de alguns dias o coronel chamou os empregados mais chegados a ele, entre os quais Lumumba e Nimba, e lhes comunicou que estava se desfazendo de suas atividades na agricultura para se dedicar à atividade de comércio na

capital, e que a sua fazenda foi vendida para um coronel chamado Herculano, que dentro de 90 dias estaria presente para assumir a fazenda.

Para Lumumba e Nimba foi uma terrível notícia, pois o coronel Herculano poderia lhes trazer sérios transtornos ao descobrir a presença daqueles dois escravizados que um dia fugiram de sua fazenda, matando o seu feitor. Claro que não fora Lumumba que o matara, mas o coronel Herculano não sabia disso e atribuirá a Lumumba a morte do feitor.

Depois da reunião com os empregados, o coronel Márcio mandou chamar Lumumba e Nimba e lhes disse que estava consciente que a presença do coronel Herculano poderia lhes trazer sérios inconvenientes. Então lhes disse que daria uma carta de alforria para eles e mudaria os seus nomes para João dos Santos e Maria dos Santos, e sua filha como Josepha dos Santos. Disse ainda que possuía uma loja em Taubaté, que estava fechada em um bairro um pouco distante do centro, e que ele transferiria esta propriedade para eles. Eles deveriam mudar-se para lá o mais rápido possível e instalar a sapataria neste bairro. Desta forma estariam longe das garras do coronel Herculano. Informou que para evitar especulações e para segurança da família, deixou informado aos demais que Lumumba, Nimba e Josepha foram para a capital com ele.

A proposta do coronel Márcio os deixou muito tranquilos, pois desta forma seria improvável que o coronel os localizasse. Era uma forma de o

coronel Márcio agradecer a estes dois escravizados o bem que fizeram para a sua fazenda.

Emitidas as cartas de alforria, Lumumba, Nimba e Josepha deixaram a fazenda junto com o coronel, no dia de sua partida. Estando longe da fazenda, este fez um retorno e os deixou em Taubaté, na nova morada deles, num bairro distante do centro da cidade. E assim eles iniciaram uma nova etapa de vida, agora dedicados à feitura de coisas com couro de boi.

– E agora, meus queridos netinhos, já para a cama que já é muito tarde e amanhã vocês levantam muito cedo. Nós já sabíamos de que nada adiantava reclamar pois a nossa avó era intolerante. Assim, inconformados, fomos dormir e ficamos até altas horas imaginando o que aconteceria se o coronel Herculano os encontrasse naquela loja de Taubaté.

No dia seguinte, tendo cumprido as nossas atividades, diárias nos reunimos com a nossa avó para ela dar continuidade à história.

Naquele tempo as informações eram passadas de boca em boca e o caso de Lumumba e Nimba era conhecido de todos os empregados da fazenda do coronel Márcio, escravizados ou não. E se tornou um pacto não escrito entre eles jamais citar a presença de Lumumba e Nimba na fazenda do coronel Márcio, até porque fora Lumumba quem lhes

dera um par de sapatos, proporcionando a eles uma condição de vida que nunca tiveram. Era o mínimo a fazer em agradecimento a estes dois escravizados.

Em sua nova casa eles deram continuidade a que sabiam fazer: Lumumba confeccionando sapatos e Nimba procurando nas matas ao redor as plantas com poder curativo, sempre acompanhada de sua filha, que tudo aprendia.

Cerca de um ano após estarem na nova moradia, às altas horas da madrugada, eles escutaram batidas frenéticas na porta da casa deles. Lumumba levantou-se, bastante assustado, para ver o que se tratava. Um homem, na casa dos 25 a 30 anos, todo sujo, pedia a ele que o ocultasse, pois fugira de uma fazenda ao redor e não tinha para onde ir. Os seus perseguidores estavam chegando e a casa de Lumumba era a única por perto.

Lumumba ficou com uma dúvida cruel. De um lado, sabia o que era a fuga de uma fazenda, a fuga em busca de liberdade e de viver com o mínimo de dignidade; por outro, temia que este estranho acabasse sendo descoberto em sua casa e o seu esconderijo ser divulgado, o que poderia chegar aos ouvidos do coronel Herculano. Mas antes de se decidir, Nimba se acercou dele e lhe disse para o ocultar, pois um dia eles também precisaram de uma mão amiga para chegarem aonde estavam naqueles dias.

Lumumba então disse para ele entrar, deram-lhe alguma comida e água e começaram a conversar. O fugitivo disse que fugira da fazenda onde estava porque o feitor era demasiado

violento e havia lhe ameaçado dar trinta chicotadas e deixá-lo sete dias sem água e comida, sem que ele tivesse feito qualquer coisa que justificasse tamanha crueldade. Os escravizados daquela fazenda morriam de medo do feitor, que costumava atar o escravizado ao pelourinho e aplicar chicotadas pelos mais ínfimos motivos. Ele contou ainda que o dono da fazenda morava na capital e deixava por conta desse feitor a administração da fazenda. Agradeceu a ambos a acolhida e disse que tão logo os perseguidores fossem embora, ele iria seguir adiante.

De fato, nos dias seguintes passaram em frente à casa vários homens procurando o fugitivo. Bateram palmas e chamaram Lumumba, perguntando a ele se vira algum fugitivo por estas bandas, o que Lumumba negou, e eles foram embora.

Nos dias em que ficara escondido na casa de Lumumba, o estranho interessou-se pelo seu trabalho e achou notável produzir um calçado a partir do couro de boi. Quis saber como Lumumba aprendera e como conseguira aquelas ferramentas. Lumumba contou a ele como ele iniciou a fabricação de calçados e como conseguira as ferramentas. O estranho, que se identificou como Pedro, disse a ele que gostaria de aprender este ofício com Lumumba. Ele trabalharia nos fundos da casa, de forma que os que entrassem na loja para comprar qualquer coisa não o veriam.

Lumumba vinha há tempos pensando em contratar uma pessoa para o auxiliar, pois as

encomendas estavam aumentando e ele não conseguia atender a demanda. Começou então a ensinar Pedro, mostrando as ferramentas e explicando para que serviam. Deu-lhe um pedaço de couro sem serventia para ele treinar o uso de cada uma delas. E ficou observando como ele se saía com cada uma das tarefas, percebendo que ele tinha jeito para lidar com as ferramentas.

E assim Lumumba começou a passar para Pedro as tarefas de menor complexidade nas etapas da fabricação de calçados. E à medida que ele se acostumava com o uso das ferramentas, ia passando a ele tarefas mais complexas, até que meses depois, Pedro já conseguia manufaturar um calçado sozinho.

Para Lumumba este auxiliar foi um achado, pois agora ele conseguia atender à demanda, que aumentava ao passo que aquele lugarejo foi aos poucos se expandindo, com outras moradias sendo erguidas ao redor.

Mas o que Lumumba e Nimba não previram é que Pedro e a filha deles, Josepha, começaram a demonstrar interesse recíproco.

Uma noite Lumumba conversou com Nimba a respeito do interesse que estava percebendo entre a sua filha e Pedro. Nimba lembrou a ele as circunstâncias que existiam nos locais em que eles viviam, que impossibilitava qualquer aproximação entre pessoas de sexo oposto pertencentes a tribos inimigas uma da outra. Lembrou como foi difícil e imprevisível o encontro entre eles e como conseguiram superar todas as dificuldades até poderem constituir uma família em paz.

Portanto, era natural que a filha deles, já adulta, um dia se interessasse por alguém e se este alguém fosse uma pessoa do conhecimento deles, tanto melhor, portanto, era melhor conversar com ela a respeito e explicar que eles nada tinham a se opor.

E assim Josepha e Pedro começaram um romance que durou alguns anos, até se casarem e irem morar numa casa ao lado da casa de Lumumba e Nimba, de forma que Pedro continuasse a trabalhar na sapataria. E logo tiveram uma filha, a que deram o nome de Joana.

Aquelas duas famílias prosperavam e parecia que eles estavam no paraíso, criando filhos, trabalhando e com dignidade de pessoas livres.

Quando Joana completou dois anos, uma tragédia veio abalar profundamente a paz que reinava naquelas duas famílias.

Como sempre fazia, a nossa avó interrompeu a narrativa quando nós nem respirávamos, de tanta expectativa diante da tragédia que teria atingido a paz daquelas famílias. Nós nem nos mexíamos, tensos diante da expectativa da narrativa, quando ela nos disse que já era hora de ir para a cama. Fomos em silêncio e cada um de nós imaginando que tragédia poderia acontecer para aquelas pessoas que viviam em paz.

Como de praxe, no dia seguinte e na mesma hora, lá estávamos nós, em silêncio e com uma ansiedade que parecia sair de nossos olhos, fixos nela, sem pestanejar, aguardando o reinício da história.

Quando Josepha e Pedro se casaram, ela resolveu procurar emprego em alguma casa no centro da cidade de Taubaté, como empregada doméstica, para ajudar nas despesas com a casa que eles compraram ao se casarem. Ela encontrou emprego numa casa de um major do exército de nome João de Alcântara, casado com Mariana de Alcântara, também recém-casados. E Josepha levava junto a sua filha Joana, pois não queria que ela ficasse com o marido, pois poderia atrapalhar o trabalho dele.

Enquanto a vida deles se desenrolava sem maiores problemas, o coronel Herculano que havia comprado a fazenda do coronel Márcio, não se conformou de encontrar nesta fazenda os escravizados usando calçados. E mais, quando um calçado se estragava, o trabalhador aparecia com um calçado novo. Ele começou a ficar intrigado com isso, pois na sua fazenda até então os seus escravizados trabalhavam descalços.

Ele um dia chamou um dos escravizados da fazenda que agora lhe pertencia, de nome Isaiás, e perguntou a ele como se adquiria um calçado, pois ele estava precisando de um. Isaiás sabia do problema de Lumumba e Nimba com este coronel, de forma que fez de tudo para sair com evasivas, mas o coronel foi taxativo: precisava de um calçado e queria saber como comprar um. Isaiás não teve como deixar de informar ao coronel o local em que se podia comprar um calçado novo.

No dia seguinte o coronel Herculano e dois de seus auxiliares diretos se dirigiram à casa de Lumumba e Nimba para comprar um calçado, sem ter a menor ideia do que estava por acontecer.

Chegando à casa de Lumumba, entrou na porta da loja e deu de cara com Lumumba. Ele ficou estático e Lumumba também, não acreditando no que estava vendo. Depois de um instante em que o coronel tomou consciência de que estava na frente de Lumumba, deu ordem para os seus auxiliares para o prender. Este mais que depressa mostrou ao coronel a carta de alforria. O coronel a pegou, leu, e disse-lhe que negro foragido e assassino não tem o direito de alforria e a rasgou, espalhando pelo chão da loja os seus pedaços.

Nimba, ao escutar aquele barulho na frente da casa, veio ver o que estava acontecendo e ao dar de frente com o coronel Herculano, ficou parada, sem acreditar no que estava vendo. O coronel deu ordem para que a prendessem também. E de nada adiantou ela mostrar a ele a sua carta de alforria, que ele a rasgou lhe dizendo que mulher de assassino não tem direito de liberdade. Pedro, na casa ao lado ao ouvir aquela confusão foi ver o que estava acontecendo e o coronel foi logo dizendo para os seus auxiliares o prenderem também. E assim todos foram levados presos, deixando a loja aberta com os seus instrumentos de trabalho.

Mais tarde, quando Josepha voltou do trabalho, estranhou ao ver as duas casas abertas, no

escuro e sem ninguém respondendo a ela. Uma vizinha se aproximou dela e lhe disse o que havia acontecido: vieram uns homens com um coronel e prenderam os pais dela e o seu marido.

Ela ficou ali parada, sem saber o que fazer. As notícias que ela acabara de receber a deixaram completamente aturdida, pois não concebia que alguém pudesse fazer tamanha crueldade para quem se limitava a fazer calçados e nada mais. Ela ficou parada na frente de sua casa às escuras, em completa inércia, sem saber o que fazer ou a quem recorrer.

Desesperada, deu meia volta e voltou para a casa do seu patrão, única pessoa a quem lhe ocorreu que poderia ajudar. Lá chegando, relatou ao seu patrão o que havia acontecido e as informações que recebera de uma vizinha. Também relatou a ele, em detalhes, a fuga da fazenda do coronel Herculano anos antes, ocasião que o feitor foi assassinado, mas não por Lumumba e sim por um dos companheiros que o chefe dos insurretos havia destacado para acompanhar Lumumba e que era um desafeto do tal feitor.

O patrão dela lhe disse que não se preocupasse que no dia seguinte, na primeira hora ele iria se informar o que acontecera. E disse a ela que seria mais seguro para ela e sua filha que dormissem num dos quartos da casa dele.

No dia seguinte, logo cedo, o major João de Alcântara chamou um dos seus ajudantes e lhe deu instruções precisas para obter informações

sobre uma prisão feita na noite de ontem por um coronel chamado Herculano.

Algumas horas depois o seu ajudante voltou com as informações. A prisão fora feita pelo coronel Herculano, que identificara dois fugitivos de sua fazenda, de nome Lumumba e Nimba, que haviam assassinado o feitor quando de sua fuga da fazenda. O coronel os buscara durante muito tempo e não conseguira os capturar, mas indo comprar um calçado descobriu que o sapateiro, de nome José dos Santos, ninguém mais era que o próprio Lumumba, que recebeu este nome quando lhe foi dada uma carta de alforria. E que sua esposa, de nome Maria dos Santos, era na verdade Nimba, esposa de Lumumba e que havia fugido com ele de sua fazenda.

De posse destas informações, mandou selar o seu cavalo e se dirigiu à fazenda do coronel Herculano. Lá chegando, foi recebido de forma respeitosa por se tratar de alta autoridade do exército imperial. Depois das formalidades de praxe, o major Alcântara entrou no caso da prisão de Lumumba e de Nimba feita no dia anterior.

O coronel Herculano fez um histórico da fuga de ambos de sua fazenda. O major ouviu as explicações do coronel e lhe disse em seguida que conhecia, há muitos anos, a família de Lumumba e que tinha outras informações acerca do assassinato do feitor de sua fazenda. E expôs ao coronel Herculano o que Nimba havia lhe contado no dia anterior. O coronel ficou surpreso com esta

informação, pois ele desconhecia sobre quem, de fato, matara o seu feitor. Ele sabia que o seu feitor era um homem violento, que abusava do posto que ocupava de administrador dos escravizados e pôde constatar que diversas vezes castigou no pelourinho muitos escravizados por meras questões de capricho pessoal. Mas apesar disso, ele não tinha como comprovar a versão de Lumumba.

O coronel em seguida disse ao major que ambos já foram enviados para a fazenda de onde haviam se evadido, pois era lá que deveria permanecer enquanto na condição de escravizados. Não adiantou o major alegar que ambos eram forros. A acusação de assassino do seu feitor impedia que fossem beneficiados com a alforria.

O coronel Herculano agiu com extrema crueldade com Lumumba e Nimba. Primeiro, os colocou presos em enormes gaiolas sem que um pudesse ver o outro. Depois os mandou para diferentes fazendas no interior do Estado, de forma que um não soubesse do paradeiro do outro.

Durante o trajeto de condução de Lumumba para a nova fazenda em que seria obrigado a trabalhar como escravizado, pouco antes da chegada o grupo em que ele estava preso foi atacado por negros que pertenciam a um grupo de libertação dos escravos. Lumumba preso numa gaiola só pôde assistir a batalha travada com aqueles negros que pareciam ter o Diabo no corpo, tal a ferocidade com que combatiam. E não deixavam vivo ninguém que fosse considerado como fazendo parte da administração da

fazenda do coronel. Depois da batalha, os insurretos vencedores foram até a gaiola de Lumumba e o libertaram.

Mais uma vez ele foi levado ao chefe daquela turba de escravizados que lutavam pela liberdade. Desta vez Lumumba afirmou que iria fazer parte daquele movimento de libertação dos escravizados e que iria atrás do coronel Herculano para saber para onde fora levada a sua esposa.

Aquele grupo inicial que lutava por liberdade agora havia se transformado num movimento organizado, com lideranças e com um local de difícil acesso, todo murado e com guerreiros portando armas de fogo, conseguida em lutas contra os fazendeiros ao redor. Eram centenas de escravizados muito bem organizados e prontos para lutar pela libertação de todos os escravizados das fazendas ao redor.

Lumumba participou de muitas lutas contra os fazendeiros ao redor, sempre procurando por Nimba.

O chefe dos insurretos chamou os seus guerreiros e lhes disse que eles iriam atacar uma fazenda que recebera, recentemente, uma grande leva de escravizados, recém-chegados de um país africano. Seria uma luta atroz, porque era a fazenda mais bem fortalecida das que havia ao redor e seria preciso elaborar uma estratégia diferente.

Eles discutiram vários dias como deveriam atacar a fazenda. Entretanto, o que eles não sabiam é que o fazendeiro devido ao temor de insurreições que já ceifara a vida de famílias

inteiras de fazendeiros, resolveu trazer da Europa uma nova arma chamada metralhadora, capaz de disparar centenas de tiros por minuto.

Nunca se soube como terminou esta operação contra aquela fazenda, pois nenhum dos escravizados que compunham a missão voltou para relatar o resultado do ataque e Lumumba foi um deles. Eles simplesmente sumiram. Nenhum voltou do ataque, presumindo-se que todos foram mortos durante o assalto devido à metralhadora instalada na fazenda.

Enquanto estes eventos aconteciam, Nimba e vários outros negros revoltosos que haviam sido capturados foram enviados para Pernambuco, para trabalharem em fazendas de cana de açúcar no interior do Estado. Nimba trabalhava de sol a sol, de segunda a sábado, só folgando no domingo. Ela chegava extenuada de cada dia de trabalho e mal chegando em casa dormia profundamente. Mas aos domingos ela passava o dia meditando e pensando em Lumumba, na sua filha, no seu genro e na sua neta Joana. O que teria acontecido com eles? E Lumumba, estaria vivo? Estas lembranças sem respostas a consumiam pouco a pouco. Ela perdeu a vontade de viver, mal se alimentava e trabalhava duramente na roça de cana de açúcar.

Um dia o administrador da fazenda não a encontrou entre os seus trabalhadores. Foi até à senzala onde ela dormia e a encontrou morta, sentada, voltada para nascente do sol.

E assim ela se foi deste mundo, morrendo de saudades das pessoas que mais amava e das

quais fora violentamente afastada, sem ter nenhuma notícia deles. A dor na alma que ela acumulara pensando nas pessoas queridas das quais nunca mais teve notícias acabou por minar o seu corpo e a levar deste mundo.

Da mesma forma Pedro também foi levado para fazendas muito distantes, para o Rio Grande do Sul, para ser escravizado em uma fazenda de criação de gado. Ele era uma pessoa taciturna, não falava com ninguém, executando as tarefas que lhes eram exigidas de maneira mecânica, pois estava o tempo todo com os seus pensamentos na sua família, de que não teve mais nenhuma notícia. Aos domingos de sua folga, sentava-se na porta da senzala e lá ficava o dia todo, perdido em pensamentos e elocubrações sobre o destino de sua mulher e de sua filha.

Ele teve um fim bastante triste, pois devido ao frio intenso nos pampas gaúchos, logo contraiu uma pneumonia, que se agravou em função dele perder a vontade de viver, com uma saudade de sua mulher e de sua filha que parecia o devorar por dentro, muito mais que a pneumonia que contraíra. Em pouco tempo veio a falecer e seus últimos pensamentos foram para que os deuses de sua tribo protegessem e olhassem por sua mulher e sua filha Joana.

– Vamos meninos, por hoje chega – foi logo dizendo a nossa avó, interrompendo a narrativa. Nós estávamos com lágrimas nos olhos pelo desfecho que nos foi contado.

Olhamos para a nossa avó e constatamos que ela também tinha deixado uma lágrima furtiva descer pelo seu rosto. As lembranças deste desfecho de sua família deixaram-nos muito tristes neste dia. Fomos dormir sem nada falar, pois a tristeza que nos assaltara obrigou-nos a um silêncio de palavras, mergulhados naquele mundo de violência de que não fazíamos a menor ideia de que pudesse existir.

No dia seguinte, diferente dos que estávamos acostumados de logo ao chegar da escola pedir a ela que continuasse a história, ficamos com medo do que poderia vir com a mãe dela e ela mesma, diante do desaparecimento de seus familiares.

Ela percebeu a nossa insegurança de pedir a ela que continuasse a história. Mas ela foi logo dizendo que a parte pior desta saga da minha família tinha passado e que agora era uma outra etapa que nós precisávamos conhecer, e que me traz até os dias de hoje. Sem muito entusiasmo, sentamo-nos e ela continuou.

A minha mãe Josepha só não desistiu de viver, devido ao sofrimento com tudo que acontecera com a sua família, porque ela tinha uma filha que precisava dos cuidados dela. Mas ela perdeu aquele brilho no olhar, aquela vivacidade de fazer as coisas com muito amor e dedicação. Ela sabia que não podia se entregar à tristeza, pois tinha uma filha que dependia dela inteiramente.

Eu, por outro lado, como criança, estava completamente alheia a tudo o que estava acontecendo, apenas vez por outra perguntava à minha

mãe onde estavam o meu pai e os meus avós. Ela me olhava com tamanha tristeza nos olhos que logo deixei de fazer estas perguntas a ela, para não ver assomar em seus olhos aquela tristeza que parecia a consumir.

Os donos da casa onde passamos a morar eram um casal que não tinha filhos, pois parece que a esposa do major João de Alcântara não conseguia engravidar. Eu passei a brincar na casa toda e os donos pareciam gostar muito de mim, dando-me brinquedos de que a minha mãe nunca ouviu falar e que me faziam muito feliz.

Quando completei sete anos, o major chamou a minha mãe e disse-lhe que estava na hora de eu ir para uma escola, mas que, por ser negra, eu teria muitas dificuldades de adaptação, pois havia uma segregação racial muito grande e provavelmente eu sofreria muita rejeição na escola. Por causa disso o major decidiu contratar uma professora para me dar aulas de alfabetização. E assim comecei a ser alfabetizada, com uma professora particular, uma condição com que uma negra como eu jamais poderia sonhar.

Depois da alfabetização os meus estudos continuaram e aprendi a escrever e a falar fluentemente o francês. Também aprendi a tocar piano muito bem, pois tinha um ouvido muito afinado. Minha mãe ficava encantada por ver a sua filha, descendente de uma escravizada, possuir um nível de instrução que ela jamais poderia imaginar.

Nestas alturas o major e sua esposa resolveram me adotar, e ao fazerem isso, os seus

testamentos deixariam para mim uma verdadeira fortuna, para os padrões daquela época. Mas eles tinham uma preocupação comigo: se eles faltassem, qual seria o meu futuro? Embora possuísse um nível cultural bastante elevado para mulheres daquela época, eu era uma negra e como tal era vista na sociedade racista da época como uma pessoa de segunda categoria. De forma que eles concluíram que era necessário achar um pretendente para mim.

Assim resolveram realizar saraus no casarão em que moravam, de forma a me introduzir na sociedade e, talvez, aparecer um pretendente para mim.

Nestes saraus eu tocava músicas clássicas e os convidados ficavam extasiados por ver uma negra com tal habilidade. Num destes saraus compareceu um casal de franceses que mal falavam o português, estando com dificuldades de se entender com o meu padrasto. Eu intervim, falando em francês com eles, e na mesma hora o salão ficou em silêncio, enquanto eu conversava em francês com aquele casal. Creio que foi neste dia em diante que a sociedade começou a entender que a cor da pele não era privilégio e muito menos critério para distinguir as pessoas, e sim o grau de cultura delas.

Mas apesar de toda iniciativa dos meus padrastos, nenhum pretendente apareceu.

Minha mãe veio a falecer nesta ocasião, cercada do carinho meu e dos meus padrastos, que nunca deixaram faltar nada para ela, embora

morássemos no mesmo casarão, num dos seus vários quartos.

Logo em seguida faleceu o meu padrasto e poucos anos depois a minha madrastra, ficando eu sozinha naquele casarão.

– Por hoje chega, já é noite e vocês têm tarefas a cumprir amanhã – disse a nossa avó. E naquela noite fomos dormir sonhando com Joana num casarão assombrado, com muitos quartos vazios e fantasmas que perambulavam pela casa toda durante a noite...

No dia seguinte, à mesma hora já estávamos prontos para ouvir a continuação da história.

Depois que a minha mãe e os meus padrastos morreram, minha vida se transformou inteiramente. Eu andava solitária naquele casarão de quartos vazios, sem saber o que fazer. Eu precisava fazer alguma coisa, não podia ficar sozinha o dia todo naquele casarão, sem nada para fazer.

Mas apesar de minha formação, muito acima da maioria dos homens do meu tempo, em todo lugar a que comparecia para tentar um emprego, sempre me diziam não haver vagas, embora houvesse uma placa no local informando a existência de vagas. Mas a cor da minha pele era um empecilho incontornável: para uma negra não havia lugar naquela sociedade.

Então resolvi trabalhar como balconista de uma banca de frutas no mercado municipal. As pessoas que me conheciam ficavam escandalizadas ao me verem como uma simples atendente de uma banca de frutas no mercado municipal, mas eu estava feliz. Eu não precisava do salário que o proprietário da banca me pagava, pois recebia os alugueres de várias casas que pertenciam ao meu padraсто e que ele deixara para mim no seu testamento.

O que eu queria ao trabalhar era realizar alguma atividade que ocupasse o meu tempo, para não ficar sem fazer nada o dia inteiro naquele casarão enorme.

Um dia, apareceu na banca de frutas aquele casal de franceses. Eles ficaram surpresos de me verem ali. Nós começamos a conversar em francês, para total espanto do proprietário da banca de frutas. Expliquei a eles que eu precisava de uma atividade para preencher o meu tempo e não havia conseguido nenhuma colocação mais adequada ao meu conhecimento por causa da cor da minha pele.

Eles então me disseram que estavam precisando de uma professora de português para a filha deles, que só falava o francês. E que me remunerariam muitas vezes mais que o baixo salário que recebia na banca de frutas. Eu aceitei na mesma hora, não por causa do salário, pois dele não precisava, mas sim por consistir numa atividade compatível com o meu nível de conhecimento. E assim comecei a dar aulas de português para a filha daquele casal de franceses. Foi

um tempo em que fui muito feliz, por estar exercendo uma atividade compatível com a minha formação. Mas depois de dois anos ela já falava o português corretamente e as minhas aulas terminaram. Voltei ao velho problema de buscar uma atividade para mim.

Depois de tanto procurar sem sucesso, tomei uma decisão drástica: comprei a banca de frutas daquele proprietário e passei a estar presente diariamente, comprando frutas dos fornecedores, discutindo preços e formas de pagamento e contratando um empregado para atender aos fregueses. Eu me levantava bem cedo para encontrar os fornecedores que chegavam ao mercado e tratava com eles as compras de frutas que estavam faltando na banca. Também foi uma época de muito trabalho físico e de pouca criatividade. Lancei pela primeira vez a entrega de frutas nas casas, bastando para isso que o cliente me entregasse pela manhã uma lista com as frutas que desejava, que estas chegassem à tarde em sua casa. Ao final do dia preparava cestas de frutas para vender mais barato, para evitar a perda de frutas de um dia para o outro, já que não havia geladeira naquele tempo.

Logo esta atividade começou a me fatigar fisicamente, pois não incluía nenhuma atividade intelectual.

Um dia acordei pensando na origem dos meus avós Lumumba e Nimba. Pelas conversas com a minha mãe, eu sabia de qual tribo eles eram originários no Congo. Será que estas tribos ainda existiriam? Será que se lembrariam de meus

país? Aos poucos foi se desenvolvendo em mim uma vontade de ter respostas para estas indagações.

Uma certa tarde me encontrei com aquele casal de franceses, de quem me tornara amiga. No decorrer da conversa falei sobre a minha intenção de procurar as tribos de origem dos meus avós no Congo. Eles me disseram que para sair do Brasil eu precisaria de um passaporte, coisa de que nunca ouvira falar. Também me disseram que era perigoso eu viajar sozinha para um país como o Congo, país sempre envolvido em guerrilhas.

Mas me propuseram o seguinte: eles já haviam pensado em visitar a África, não o Congo em particular, mas caso eu pudesse esperar por mais três meses, até concluir o ano letivo da filha deles, eles se propunham a me acompanhar nesta aventura de procurar as tribos dos meus ancestrais. Eu aceitei de pronto e eles me orientaram como obter um passaporte.

A obtenção deste documento foi uma verdadeira *via crucis*. Viajei para o Rio de Janeiro e me dirigi ao órgão responsável pela emissão deste documento. Lá chegando, um atendente foi logo dizendo que não emitiam passaporte para escravizados. Não adiantou eu lhe mostrar um documento no qual comprovava que eu era filha adotiva de um major do exército. Depois disse que não poderia emitir um passaporte porque eu era negra e não brasileira!

Fiquei indo e vindo e falando cada dia com uma pessoa diferente, sem sucesso. Até que um

dia, estando novamente nesta peregrinação para obter o passaporte, entrou na repartição uma pessoa falando muito mal o português, não conseguindo se comunicar com o atendente. Percebi pelo acento dele que era francês e pedi licença a ele caso estivesse interessado, que eu falava francês e poderia ajudá-lo. Ele me agradeceu muito na hora e me expôs o que estava desejando. O atendente ficou ali com cara de paisagem, vendo uma negra falando francês fluentemente e ajudando aquele senhor no sentido de esclarecer o que ele pretendia. Depois disso este atendente passou a me olhar com outros olhos e acabou tomando as providências para emitir o passaporte para mim. Foi uma dura batalha enfrentar a burocracia que criava barreiras inexistentes com base na cor da minha pele.

Com o passaporte em mãos, aguardei o prazo que o casal de franceses havia me proposto para iniciarmos a viagem para a África.

Novamente a narrativa era interrompida. Agora, meninos, antes da viagem para a África, vocês têm uma viagem para o dia seguinte, portanto, todos para a cama – disse Joana. E assim terminou mais um capítulo da história de minha avó. No dia seguinte, à mesma hora, lá estávamos nós, prontos para ouvir a continuação desta história que mexia com o nosso imaginário.

No dia combinado fomos para o Rio de Janeiro, para embarcar no navio que nos levaria para a África. Foi uma viagem tranquila, mas muito demorada devido à ausência de vento no trajeto. Após 35 dias de viagem, chegamos a Angola, na costa da África. O desembarque foi bastante tumultuado, com muita gente se oferecendo para levar as nossas malas falando numa língua que não entendíamos nada. Até que apareceu um homem falando francês, o que foi a nossa salvação.

Demos o nome do hotel em que ficaríamos e durante o trajeto, conversando com o carregador das nossas malas, ficamos sabendo que ele era congolês. Então resolvi perguntar a ele sobre as tribos de onde eram originários os meus avós. Ele disse que as tribos ainda existem e que as rixas que havia entre elas ficaram no passado, e que hoje elas se ajudavam mutuamente para enfrentar as dificuldades de existência. Perguntei a ele se poderia nos servir de guia até estas tribos e ele concordou. Acertamos os detalhes para seguirmos no dia seguinte. Ele nos disse que uma parte do trajeto poderia ser feito de carro e o resto somente a pé, com o que concordamos.

No dia seguinte começamos a nossa segunda parte da viagem. Depois de quatro horas de viagem de carro, prosseguimos mais três horas a pé. Chegamos a uma das tribos, aquela da qual era originário o meu avô Lumumba. Nos dirigimos ao chefe da tribo, que também falava francês e expus a ele o objetivo da minha vinda. Ele me escutou e disse que esperasse um pouco

que iria chamar o pajé que recitava oralmente os acontecimentos de pai para filho.

Ele chegou até nós, era bastante velho e parecia lúcido. O chefe da tribo conversou com ele num dialeto que não entendemos. Depois de um tempo pensando ele começou a falar e o chefe da tribo traduzindo para nós. Que Lumumba foi um guerreiro da tribo. Que era filho de um pajé. Que era muito alto e forte. Que um dia a tribo foi atacada por homens brancos que vendiam os homens e mulheres que eles capturavam para os mercadores de escravos. Que Lumumba foi capturado e embarcado num navio e nunca mais se soube dele.

Eu fiquei emocionada com o relato dele, bastante simples e objetivo, e perguntei ao chefe da tribo se eu poderia contar ao pajé o que acontecera com Lumumba depois que foi capturado e enviado para outro país. O chefe consultou o pajé, que concordou.

Daí, durante horas, contei a ele a história de Lumumba até ele desaparecer numa luta em busca de liberdade numa remota fazenda do Brasil. Ele também se mostrou muito interessado em saber quem era Nimba e então lhe contei a história de minha avó e de como eles se encontraram.

O pajé escutou em silêncio. Depois de um tempo ele falou que a tribo de Nimba ainda existe e que hoje ambas as tribos vivem em paz, procurando se ajudar mutuamente diante das dificuldades e necessidades comuns. Ele me disse que o pajé da tribo de Nimba gostaria de saber o que eu

havia contado sobre ela, para enriquecer a história da tribo, que era transmitida de boca em boca para não se perder. E antes de o pajé se levantar para ir embora, me deu um colar da tribo, que significava que eu pertencia à sua tribo, e me agradeceu por eu lhe enriquecer a história da tribo, que ele iria transmitir oralmente para o próximo pajé. Eu fiquei muito emocionada com esta homenagem. Como já era noite, o chefe da tribo nos convidou para comermos alguma coisa e dormirmos, e amanhã ele nos levaria para a outra tribo.

Na manhã seguinte, depois de um café com os alimentos típicos da região, iniciamos a caminhada em direção à tribo de Nimba. No trajeto, à meia distância entre as duas tribos, passamos por um lindo lago e me lembrei da minha avó Nimba banhando-se e o meu avô a espreitando. Esta lembrança me emocionou muito e lágrimas furtivas desceram silenciosamente, sem que eu conseguisse estancá-las.

Depois de cerca de duas horas de caminhada, chegamos à tribo de Nimba. O chefe que nos acompanhava pediu que esperássemos, pois ele iria procurar o chefe da tribo de Nimba e avisar que ele tinha visitas. Enquanto aguardávamos fiquei examinando a tribo e as suas moradas, e reparei como eram semelhantes às da tribo de Lumumba. Fiquei imaginando a minha avó escondendo entre as suas vestes a ponta de flecha que o meu avô deixara junto de suas roupas. Era um romantismo de muita singeleza e pureza, uma simplicidade de almas que estavam

se descobrindo entre tantas diferenças materiais e tantas igualdades de almas e sentimentos.

De repente fui despertada de meus pensamentos. O chefe da tribo de Nimba chegou e fomos apresentados a ele, que também falava francês. Depois das apresentações, eu contei que era neta de Nimba, uma mulher que havia sido desta tribo há muitos anos passados. Que eu gostaria de conversar com o pajé da tribo sobre a minha avó Nimba.

O chefe da tribo mandou chamar o pajé para conversarmos a respeito. Quando este chegou, reparei que assim como o pajé da outra tribo, era bastante velho, mas evidenciava vitalidade. Ele não falava francês e se comunicou com o chefe da tribo, que lhe informou o objetivo de nossa visita. Ele então começou a falar de Nimba, uma linda mulher da tribo, muito apreciada pelos guerreiros que pretendiam, um dia, fazer dela a sua esposa, mas ela não correspondia a nenhum deles. Ela tinha o hábito de se banhar no lago entre as duas tribos, que era objeto de muitas lutas entre as tribos, e que passava de uma tribo para outra dependendo do resultado destas lutas.

O pajé relatou que um dia observou que Nimba voltara do seu banho no lago com outra fisionomia e ele ficara intrigado, pois não via no semblante dos guerreiros uma fisionomia semelhante, que justificaria um início de envolvimento. Assim, ele passou a seguir Nimba quando ela ia se banhar, para descobrir qual o guerreiro que fizera a fisionomia de Nimba mudar. Numa

destas ocasiões percebeu escondido entre as folhagens da margem do lago um guerreiro da tribo inimiga, que depois de um tempo a observando, deixou entre as suas roupas a ponta de uma flecha. Tratava-se de um guerreiro da tribo inimiga, então se Nimba fosse descoberta poderia sofrer pesados castigos corporais e jamais poderia se casar com um guerreiro da sua tribo.

O pajé ficou remoendo este segredo muito tempo, sem saber o que fazer. Um dia, porém, a tribo foi atacada por caçadores de homens para os vender como escravos em outros países. O pajé conseguiu escapar com outros guerreiros, mas Nimba e muitos outros não tiveram a mesma sorte.

Depois deste relato, que enriquecera o meu conhecimento sobre minha avó Nimba, ficamos um tempo em silêncio. Eu estava extasiada com o que acabara de ouvir. Então, disse ao chefe da tribo que perguntasse ao pajé se ele gostaria de saber o que acontecera com Nimba, desde que fora um dia raptada por caçadores de homens. Ele se mostrou muito curioso, porque poderia enriquecer a história da tribo e posteriormente a transmitir oralmente, como era da tradição.

Então durante várias horas contei a ele em francês, traduzido para o dialeto dele pelo chefe da tribo, a odisséia vivida por Nimba e Lumumba, desde o momento em que se encontraram naquela longínqua fazenda de escravizados no sertão do estado de São Paulo, até o desaparecimento de Lumumba, a morte de Nimba e a morte de meu pai Pedro. O pajé tudo

ouviu em absoluto silêncio, absorvendo as minhas palavras, internalizando-as para poder transmiti-las depois.

Devido ao avançado da noite fomos convidados para pernoitar na tribo. Fiquei observando as crianças daquela tribo e imaginando como eu seria se tivesse nascido lá. De certa forma, a África é o meu lar de origem e só não estou vivendo numa daquelas tribos devido a acontecimentos passados que alteraram o rumo natural da história daqueles povos. E fiquei imaginando o porvir destas crianças, que desconheciam o mundo lá fora, e que talvez houvesse dentre elas alguma que pudesse trazer enormes benefícios para a sociedade, se tivesse a oportunidade de estudar. E fiquei imaginando uma escola para que elas tivessem uma melhor oportunidade na vida diante da modernidade, que avançava a passos largos na humanidade, mas passava ao longe destas crianças.

Fui dormir com estes pensamentos e no dia seguinte, a primeira ideia que tive ao acordar foi a de construir uma escola naquela tribo, para as crianças das duas tribos. Pensei até que eu poderia ser a professora nessa escola. Comentei isso com o casal de franceses, mas eles se mostraram reticentes. Havia muitas variáveis a serem consideradas: estariam os chefes das tribos de acordo com esta profunda modificação na construção dos valores de suas crianças? Como elas iriam no futuro se comportar com um desnível de formação diante dos demais membros da tribo? Eu argumentei que, mais dia

menos dia, o progresso iria chegar a estas tribos, e se eles não tivessem se preparado, poderiam simplesmente serem extintos como tribo. Veja o que acontece com os nossos índios brasileiros, que estão simplesmente desaparecendo com a chegada do progresso. Pelo menos eles teriam alguém do meio deles, de confiança, para os alertar e preparar para que as mudanças pudessem ser absorvidas sem que eles fossem simplesmente varridos do mapa.

Passamos a manhã toda conversando sobre isso, os prós e os contras, até que chegamos a um ponto comum. Vamos expor a ideia para os dois chefes de tribos juntos e dar a eles um tempo para discutirem com os demais membros da tribo. Foi o que fizemos e os chefes das tribos e seus respectivos pajés ficaram conversando o dia todo no dialeto deles.

Ao final do dia nos chamaram para dizer que concordavam com a proposta, mas impunham algumas condições. A escola apenas deveria ensinar a escrever e ler em francês e não deveria, de forma nenhuma, envolver aspectos religiosos de suas tribos. A construção da escola seria feita pelas duas tribos, inclusive com um local para eu morar junto à escola, e os materiais de ensino seriam fornecidos pelos que estavam elaborando a proposta.

Entretanto, colocar a ideia em prática revelou inúmeros problemas. O primeiro deles dizia respeito os materiais a serem comprados para a instrução das crianças. Com muita dificuldade e meios de transporte extremamente precários,

consegui me deslocar para a capital do Congo para comprar os materiais de ensino. Depois, foi uma verdadeira aventura me deslocar de volta com estes materiais.

Outra questão que foi difícil de resolver foi o local físico da instalação, pois cada tribo queria que a escola fosse instalada na sua tribo. Depois de muita discussão chegou-se a um bom termo: a escola seria instalada entre as duas tribos, igualmente distante de cada uma.

Mas tão logo se iniciou a construção, grupos rebeldes que lutavam pela conquista do poder surgiram e iniciaram uma longa conversação com os chefes das duas tribos. Depois de muito conversarem me comunicaram que chegaram a um acordo com os rebeldes: eu não seria presa e vendida como escrava, mas em compensação a construção deveria ser destruída e eu devia sair do país.

Desta forma, pouco depois de um ano que eu fora à África para conhecer as minhas origens, fui obrigada a sair do país e retornar ao Brasil. Foi para mim um duro golpe nas esperanças de propiciar àquelas crianças, as quais eu me sentia ligada, a oportunidade de melhores dias futuros.

Mas a semente de ajuda às crianças sem recursos para que tivessem a oportunidade de estudar e melhor se preparar para a vida estava lançada no meu íntimo, de forma que ao voltar para Taubaté, entrei em contato com as autoridades da cidade para criar uma escola na periferia, para as crianças dos pais sem recursos, principalmente de filhos de escravizados que

havam sido recentemente libertados por força de lei, propiciando a elas a instrução necessária para enfrentar o futuro incerto que se aproximava.

Depois deste relato a minha avó ficou em silêncio. E nós também, pois estávamos ainda atordoados com o que ela acabara de nos contar. Era muita informação, muitas novidades sobre a vida dela e estávamos surpresos, aturdidos mesmo, com o que acabáramos de ouvir.

Depois deste silêncio nosso e dela, percebemos que Joana chorava silenciosamente. As suas lágrimas desciam sem parar e nós ficamos apreensivos, sem saber o que fazer. Continuamos em silêncio, respeitando aquele momento de suas recordações.

Nunca tínhamos visto um adulto chorar.

4. As admiráveis mulheres em torno de minha avó

Depois de um tempo ela enxugou as suas lágrimas e disse a nós que estas recordações eram para ela extremamente dolorosas, pois traziam lembranças de pessoas e coisas do passado e de algumas pessoas que hoje ainda estavam ao redor dela, e que a ajudaram na sua convivência em Taubaté depois destes acontecimentos narrados.

“São pessoas extraordinárias que também sofreram em virtude dos valores da época, mas pelas quais tenho uma gratidão sem fim. Vocês as conhecem e me refiro à Vitalina Maria de Jesus Vasconcelos, à sua filha Maria da Cruz Vasconcelos e à Otília de Paula Santos.”

Nós conhecíamos estas pessoas, pois muitas vezes a encontrávamos com elas em nossa casa na chácara, mas nada sabíamos sobre a vida delas.

A curiosidade nos assaltou e fomos logo pedindo que ela nos contasse sobre estas pessoas. Ela nos prometeu que, no dia seguinte, nos contaria sobre elas para que soubéssemos e aprendêssemos que nunca se deve se curvar aos percalços da vida. É preciso sempre continuar. E no dia seguinte, para deleite e satisfação de nossa impaciência, como havia prometido, ela nos chamou para ouvir a história. Antes de iniciar ficou em silêncio e com um olhar distante, como se quisesse buscar nos misteriosos registros de sua consciência a vida impressa de uma pessoa que fizera parte de sua vida, para a reviver para nós....

[Como é triste não se ter uma única foto de uma pessoa graças à qual muitos hoje existem! Meras passagens, breves, simples, sem cores ou emoções, um olhar na fechadura de uma porta e, talvez nem isso! Onde você esteve durante tantos anos, Vitalina, que ninguém se preocupou de, pelo menos, tirar uma foto com você para que os que viessem depois pudessem olhar para você e agradecer, ainda que no silêncio de uma oração, por estarem neste mundo?]



Acima: Otilia de Paula Santos. À direita: Maria da Cruz Vasconcelos e sua filha Regina.



Vitalina Maria de Jesus Vasconcelos

Quando Vitalina completou 15 anos foi autorizada, pela primeira vez, fazer as compras do mês no Mercado Municipal de Taubaté, acompanhando as mulheres mais velhas da casa onde morava. Ela trabalhava como serviçal, como as demais mulheres.

Devido à sua ansiedade de primeira vez desempenhar tal tarefa, saiu muito cedo de casa, chegando ao Mercado quando ainda estava fechado.

Não podendo entrar no Mercado resolveu visitar as barracas que ficavam ao redor e vendiam de tudo, principalmente objetos usados e antiguidades. Parou numa barraca na qual se vendiam joias e berloques antigos, usados, muitos dos quais em perfeito estado. Ela se encantou com um prendedor de cabelo, com pedras coloridas e muito vistoso. Resolveu colocar em sua mão para o avaliar melhor. Esticando a mão para apanhá-lo no meio do caminho deu de encontro com uma outra mão que fazia o mesmo movimento em direção à mesma peça. Vitalina se assustou, retirou a sua mais que depressa e olhou para a outra pessoa que estava tendo a mesma iniciativa dela. Para sua surpresa não era uma mulher e sim um homem, que ao notar a presença de outra mão também afastara a sua, para evitar constrangimento. E olhara para ver de quem era a outra mão.

Naquele breve instante de tempo ambos se olharam com o mesmo propósito, descobrir de quem era a outra mão que impedira a sua de tocar no prendedor de cabelo, e com mútua surpresa logo desviaram o olhar. E naquele instante que pareceu séculos para aqueles dois olhares perdidos um no outro, eis que o homem tomou a iniciativa e, de forma elegante, pediu-lhe desculpas pelo inconveniente. Vitalina fez uma mesura, recebendo o pedido de desculpas e se afastou dali rapidamente. Em seguida, estando já o Mercado aberto, o adentrou para fazer as compras a que se comprometera.

O homem que proporcionara aquele incidente involuntário, e que se chamava Joaquim, era inspetor do Mercado. Era casado há dois anos e estava procurando um prendedor de cabelo para sua esposa, que tinha cabelos longos e que havia lhe dito que precisava de um prendedor de cabelo, pois não desejava cortá-los. E por coincidência, estava na mesma barraca que a Vitalina, porém chegara um pouco depois dela e ao ver aquele prendedor de cabelo concluiu que seria o ideal para sua esposa.

Depois deste incidente, Vitalina voltou para casa sentindo que alguma coisa queimara a sua mão, no local que esbarrou, involuntariamente, na mão daquele homem que ela nunca tinha visto. Ficou com uma estranha sensação que não sabia bem definir, mas que aos poucos foi se afirmando em sua consciência: uma curiosidade de saber quem seria aquele homem, seria solteiro ou casado, onde moraria, onde trabalharia, e o

que estaria fazendo àquela hora no mercado? Instalou-se nela uma vontade de descobrir respostas para estas perguntas.

Por outro lado, Joaquim depois deste incidente foi tomado pela imagem daquela moça, que não saía de sua cabeça. Ele estava casado, e bem-casado, amava a sua esposa, e por isso mesmo a insistência da imagem daquela moça o deixava muito assustado, sem compreender a razão disso tudo. Quem era ela e o que fazia àquela hora no mercado em busca de um prendedor de cabelo? Seria casada? Parece-me que não, devido à sua pouca idade, o que se percebia facilmente.

As semanas se passaram, cada um remoendo aquele incidente conforme a sua interpretação e fazendo elocubrações que ficavam restritas à cabeça de cada um.

Um dia Vitalina, não conseguindo mais conter a sua curiosidade, me procurou e contou o incidente e como o pensamento sobre aquele homem não saía da sua cabeça. Eu lhe disse que tinha amigos no Mercado e que iria verificar se sabia alguma coisa sobre o tal homem.

Eu era muito bem relacionada com a administração do Mercado e fiquei sabendo que nele trabalhavam três oficiais de segurança: um negro, um mestiço e um branco. Todos eram solteiros, exceto o negro, que era casado e se chamava Joaquim.

Mas Vitalina não chegara a me dizer se o tal homem trabalhava ou não no Mercado. Ela apenas fez uma suposição, já que naquele dia o

mercado ainda não estava aberto e podia bem ser que o tal homem estivesse, também, esperando para entrar. De qualquer forma informei à Vitalina que ali só existiam três oficiais de segurança, dois solteiros e somente um casado, de nome Joaquim.

Assim as semanas foram se escoando e um dia Vitalina foi escalada, mais uma vez para ir ao Mercado fazer compras, acompanhada de outras senhoras do casarão.

Quando estávamos no auge das nossas expectativas eis que a nossa avó interrompe a narrativa e com aquele olhar doce, mas incisivo, foi logo nos dizendo que tínhamos obrigações a cumprir no dia seguinte e estava na hora de nos recolhemos. Como sempre, obedecemos, mas interiormente com uma enorme agitação para saber o que iria acontecer em seguida com a Vitalina.

No dia seguinte após o nosso lanche da tarde, que devoramos para abreviar este momento, ela continuou.

Desta vez chegaram no horário e o Mercado estava aberto. Fizeram as compras e quando se dirigiram para a saída verificaram que um homem fardado de oficial de segurança do Mercado fazia revista numa pessoa que, segundo um dono de mercearia, furtara um saco de farinha de rosca. Mas o que chamou a atenção da Vitalina foi descobrir o aquele homem que não

saía de sua cabeça era um dos oficiais de segurança do Mercado. E lembrando das informações que recebera de mim, chegou à conclusão de que o seu nome era Joaquim.

Neste dia Vitalina voltou para casa com dois sentimentos completamente opostos: a alegria de saber o nome daquele que povoava os seus sonhos e a tristeza de saber que era casado.

Joaquim, por sua vez, continuava assombrado com os sentimentos conflitantes que o assaltavam. Era casado, amava a sua esposa, mas não conseguia tirar da sua cabeça a imagem daquela moça do incidente das mãos. E sem saber o que o motivava a entrar neste caminho que ele sabia ser do pecado, vivia querendo saber o nome daquela moça e como voltar a encontrá-la. E parece que o destino tinha determinado que, pecado ou não, eles voltariam a se encontrar, e da forma mais inusitada

Vitalina economizara o suficiente para comprar o prendedor de cabelo que encontrara naquela barraca de objetos usados e pretendia adquiri-lo numa primeira oportunidade. Num determinado domingo de descanso, resolveu ir até o Mercado para comprar o ornamento. Arrumou-se toda, pensando que talvez encontrasse o Joaquim, mesmo sabendo que ele era casado, e ela não teria coragem de se aproximar dele. Mesmo assim, não deixava de pensar nele. E foi para o Mercado com um duplo propósito: comprar o prendedor de cabelo e ver, ainda que de longe, o Joaquim.

Naquele domingo Joaquim também estava de folga, e resolveu ir ao Mercado, acompanhado de sua esposa, para comprar o prendedor de cabelo que ele vira naquele incidente com a tal moça, cujo nome até agora não sabia. Saíram de casa por volta de 10 horas da manhã, o mesmo horário em que Vitalina também saía.

Joaquim e sua esposa chegaram primeiro e foram até a barraca de vendas de objetos usados, onde ele mostrou para a esposa o prendedor com que gostaria de presentear-lá. Ela o adorou e Joaquim o comprou para ela. Quando estavam saindo da barraca deram de cara com Vitalina, que fez como se nunca o tivesse visto antes e dirigiu-se para comprar o prendedor de cabelo. O vendedor então lhe disse que o objeto acabava de ser vendido para aquele casal, com o qual esbarbara ao chegar no barraco. Vitalina sofreu uma enorme e dupla decepção: primeiro, por perder o objeto que tanto queria, que economizara e por pouco não o conseguira comprar; segundo, por se certificar que aquele prendedor fora comprado por Joaquim para a sua esposa.

Ela voltou para casa com a tristeza no semblante, diante da dupla decepção que sofrera. A duras penas resolveu colocar um fim nesse pensamento no tal Joaquim, visto que ele amava a esposa e só de pensar nele ela estava incidindo em um pecado mortal.

Joaquim, por sua vez, ficou chocado ao perceber que aquela moça, cujo nome ainda não sabia, voltou ao mercado para comprar o prendedor de cabelo que ele deu para a esposa, e isso

certamente o afastava definitivamente dela. Este pensamento o atormentou durante semanas, mesmo sabendo que estava com um pensamento pecaminoso conforme os ditames da Igreja Católica, perante a qual ele se casara.

E o destino, mais uma vez, traçou os seus desígnios. Joaquim também me conhecia, pois eu tinha muitos conhecidos no Mercadão, onde o meu marido era funcionário da administração. Um dia, tomou coragem e me vendo fazendo compras, veio até mim e relatou o incidente do prendedor de cabelo. Disse que gostaria de saber se eu a conhecia, se sabia o seu nome e onde morava. No mesmo instante juntei as peças e percebi que Joaquim estava se referindo à Vitalina. Mas, naquele momento decidi agir com cautela e lhe disse que iria procurar saber e tão logo tivesse alguma informação eu o informaria.

Eu meditei muito sobre o que estava acontecendo, pois agora estava com as informações que poderiam unir estas duas pessoas, sabe-se lá com que finalidade, pois o fato de Joaquim ser casado me assustava tremendamente. Resolvi esperar, pois não me sentia com coragem para dar a Joaquim uma informação que, eventualmente poderia acabar unindo estas duas pessoas numa relação pecaminosa aos olhos da Igreja Católica.

Diante das dúvidas que me assaltavam e sem saber o que fazer resolvi dirigir-me ao padre, em confissão, para buscar orientação, já que me sentia completamente perdida.

Naquele domingo, na hora da confissão, ajoelhei-me e, com muita hesitação contei ao padre o meu dilema. O padre disse que se o Joaquim lhe perguntasse sobre a tal moça e ela negasse a responder, ela estava mentindo, o que não era bem visto por Deus. Por outro lado, se ela falasse a verdade ela não seria responsável pelas consequências de sua informação, pois ela não poderia responder por atos de terceiros de que não fizera parte. Assim, aliviada pela orientação recebida do padre, um dia fui para o Mercado e informei ao Joaquim o nome da moça e onde ela morava. Essa informação desencadeou um torvelinho de emoções em Joaquim, pois agora aquela pessoa de seus sonhos tinha nome e endereço.

Enquanto isso, Vitalina não sabia o que estava ocorrendo e achei por bem nada lhe dizer, pois poderia ser que Joaquim simplesmente desistisse da ideia de procurá-la e eu não gostaria de ser a responsável por criar uma falsa expectativa em sua melhor amiga.

Joaquim, por seu lado, não sabia como chegar até Vitalina, mesmo sabendo seu nome e endereço. Ele estava ciente que a sua condição de casado tornava qualquer medida de aproximação de Vitalina uma conduta temerária, não só pelo seu conteúdo pecaminoso, como pela incerteza de ser aceito, principalmente depois do acontecido com o prendedor de cabelo.

A informação que a Joana lhe dera, ao invés de o acalmar, tornou a sua vida um inferno, pois agora já não se tratava de uma pessoa desconhecida, mas uma pessoa concreta e ele não sabia o

que fazer. Ou melhor, até sabia, mas a iniciativa neste caminho sem volta, de consequências desconhecidas, o deixava completamente extenuado. Depois de semanas vivendo esse terror de não saber o que fazer, decidi dar um passo definitivo, e para tanto teve que tomar uma decisão um tanto drástica.

Neste momento estávamos completamente imóveis, com os olhos fixos na nossa avó e no desenrolar da narrativa. Nem piscávamos, tamanha a nossa expectativa do desenrolar dos acontecimentos.

E eis que a nossa avó nos tira desta imobilidade geral, nos trazendo para a realidade que, no momento, gostaríamos que nunca existisse, tal a nossa ansiedade e envolvimento nesta história tão comovente.

Mas não teve jeito, fomos cumprir os nossos deveres e aguardar o tempo que não chegava nunca do dia seguinte depois do lanche das três horas, quando continuou, para nossa alegria.

Vitalina estava fazendo os trabalhos de casa, tendo já esquecido do tal Joaquim, quando bateram à porta de sua casa. Ela foi atender e um rapaz perguntou se na casa tinha uma pessoa de nome Vitalina, porque ele tinha um objeto para entregar a ela e recebera instruções de lhe entregar pessoalmente. Vitalina se identificou e o rapaz então lhe entregou o embrulho. Ela o

desamarrou e encontrou o prendedor de cabelo e um bilhete com os seguintes dizeres:

“D. Vitalina.

Me perdoe a iniciativa de lhe enviar este prendedor de cabelo. Sei que um dia a senhora o apreciou, tanto como eu e nunca mais esqueci a sua expressão de decepção quando foi comprá-lo e ele não estava mais disponível. Confesso que não esqueci mais o seu semblante neste momento e gostaria que tivesse a mesma expressão que vi nos seus olhos quando, inadvertidamente, nossas mãos se encontraram. Caso aceite esta lembrança, espero que me agradeça pessoalmente no Mercado, no próximo domingo, na barraca de antiguidades.

Joaquim.”

Ao ler este bilhete um torvelinho de emoções tomou conta de Vitalina. Ela já tinha quase esquecido o Joaquim, depois de saber que era casado e, portanto, não adiantava alimentar qualquer relacionamento com ele. Agora, ao ler este bilhete e receber aquele prendedor de cabelo, desencadeavam-se nela emoções que já tivera, esquecera por completo e agora voltavam à tona. Mas se encontrar com ele? O que resultaria disso? Como isso poderia chegar a algum lugar se ele era casado? Estas dúvidas a corroíam por inteiro enquanto chegava o fatídico domingo e ela não sabia o que fazer. Ou melhor, até sabia, mas as consequências eram de tal monta que ela não se julgava capaz de assumir as suas resultantes. Significava dar um passo contra as leis da Igreja e entrar no pecado sem volta, e só de

pensar nisto ela ficava toda arrepiada. E enquanto não sabia o que fazer, chegou o domingo. Ela mal dormiu à noite, pensando no que fazer, e acordou de madrugada ainda indecisa. Mas a natureza acabou falando mais alto e na hora certa arrumou-se, usou o prendedor de cabelo que ganhara de Joaquim e rumou para o Mercado.

Ele a estava esperando. Cumprimentaram-se, falaram das coisas mundanas, evitando tocar no assunto deles. Foi Joaquim que tomou a iniciativa de perguntar se ela gostara do prendedor de cabelo. Ela respondeu que era o que ela pretendia comprar naquele domingo em que se encontraram pela segunda vez na barraca de antiguidades. Ela perguntou então por que ele lhe dera de presente, uma vez que o comprara para a sua esposa. Ele respondeu que ela não o apreciara e que tinha manifestado a intenção de trocar por outra lembrança, o que Joaquim fez mais que depressa, comprando um colar que ela tinha gostado e dizendo-lhe que fizera uma troca.

Eles conversaram sobre trivialidades, pois ambos estavam extasiados com a presença um do outro. Depois de muito conversarem, combinaram de se encontrar novamente em futuro próximo. Despediram-se sem se tocarem.

Depois deste encontro, dado o passo inicial de se relacionarem, os acontecimentos seguintes levaram paulatinamente a uma relação amorosa, adúltera, mas que viviam como se só existissem eles no mundo, acabando Vitalina um dia vendo-se grávida. Essa condição de Vitalina

desencadeou uma reação da família, pois o costume da época era julgar a mulher que assim procedesse como adúltera e pecadora, de forma que o convívio familiar se tornava insuportável e era necessário expulsá-la de casa.

Vitalina recorreu a mim, sua melhor amiga, que a acolhi em minha casa até que ela desse à luz uma menina, que foi chamada de Maria da Cruz. Vitalina assim a denominara acreditando que dessa forma expiaria o seu pecado, oferecendo a sua filha em homenagem à cruz em que Jesus sofrera.

Maria da Cruz veio ao mundo como fruto de uma relação ilegítima diante dos preceitos da Igreja Católica, mas na sua essência era resultado do mais intenso e verdadeiro amor que pode existir entre um homem e uma mulher, independentemente de qualquer liame convencional que os possa classificar.

Vitalina faleceu em 18 de junho de 1960 e Maria da Cruz, sua única filha, nasceu em 02 de maio de 1933, portanto tinha oito anos de idade quando sua mãe faleceu.

Antes que a nossa avó desencadeasse aquelas tormentosas ordens para nos recolhermos, perguntamos o que teria acontecido com a Maria da Cruz depois que a mãe dela faleceu.

– Esta é outra história que poderia contar a vocês amanhã, caso cumpram com os seus deveres.

E no dia seguinte, na mesma hora, estávamos nós num silêncio total, imóveis e de olhos fixos na nossa avó, esperando o relato que nos havia prometido.

[A escassez de informações sobre essas extraordinárias mulheres obriga-nos a criar um contexto de ficção com fundamento em indícios, que não as desmerece e sim realça a suas qualidades, sobretudo a superação das incríveis dificuldades que tiveram que enfrentar –sobretudo pelos valores culturais da época em que viveram, quando as mulheres estavam destinadas a ser o mais das vezes somente reprodutoras de filhos e cuidadoras da casa. Os reveses, mesmo os mais duros que a vida lhes impôs, elas souberam superar, mesmo sem terem tido a oportunidade de uma instrução que lhes desse um melhor aparato intelectual para enfrentar os desafios.]

Maria da Cruz Vasconcelos

Maria da Cruz nasceu em 2 de maio de 1933 e faleceu em 29 de dezembro de 2015, deixando cinco filhos: Regina Célia, Márcia Maria, Adriana Maria, Glauco Antônio e Altair Cesar.

Maria da Cruz, como todas as mulheres sem recursos financeiros de seu tempo, não teve uma vida fácil. Estudou apenas até o segundo ano primário, por não ter incentivo e por se ver envolvida com as lides da minha casa, como era do costume na época, onde morava com a sua mãe, que, por sua vez, trabalhava como operária na fábrica de juta de Taubaté.

Não sei bem se por causa das condições em que vivia, a partir de uma certa idade ela se mostrava rebelde com as coisas mais simples. Por exemplo, teimava em andar descalça para todo lado, contra os meus ensinamentos. Por outro lado, era extremamente carinhosa com as pessoas e mostrava uma determinação que me deixava e à minha mãe assustadas, pois não era costume da época as mulheres terem tal grau de independência, principalmente considerando a sua pouca instrução. Frequentemente havia desentendimentos entre ela e sua mãe ou entre nós.

Vitalina, sua mãe, preocupava-se com o futuro dela e gostaria que ela tivesse um grau melhor de instrução, principalmente por ela se mostrar com um grau de independência

compatível com pessoas com mais educação e compreensão dos valores culturais da época.

Aos 16 anos Maria da Cruz já tinha um porte de mulher adulta e as suas manifestações de vontade cada vez mais entravam em choque com os valores cultuados por sua mãe e por mim.

Ela estava ciente da sua condição de filha ilegítima. Uma vez sua mãe lhe mostrou na rua quem era o seu pai e porque ela era filha ilegítima, pois ele era casado. Vitalina contou para sua filha a história toda de como ela se envolvera com Joaquim. Maria da Cruz tudo ouviu e naquele momento sentiu um grande amor por sua mãe, por ter lutado para que ela, Maria da Cruz, viesse ao mundo enfrentando todas as adversidades culturais da época, inclusive sendo obrigada a sair de casa, pois a sua própria família a repudiava.

Também sentiu um profundo agradecimento por mim, por ter acolhido a ela e à sua mãe num momento em que todas as portas pareciam se fechar para elas. Também compreendeu as dificuldades que a sua mãe teve que vencer para sobrepujar todas as adversidades que enfrentou e ficava imaginando as injustiças que o costume da época impunha às pessoas em certas circunstâncias. No seu íntimo cresceu, ainda que inconscientemente, uma firme disposição de, tal como a sua mãe, enfrentar os valores da época se chegasse às mesmas condições que a sua mãe teve que suportar.

Mal sabia ela que ao firmar esta convicção estava, sem o saber e muito menos sem o querer,

traçando uma rota de vida muito semelhante à que sua mãe vivera.

Maria da Cruz manteria um único relacionamento durante toda a sua vida.

A nossa avó interrompeu a narrativa e olhou para nós. Estávamos, como sempre, mudos e estáticos, presos em cada uma das palavras que ela pronunciava nesta história arrebatadora. Mas o silêncio repentino e fixação em cada um de nós deixou claro a mensagem para nós de que a sessão terminara e só continuaria no dia seguinte, se cumpríssemos com as nossas tarefas diárias. E no dia seguinte, tal como um relógio, estávamos nós em silêncio e com os olhos postos em nossa avó, esperando, ansiosamente, que a narrativa continuasse.

Parece que o destino tem as suas leis, que independem da vontade dos homens. Pois, como se verá, Maria da Cruz teve uma vida muito parecida com a da sua mãe.

Ela era encarregada de ir ao Mercado semanalmente e abastecer a família com os legumes, verduras e frutas da semana. Naquela semana, por uma série de circunstâncias, chegou ao Mercado quando este acabara de fechar. Ficou parada em frente à porta, sem saber o que fazer. Vendo que nada poderia fazer, resolveu voltar para onde morava, mas tão logo começou a andar, trombou com um homem que acabara de sair do

Mercadão, e que estava muito apressado. Do encontro entre eles rompeu-se um saco de laranjas, que se espalhou pelo chão. Maria da Cruz logo se abaixou e começou a recolhê-las, ao mesmo tempo que o homem. Ela se desculpou, mas o homem disse que a culpa era dele, que estava com muita pressa e não percebeu que ela estava e frente ao Mercadão. Ele se apresentou dizendo chamar-se Braz Silvério e sem mais delongas despediu-se e foi embora apressadamente.

Maria da Cruz achou muito estranha a conduta desse homem, apresentando-se, falando o seu nome e nem perguntado qual era o nome dela, indo embora com uma pressa danada, parecendo que “ia tirar o pai da força”, como se costumava dizer nestes momentos. Mas, pensou ela, os homens são assim mesmo, criaturas estranhas que pensam ser os donos do mundo. Naquele dia ela voltou para casa com as mãos vazias, pois nada comprara, mas com a cabeça cheia de indagações.

Quem seria este homem? Por que dissera o nome dele e nem perguntara o nome dela? Por que estava com tanta pressa?

Estas questões sem resposta ficaram martelando a sua cabeça nas duas semanas seguintes. Mas, enredada em questões do dia a dia ela acabou esquecendo totalmente do dito homem.

Por outro lado, Silvério, era este o nome pelo qual era conhecido, ficou curioso de saber quem era aquela morena que ele atropelou naquele dia na saída do Mercadão. Mas, também envolvido com o

dia a dia de suas tarefas acabou por esquecer, momentaneamente, o caso daquela moça.

Mal sabiam eles que o destino os levaria a se encontrar novamente e de uma forma tão definitiva, porém com circunstâncias difíceis para ambos, em que felicidade e tristeza andariam de mãos dadas por muitos anos.

Nossa avó fez um silêncio e nós nos olhamos, pois ainda era muito cedo para ela nos mandar cumprir nossas tarefas e dormir para acordar amanhã cedo para ir à escola.

Já íamos reclamar os nossos direitos quando ela retomou a narrativa

Otília de Paula Santos

Agora vou lhes falar sobre a Otília, que vocês conhecem bem, pois já fomos diversas vezes na casa dela na Vila Nossa Senhora das Graças e vocês foram premiados com aquelas incríveis empadinhas de frango que só ela sabe fazer.

Há um retrato de minha família no qual a Otília aparece, deixando claro que ela era uma pessoa da família – pelo menos era assim que nós a entendíamos.



[Da esquerda para a direita: meu pai, Marcos; minha tia Maria, filha de minha avó Joana; minha mãe, Maria Aparecida; meu tio Dimas, também filho de minha avó, me segurando; meu avô Licínio, marido de Joana; Otília; e minha avó Joana. Um detalhe: observe a minhas mãos e as mãos do meu avô, na mesma posição. Seria coincidência?]

Mas a realidade era bem outra. Ela, fazia todos os serviços de casa: era quem cuidava da limpeza, além de cozinhar. E um dia resolveu mudar de vida, ter um trabalho no qual pudesse ter um fim de semana para ela. Foi trabalhar na

“Juta”, empresa que fabricava tecidos em Taubaté. Depois, através de uma amiga, foi trabalhar em São Paulo, numa instituição hospitalar. E aí começou a sua vida, a sua família.

Catharina Maria de Jesus casara-se com Sebastião Pereira dos Anjos. Por um desses caprichos insondáveis da natureza ela não conseguia engravidar, o que a estava deixando extremamente deprimida. Conversando sobre isso com suas amigas uma delas sugeriu que levasse o problema ao confessor, para ver se não se tratava de castigo divino devido a algum pecado que cometera e Jesus a estava castigando pela falta de penitência. Catharina ficou algumas semanas meditando se cometera algum pecado, deixando de se confessar, e se a infertilidade era decorrência, de fato, da falta de penitência. Ela tinha certeza de que não cometera pecado algum de maiores envergaduras, somente pecadilhos, por assim dizer, que no seu entendimento não seriam capazes de provocar a ira divina. Mas, pelo sim pelo não, um dia resolveu que na próxima missa de domingo iria se confessar desses pecadilhos, para ver se assim ficava sem débito perante Deus.

Naquele domingo, acordou cedo com renovada esperança de que iria colocar um ponto final nesse jejum de gravidez que tanto a

deprimia. Após da missa, sentou-se no confessionário, narrou a questão que tanto a atormentava e passou a confessar todos os tais pecadilhos na esperança de obter uma penitência salvadora que iria colocar um ponto final no seu sofrimento e angústia. O padre ouviu em silêncio e depois da sua confissão, na qual narrou o contexto dos pecadilhos e a ausência de penitência, o padre lhe disse que estava escrito na Bíblia que aquele que tiver fé, “peça que será atendido”. Que ela deveria fazer uma promessa a Jesus e lhe pedir a graça da gravidez, que ela seria atendida.

Catharina saiu do confessionário como se tivesse confessado com o próprio Jesus Cristo e com uma fé renovada de que a gravidez certamente iria acontecer, e por isso fez a seguinte promessa: se ela engravidasse, as três primeiras filhas, em homenagem a Jesus Cristo Salvador do Mundo, iriam se chamar, nessa ordem, de Fé, Esperança e Caridade, todas com o sobrenome de Jesus, ou seja, Fé de Jesus, Esperança de Jesus e Caridade de Jesus. E mais: que elas nunca iriam se casar, para serem noivas de Jesus enquanto vivessem.

Catharina saiu da igreja pisando nas nuvens e com uma fé absoluta de que a promessa que fizera a Jesus para lhe perdoar de seus pecadilhos, agora sim, faria com que, livre de qualquer pecado, seja daqueles grandes, ou dos menos ofensivos à ira divina, ela iria engravidar.

Estes fatos são narrados para se entender como as coisas aconteceram nessa família, pois logo em seguida Catharina ficou grávida. A sua

alegria não tinha limites, mas estava com um problema: teria que expor ao seu marido como conseguira a gravidez e a promessa que fizera a Jesus, de forma que as três primeiras filhas que tivessem seriam dedicadas a Ele e jamais poderiam se casar.

Seu marido ouviu em silêncio o relato do que ela fizera naquele dia no confessionário, sem citar, naturalmente, os seus pecadilhos, pois estes somente podem ser ditos aos ouvidos sagrados do padre no confessionário.

Ele, cristão convicto, ao constar que as suas três primeiras filhas seriam dedicadas a Jesus, ficou em dúvida se de fato a sua esposa teria engravidado por causa da promessa, mas como caldo de galinha e água benta não fazem mal para ninguém, preferiu concordar para ver o que iria acontecer.

E, mais uma vez, por um desses insondáveis mistérios da natureza, que os homens atribuem às intervenções divinas, Catharina teve três filhas, uma em seguida da outra, e as chamou como prometera naquele longínquo domingo de contrita confissão e promessa.

E as suas filhas, desde tenra idade, foram diariamente sendo catequizadas no sentido de que elas foram geradas por obra de Jesus e que jamais se casariam, pois estavam destinadas para serem eternas noivas de Jesus.

As meninas cresceram com a plena convicção dessa verdade divina, que sua sina fora determinada nada mais nada menos pelo próprio Jesus, o que as fazia crer que estavam numa situação

privilegiada em relação às demais meninas, que não tinham essa sorte divina.

Mas a natureza é sábia e tem as suas próprias leis, que ignoram por completo aquelas formuladas pelos homens que contrariam os seus desígnios, quaisquer que eles sejam.

Elas, as filhas da Catharina, eram conhecidas na cidade pelo nome carinhoso de “as três solteironas, Fé, Esperança e Caridade”.

Mas, como ia dizendo, a natureza ignora os mandamentos, promessas e coisas que tais, principalmente aquelas que os homens acreditam serem originadas de Deus, Jesus e de seus mandatários na Terra, ignorando-as solenemente, traçando os seus desdobramentos segundo seus misteriosos e insondáveis propósitos. Assim, tão logo Catharina faleceu, as suas filhas não resistiram ao amor terreno que um dia encontraram nos braços dos homens, esqueceram-se da promessa que lhes fora imposta e tornaram-se esposas de homens nesse mundão de Deus.

E um dia Caridade de Jesus veio dar à luz sua primeira filha, que chamou de Ottilia de Jesus, nascida em 14 de agosto de 1912. Ela foi assim chamada por Caridade como uma forma de se redimir por ter quebrado a promessa que sua mãe fizera a Jesus, dedicando sua filha para ser o que era não pudera ser, pois sucumbira ao amor terreno.

Ottilia casou-se com Avelino de Paula Santos, em 27 de dezembro de 1944, passando a adotar o nome de Ottilia de Paula Santos. Ottilia veio a falecer em 28 de dezembro de 1998, deixando

três filhos: Maria Fátima de Paula Santos, Nicéa de Paula Santos e Otacílio de Paula Santos.

Mas a nossa curiosidade não pôde continuar a ser satisfeita. No dia seguinte uma parte da cozinha da casa velha em que morávamos desabou, pregando em todos nós um enorme susto. O telhado de madeira fora comido pelos cupins e ruíra.

Este acontecimento alterou profundamente a mecânica da casa. As refeições passaram a ser feitas na sala e não podíamos mais sair para a chácara pela cozinha, tínhamos que dar a volta pela entrada principal da casa. Também para ir ao banheiro não podíamos ir pela cozinha e sim pelo lado de fora. Mas todos íamos nestes cômodos com muito medo deles desabarem de repente sobre as nossas cabeças.

O fato é que a minha avó não mais nos contou sobre as pessoas que ela mencionara.

5. Testemunhos de familiares

A Iracema nos traz uma imagem bastante simbólica, ao olhar de relance ao passar diante do asilo e ver ao fundo, com um ferro de passar roupa nas mãos, daqueles antigos aquecidos com carvão em brasa, a Vitalina passando uma camisa muito branca, sabe-se lá de quem...

Uma imagem fugidia, rica de significado, mostrando um lado cruel da vida daqueles tempos das pessoas mais simples, mas profundamente humanas, dando de si para que outras sobrevivam, ou vivam na satisfação de suas necessidades. E que acabam os seus dias num asilo, abandonadas, longe de tudo e de todos, tendo somente como companheiras de solidão as memórias de filhos e netos que as esqueceram...

Foram acrescentados os testemunhos de alguns familiares com a finalidade de enriquecer a lembrança destas pessoas que fizeram parte da vida de nossa avó, e de uma maneira ou outra, de todos os familiares, mesmos os que aqui não citados. E nos ajudaram a ser o que somos hoje, marcando profundamente a vida de todos nós.

5.1. Testemunhos sobre a minha avó Joana

Lady

Me lembro da vó Joana muito bem, Foi a pessoa mais nobre que conheci em toda minha vida. Era de alma limpa, nunca a vi sofrer ou reclamar seja lá o que fosse. Estava sempre sorrindo e contando algo engraçado. Gostava de estar entre nós (jovens) e nos alegrava tocando piano. Gostava muito de passear. Lembro quando ela foi ver patinação no gelo, voltou muito animada. Um ano antes de morrer comprou uma lembrancinha para cada pessoa que conhecia. No dia do seu falecimento ela levantou, tomou banho, depois tomou café. Quando terminou falou para a filha: Maria vou pôr o lixo na rua, depois vou deitar porque vou morrer. E morreu sorrindo.

Lembro de uma história que ela me contou: falou que morava longe e recebeu um telegrama para remover os restos mortais de seu filho Dimas. Porém demorou dias para chegar à cidade onde devia trasladar o corpo e quando chegou se apresentou ao gerente do cemitério, que se admirou por ela estar ali para transportar o corpo para lugar definitivo. O gerente lhe disse que já tinha feito isso, já que um homem tinha se apresentado para tal obra. Ela perguntou, surpresa, quem era esse homem e o gerente lhe descreveu seu próprio filho lá enterrado. Essa história foi da boca dela que ouvi. Ela lia o jornal todos os dias, que era na época o jornal mais sangrento, só relatava tragédias.

O relacionamento dela com Jorge era de cumplicidade. Ele dava gargalhadas igualzinho a ela.

Iracema

Eu tenho muitas boas lembranças com a vovó. Primeiro porque ela era minha madrinha e sempre tive uma

afinidade muito grande com ela, desde pequena, e sempre fui de visitá-la depois de adulta lá na casa dela nos finais de semana, no Jardim Tremembé, logo depois do bairro Nova Cachoeirinha. Eu levava pão, leite, manteiga, muitas vezes pó de café e a gente preparava o lanche da tarde. Sempre ia com alguma coisa pra eles lá porque eu queria ficar perto dela e a gente conversava bastante. Eu lembro que ela era uma pessoa que nunca falava mal de ninguém, não tinha uma má palavra, sempre dava incentivo e ficava muito feliz quando eu chegava. Quando criança também eu lembro de quando ela vinha nos visitar em Taubaté e eu ficava numa alegria imensa. Fiquei muito feliz quando ela me deu de presente uma caixa em forma de baú de madeira e esse bauzinho ainda existe, pois o doei para a Gabriela, tem vários baús e ela guarda esse também. Mas é assim, eu só tenho boas lembranças de alegrias nas festas em que eu saía com ela, de mãos dadas, e a gente andava lá por Taubaté. É o que me lembro sobre a minha avó Joana.

Eu já ouvi dizer de a vovó ter conhecimento de francês, assim como ela na época estudou piano, então são coisas assim muito destacadas, para pessoas na condição dela naquela sociedade. Ela tinha uma caligrafia muito bonita, toda bordada. Escrevia muito bem, ela foi uma pessoa ilustrada. E quem pode ampliar mais isso sobre essa parte intelectual eu acho que é a Jandira, porque ela tinha algum conhecimento disso. Eu ouvi dela também em conversa. Agora quanto a esse local de Tremembé, que era Jardim Tremembé, ficava seguindo onde a gente morava na Vila Santa Maria até Nova Cachoeirinha depois vinha essa região que era também chamada de Parque Tremembé. Muitas vezes o pai ia recolher água de lá, água natural de uma fonte. Nesta época a tia morava lá no Jardim Tremembé. Ela comprou uma casa, que aliás você chegou a ir, numa festa de

aniversário da nossa avó. Na época eu trabalhava na 2.^a Região Militar, na Barra Funda, a gente controlava essa parte de fogos de artifícios no comércio, dinamite das pedreiras e nesta época eles sempre distribuíam fogos de artifício. Eram pequenos presentes pra gente. Eu me lembro que fizemos uma festa de aniversário pra vovó e teve fogos que a gente soltou, tinha fogueira, tinha aquelas coisas de festa junina. Eu lembro que a Sílvia levou a acordeom e tocou, foi tão bonito, simples, mas tão agradável e amorosa. Nesta comemoração eu lembro das palavras da nossa avó: aproveita bem porque este é o meu último aniversário e realmente foi o último aniversário dela, pois o comemoramos em 23 de junho e ela morreu 5 de setembro daquele mesmo ano.

Sílvia

Primeiramente quero ressaltar que o meu sobrenome Vasques originou-se do meu envolvimento com a vó Joana, quando morava na Vila Santa Maria. Ela me chamava de “menina” e sempre que me via me convidava para tomar um suco de alguma fruta na sua casa. Um dia em que tomava um destes sucos, ela me falou do Aurélio, afirmando que ele gostava muito de mim. Mas ele mesmo não se aproximava, pois era muito calado. Em virtude da frequência em que estava na casa da vó Joana para tomar um daqueles sucos que ela sempre me oferecia, acabamos nos falando e depois de um tempo começamos a namorar. Com a minha formação em colégio externo de freiras, não passava pela cabeça namorar quem quer que seja. Mas a vó Joana, indiretamente, me colocou diante de circunstâncias que mudaram o meu modo de ver as coisas. Assim eu e o Aurélio começamos a namorar e acabamos nos casando. Começamos morando na Vila Santa Maria e todo mês, quando a

tia Maria recebia a sua aposentadoria, ela e a vó Joana tomavam um táxi e vinham, do Jardim Tremembé até a casa onde morávamos. Sempre chegavam com pães e alguma coisa a mais para fazermos um café. Tenho somente boas lembranças da vó Joana e da tia Maria, com as quais convivi durante anos e nunca tivemos qualquer desavença ou desentendimento.

Telêmaco

A vó Joana era uma pessoa generosa, carinhosa e muito inteligente. Algumas vezes eu a escutei tocar piano. Tocava muito bem.

Ela tinha uma ferida enorme em uma das pernas, que não cicatrizava nunca. E por causa disto e devido ao reumatismo de minha mãe, nós saíamos muito pouco. Nesta época morávamos no Jardim Tremembé, em São Paulo.

Um fato curioso que me marcou profundamente aconteceu quando eu tinha 5 ou 6 anos. Neste dia estávamos nos dirigindo para assistir uma missa, eu, a vó Joana e minha mãe. Estávamos de mãos dadas. Um pouco antes de chegar na igreja, de repente a calcinha da vó Joana cai. Eu fiquei ao mesmo tempo achando engraçado e envergonhado, sem saber o que fazer. Não sabia se me abaixava para ajudar a erguer a calcinha dela, pois sabia que a minha mãe tinha dificuldades para se abaixar. O fato é que a cena toda era bastante constrangedora para a minha avó. Você sabe que a vó era espalhafatosa e eis que ela, de forma surpreendente, emite uma enorme gargalhada como se estivesse na presença da coisa mais engraçada da vida!

Ao mesmo tempo que eu, de forma atabalhoada dizia para ela não rir, que iria chamar a atenção das pessoas ao redor, aí sim que ela ria cada vez mais. Eu sei que eu e a minha mãe, mais que depressa tratamos de subir a calcinha

dela, enquanto ela não parava de rir. Assim era o espírito dela.

Foram momentos muito especiais que passei com ela, inclusive era a minha protetora, quando por causa de alguma estrepolia a minha mãe queria me bater, eu corria para a minha avó proteger.

Devo a ela muito da formação de meu caráter, principalmente no sentido de aprender a perdoar as pessoas que nos fazem mal.

Ela não gostava muito de ser fotografada e uns dias antes de morrer, ao acordar de manhã tentamos tirar uma foto dela (abaixo), mas ela nos afastou com a mão.



5.2. Testemunhos sobre Vitalina Maria de Jesus Vasconcelos

Jandira

Eu tenho lembrança da Vitalina, só uma vez. Eu fui buscar roupa no asilo, e uma daquelas mulheres com aquelas coberturas no cabelo, como se fossem freiras, atendeu a porta e eu vi a dona Vitalina por uma fresta e já era noite. Ela estava passando roupa com aquele ferro grande, pesado, de ferro, que se punham brasas dentro. Essa foi a única visão que eu tive dela. Não mais. Só sabia que ela era Vitalina, porque a mulher até gritou e a minha mãe, ou a minha avó, não me lembro, disse, olha, pede pra Vitalina ver na nossa roupa alguma roupa, uma camisa do meu pai, alguma coisa assim. Deve ter sido uma vida muito difícil a dela.

Iracema

Oi Regina

Desconheço qualquer coisa a respeito desse assunto.

Uma única vivência minha com relação à D. Vitalina é a imagem dela passando roupa branquíssima e perfumada com ferro aquecido por brasas em um ambiente muito pobre numa casa perto do asilo. A lembrança do perfume eivado da brancura do lençol jamais senti novamente...

Fátima

Oi, Regina

A proprietária da casa que empregava as lavadeiras e passadeiras se chamava D. Clara e a casa ficava na praça em

frente ao Convento Santa Clara. Tinha porão sim nos fundos da casa e também um pé de abacate.

A casa da D. Clara ficava na rua Cap. Cirilo Lobato, quase na esquina da rua Dr. Souza Alves, de frente ao Convento Santa Clara.

5.3. Testemunhos sobre Maria da Cruz Vasconcelos

Regina

A lembrança mais remota de mamãe foi por volta de 1964 ou 65, eu tinha mais ou menos 5 anos e a vi com a mão, se não me engano a esquerda, ensanguentada. Logo alguém apareceu em casa (morávamos numa casa e bar em frente à Rodoviária Nova). Em tempos de pouca ou difícil comunicação, não tínhamos telefone, nem havia à disposição, ficamos em casa, eu e minha irmã Márcia (nossa diferença é dois anos), ela praticamente “saindo dos cueiros”, e quando ela voltou com o braço enfaixado e devidamente medicada (hoje é que penso nisso) foi pura alegria, alegria de criança que pensa o que em ver a mãe indo daquele modo num carro para onde sequer se sabe!

Ela havia se acidentado quando manuseava o copo do liquidificador ao rosqueá-lo à base. Lembro da aflição de criança ao vê-la assim. É uma lembrança bem viva em mim. Nós éramos e sempre fomos grudados em mamãe. E ela em nós. Quando mudamos para o bar do 3 Marias, passando a ponte, vieram Adriana, Glauco, e em 1969, Altair. Em 1971, Teresa era uma mulher sem teto que ajudou minha mãe algumas vezes no bar. Ela carregava um bebê muito pequeno, que ainda não sabia andar. Tivemos afeição imediata por aquela criança, e praticamente obrigamos mamãe a aceitar cuidar de Paulo. E assim foi. Ainda hoje ele mora na casa do 3 Marias.

Em 1966, ocorreu um fato. Meu pai, sempre muito ausente na nossa vida, teve um desentendimento muito sério, destes em que o lugar fica pequeno para os desafetos.

Meu pai resolveu sair do 3 Marias, e fomos todos morar em Lorena, cidade situada 60 quilômetros distante de Taubaté. Mamãe acompanhou papai imagino pela razão de que estavam juntos havia pouco tempo (6 anos) e ela já tinha 4 filhos e uma ideia de família constituída muito firmada em sua cabeça. É o que penso.

Em Lorena, fomos para uma casa velha em meio a uma gleba de aproximadamente 2 mil metros quadrados, ou talvez um pouco mais. Fomos para lá sem recursos, com pouquíssimos móveis e sem dinheiro. Maria da Cruz se levantava muito cedo, e com ajuda de um rapaz que estava conosco desde Taubaté, ela e ele praticamente semearam naquelas terras todo o tipo de hortaliça, batatas e legumes. Tinha de tudo, até ervilha me lembro de haver lá. Não sobrou terra sem plantio, praticamente essa a verdade. Papai não aparecia por lá. Sempre viajando. Minha mãe enchia uma cesta com todo o tipo de plantaçoão nossa, mas Ditinho retornava sem vender nada. Foi um tempo difícil, de passar necessidade mesmo. Meu pai durante esse um ano em Lorena, ia muito pouco à nossa casa. Papai praticamente não conseguiu custear os valores que um lar precisa para se manter minimamente. Chamávamos o local de “Sitio de Lorena”.

Apesar dessas dificuldades extremas, eu frequentei um ano de escola (primeiro ano) muito precariamente. Meu pai trocou (permutou) o sítio por um caminhão e uma draga de areia, mas depois mandados de penhora apareceram e meu pai perdeu tudo, e fomos despejados pelo comprador do sítio. Moramos num lugar paupérrimo por alguns meses e minha mãe resolveu retornar a Taubaté, para sua casa originária.

Novamente, era o recomeçar. Com sua força habitual, sua resiliência (e também resignação), recomeçou do zero,

pois o bar estava vazio, inclusive sem instrumentário ou balcões, enfim. Não me recordo bem o que aconteceu, mas nossa mãe procurou o fornecedor dos tempos do bar da Rodoviária. Ele imediatamente se prontificou a garantir o nosso estabelecimento com todos os itens necessários, a prazo, de tudo um pouco. E a sua capacidade de recomeçar do zero se mostrou novamente. Assim era Maria da Cruz. Ela foi uma fortaleza nesta época. Recomeçar, e quatro filhos pequenos para criar, levar à escola (eu e minha irmã ao menos), fazer as tarefas de casa. Foi bem difícil. Meu pai era ausente. Hoje, lembrando, acho que ele sofria de uma aguda ansiedade que não o permitia parar em casa. Mamãe arrumou as prateleiras, comprou (a prazo) balcões resfriados etc. Assumi várias dívidas e quitou-as trabalhando dia após dia e firme nos conduziu a bons caminhos. Eu estudei no Estadão, uma boa escola, minha irmã Márcia foi matriculada no “Industrial”, o melhor colégio de Taubaté à época.

Sua personalidade era doce, dedicada, cuidadora, e extremamente corajosa. Ela era, enquanto uma mulher, uma mantenedora. Devo a ela ter entrado na Faculdade de Direito, pois em momentos de desânimo, ela sentava comigo e dizia o quanto a vida lhe havia sido dura e o quanto ela queria que para nós fosse diferente.

Ela ficou de 1967 (ficamos um ano em Lorena) até 1978 enfrentando o balcão e uma clientela progressiva de fregueses num bairro pobre, mas que prometia certa ascensão, pois nosso bar virou o primeiro naquele lugar, em termos de abastecimentos variados e em termos de numerosas pessoas que tínhamos como clientes. Mamãe era respeitada e todos lhe gostavam.

No ano de 1979, resolvi pedir ao meu pai para que me apoiasse e fui morar em São Paulo. Minha irmã Márcia

acompanhou-me. Fomos morar na Barra Funda, na pensão da Dona Lazinha, uma nordestina firme e obstinada. Ela era prática e trabalhadora. Instalou-nos num quarto e havia muitas pessoas em sua pensão da Barra Funda, na rua Souza Lima. A maioria era homens e papai resolveu alugar um porão na mesma rua, pois continuamos a fazer nossas refeições na Dona Lazinha.

Eu consegui emprego meses depois no Grupo Sears, do Grupo Malzoni, como datilógrafa. Minha irmã continuou na sua procura por empregos e logo depois foi trabalhar num Salão de Cabelos como manicure. As coisas foram se ajeitando, mas sentíamos muitas saudades de mamãe, que ficara em Taubaté. Em 1979 Maria da Cruz foi se juntar a nós. Foi uma maravilha a sensação que ela demonstrava de estar morando conosco, todos juntos, inclusive papai. Fomos morar num apartamento na rua Lopes de Oliveira, 160, na Barra Funda. Logo depois, nos mudamos para uma casa na rua Cruzeiro, também na Barra Funda, mais perto do Bom Retiro, onde papai alugou uma casa para explorarem, ele e minha mãe, comércio de queijo e oferecimento de comida aos trabalhadores locais. Minha mãe assumiu essa tarefa sem sequer uma auxiliar, e via-a na cozinha com muito calor, sem sistema de escoamento de da fumaça, servindo aos pensionistas, fazendo comida diariamente num fogão industrial. Saudades da rua Cruzeiro. Isto se deu de 1979 a 1984 (começo do ano). Foi deslumbramento para mamãe no sentido de conhecer a cidade de São Paulo de cabo a rabo, ou perto do que poderia ser isso para ela.

Novamente, ao saber que papai tinha uma mulher, fato negado por ele, minha mãe, mesmo que em São Paulo eles já não estivessem mais juntos no sentido conjugal, minha mãe se magoou muito por isto, acho que se sentiu na pior parte da história, pois ela trabalhava muito. Então ela

se desentendeu com meu pai e retornou para Taubaté. Vieram ela, Márcia Adriana, Altair e Paulo. Eu e Glauco ficamos em São Paulo. Eu estava no último ano de faculdade. Para demonstrar solidariedade à minha mãe, também saí da casa de papai. Foi um problemão, porque quase perdi o curso de Direito, tive muita dificuldade em pagar este último ano. Faço justiça em dizer que por volta de agosto, procurei papai porque estava ao ponto de perder mesmo e ele quitou meus últimos quatro meses de mensalidade. Finalmente, com o coração apertado, formei-me no ano de 1984 e coleei grau em 1985.

Mamãe, se não me engano, aposentou-se em fins de 1988 por tempo de serviço. Ela tinha 55 anos de idade. Mas o valor era muito pouco (um salário-mínimo) e ela estabeleceu-se naquele bar do começo, em frente à Rodoviária Nova. Em 1993 meu pai ajuizou uma ação de retomada do bar contra minha mãe. Fui advogada dela. Ajuizei “nomeação à autoria” porque ele ajuizou contra o Glauco que tinha o bar em nome dele. Pedi para o juiz tirar o Glauco e colocar minha no polo passivo pois ela era companheira dele a vida toda, embora estivessem separados. E ganhamos a ação principal, dissolução de sociedade de fato, e minha mãe não precisou sair. Continuou lá até o ano de 1995, se eu estiver certa. Essa ação foi um melodrama, pois arrolei todos os meus irmãos como testemunhas (informantes do juízo) e uma série de fatos desnecessários vieram à tona na audiência. Chorei um pouco depois da audiência pelas coisas ditas, desnecessário repeti-las aqui, mas hoje rio muito ao lembrar. Ao lembrar como somos tolos e como meu pai perdeu tanta oportunidade de ser digno e reconhecido de quem era minha mãe. Hoje sinto melancolia e uma alegria muito grande ao saber que estivemos mamãe e eu, juntas em todos os momentos.

Bem, mamãe era resiliente, forte e fraca, claro, em muitos momentos. Nesta época em que estive à frente do bar na Rodoviária já com 60 anos, fora para ela um dos tantos recomeços, retornando à venda de bebidas e salgados. Eu estava casada nesta época e morava em São Paulo. Vinha visitá-la e a encontrava sempre alegre, descascando laranjas (ela adorava laranjas).

Ela nos contava algumas crendices de sua infância, imagino, como o dia em que um grupo de homens foi convidado a uma festa, e caminhando todos juntos para o lugar, um deles ficou para trás, e tendo um outro homem que estava sozinho sido atacado no mesmo caminho e rota, dias mais tarde o fulano que se atrasou chegou em casa machucado e se constatou que ele era o agressor e que era “lobisomem”. Nós gostávamos de ouvir.

Mamãe era contadora de histórias antigas, era falante quando estava bem, e o que gostava era a presença de todos os filhos juntos, o que acontecia nos finais de ano. Eu me hospedava algumas vezes lá em Taubaté nestas épocas. Algumas delas tivemos a presença de tia Otília e filhas, nunca o Otacílio. Otacílio nunca estava presente. Mamãe gostava muito de Otília, ela chegou a morar com as filhas em casa por um tempo. Elas se gostavam. Tia Otília também sofreu muito pelos reveses da vida.

Minha mãe era brincalhona, espirituosa e trabalhadora incansável. Acho que aprendeu com a vida.

No fim dos anos 90, resolveu afastar-se destas atividades de bar. Contava com quase 70 anos.

No começo dos anos 2000, se não me engano, entrou para a Igreja “Assembleia de Deus”. Começou a frequentar a igreja e fazer parte das obras de caridade dos evangélicos. Levava a palavra de Deus a muita gente e fazia parte da entrega de mantimentos a pessoas necessitadas, cadastradas

na Igreja. Chegou a participar da escola dominical aos domingos, de ensinamentos para as crianças.

Meu pai havia se separado definitivamente, parou até de conversar, por volta dos anos 2000, embora o visse com frequência até estes anos. A partir de 2000, rarearam suas idas para Taubaté, pois tinha um apartamento em São Paulo, num bairro popular da Zona Leste, em Itaquera.

Papai foi um homem rude, iletrado, a pobreza nestes anos de juventude deles, imagino que fosse grande. Mas papai era inteligente, arguto, convincente, comerciante próspero em várias ocasiões e tinha uma postura objetiva perante a vida, como acho que é a postura masculina na maior parte das vezes. Ele apenas não tinha muita consideração pela minha mãe, talvez porque ele se considerasse, fizesse um juízo de valor dele perante ela. Minha mãe não foi apoiada por ele. Isto testemunhei e minha lucidez pode afirmar com bastante tranquilidade. Ele não compreendia a personalidade de uma mulher tão sofrida e que precisa afirmar-se em alguma coisa. E ela o fez com o trabalho e dedicação às outras pessoas.

Não obstante ele ter estado com ela no começo, é o que deduzo pelas histórias, mas depois disso, ele resolveu fazer a própria vida paralela, mas sem muita intersecção. Acho que ele pode ter tido envolvimento muitos, pois que era por demais ausente de nossas vidas. Tia Otília o chamou várias vezes, lembro bem, para conversas sobre o dever dele como pai e marido. Ela agia como se fosse mãe de Maria da Cruz. Era uma mulher excepcional, igualmente digna, trabalhadora. Lembro que quando perdeu tio Avelino, nunca mais se casou e só pensou em apoiar as filhas, minha mãe igualmente só teve a meu pai e o amou com devoção, e depois de separada, antes do fim dos anos 2000, nunca mais teve ninguém em sua vida.

A ausência de meu pai em nossas vidas se acentuou depois dos anos 2000.

Em 2008, meu pai reapareceu. Estava doente, e eu estava de viagem marcada para o Nordeste, prestes a embarcar no Aeroporto de Guarulhos. Fiquei sabendo que Adriana havia ido buscar repentinamente nosso pai por causa dessa doença. Adriana ligou-me e não fui mais viajar. Fui vê-lo no dia seguinte e ele aos prantos pediu-me perdão por todas as coisas malfeitas, pela ação contra mamãe.

Tivemos uma conversa calorosa, quando lhe disse que o perdoava (ele não aceitou outra coisa) tivemos a ideia de fazer uma lista de pedidos de perdão. Chamamos a lista do perdão. A primeira pessoa desta lista era minha mãe. No outro dia, eles se encontraram e papai pediu perdão, chorou como criança na frente dela. Nestas horas é muito interessante, mas minha mãe permaneceu serena, compreensiva, mas não tão emotiva quanto ele. Ela o tratou com carinho, mas sem nenhuma culpa de nada, imagino. De lá ele retornou à casa de Adriana, a poucos metros da casa de mamãe

Pegamos a tal lista, já feita, e mais ou menos umas 15 pessoas ali estavam enumeradas. Marcamos uma visita à tia Irene, a próxima da lista, dois dias depois. Adriana havia cuidado de papai em sua casa por mais ou menos dois meses em função desta doença, em verdade, ele sentia culpa e dor pelo passado. Ele chorava muito. Marcamos e fique de pegá-lo de manhã do dia combinado.

Na madrugada deste dia, papai passou mal e foi levado ao hospital por volta das 4 da manhã do dia de nossa viagem à tia Irene. Havíamos feito com tanto empenho a lista do perdão. Ele falara com emoção das pessoas a quem queria pedir perdão. Era então uma criança sentindo culpa e se retratando.

Fui avisada às 9 da manhã que meu pai tinha sofrido um AVC. Fui ao Hospital Regional de Taubaté e falei com o médico, e este me explicou que era irreversível, não recobriria a consciência, dado o fato da área nobre afetada pelo aneurisma. Fiquei com ele aquele dia, ele ancorado por aparelhos. Ele morreu no dia seguinte.

O que lembro de meu pai nestes dois meses finais em Taubaté é um homem fragilizado demais, que chorava muito e que não conseguiu terminar seu périplo da lista de perdões. Isto me entristeceu sobremaneira. Gostaria que tivéssemos tempo para isso.

Morreu conosco, filhos, do seu lado. Alegra-me um pouco saber que morreu perdoado pela mãe de seus filhos, únicos filhos. Eles eram solteiros, papai e mamãe e só tiveram filhos entre eles, pelo que sei. Isso também fez bem a ela, ter perdoado o homem que amou com verdade e sincera entrega, e que lhe deu 5 filhos.

Um pouco de meu pai: Braz Silvério Alves. Era Mineiro. Nasceu em Baependi, em 10 de outubro de 1928 e morreu em 15 de setembro de 2008, em Taubaté. [...]

Eu me lembro bem, estas coisas marcam muito (aqui está eternamente como parte de lembranças caras), o dia em que tivemos de providenciar os aparatos todos do enterro. Contratar funerária, o local correto, comprar o caixão. E quando tudo se efetivou, um medo bem irracional me invadiu sem explicação, pois as providências práticas houveram se concretizado. Temi que não houvesse pessoas, gente no velório, a gente que minha mãe aprendera a valorizar como ser único e generoso, no verdadeiro sentido pra mim.

Será que minha mãe era tão querida assim? Essa ideia e pensamento estavam ali, atormentando! Por quê? Não sei.

Eu, totalmente tocada pelo momento, fui até alguns endereços certos das visitas de minha mãe, pessoal da

igreja. Convidei-os, alguns ainda não sabiam de seu passar! Era o seu povo, lá do Parque Três Marias, gente simples crédula, amiga, de ir às missões, de compartilhar oração e “vigília”, as coisas que se faziam juntas esse “povo da igreja”.

Eu pedi a todos que comparecessem ao velório.

E muitos foram. E presenciei que se lotou o local... Gente da igreja, mas também parentes, o pessoal de Minas, parentes de meu pai. Isto foi algo que me confortou, preencheu minha alma de genuína satisfação, ainda que algumas lágrimas caíssem sem que eu pudesse controlar.

Como costume entre os protestantes (crentes), religião de minha mãe, nos velórios, o pastor da igreja de professar, o seu pastor, comparecia para uma “palavra”, uma espécie de culto de despedida.

E me lembro, porque não seria para esquecer, a “palavra” escolhida: *alguém que foi fiel até o fim*, esse o tema para a cerimônia final de celebração de Maria da Cruz, obreira da Igreja Assembleia de Deus.

Como em parte de minha família, alguns amigos e parentes, são cristãos católicos, eu senti aquele momento tão ecumênico como algo que não contava classe religiosa, nada que pudesse dividir. A palavra final flagrou rostos em estado de respeito e devoção ao que deixou minha mãe como legado pessoal: simplicidade e acolhimento a todos que lhe cruzaram o caminho. E aquele “foi fiel até o fim” ressoou em mim como reflexo do que certamente repercutiu naquelas pessoas, que repentinamente observei com seriedade e atenção. Era a despedida. Depois disse em casa, entre familiares e amigos, esse pastor não poderia ser mais bem “escolhido”. Ele fora verdadeiramente “ungido” pela palavra escolhida.

Dito isso, como fato que me encorajou, em 2020, sendo que desde aquele encontro ecumênico no velório,

onde já havia uma semente, procurei um vereador, cujo pai também fora representantes legislativo em Taubaté, Rodson Lima, e seu filho acatou meu pedido.

Lembro do quanto fiquei sentada na Assembleia Municipal, aguardando ser atendida. Interessante é que Rodson filho se entusiasmou porque lembrou de alguns fatos de seu pai. Das dificuldades todas, da avó, mulher íntegra no melhor sentido possamos compreender essa plenitude de quem é inteiro. Ela era, talvez por isso, odiada por alguns. Mamãe a compreendia e acolhia. Posso dizer que esse laço pode ter sido uma boa amizade.

Ao relatar a ele que pretendia homenagear uma moradora antiga do bairro, quase uma fundadora, ele se comprometeu imediatamente. Pediu-me um histórico dela no bairro. E o fiz como orientado. Nascera meu desejo de homenagem nos dias das comoções todas por conta de sua morte, ali tomando os primeiros esteios de concretude, e no ano seguinte. Em 2021 (final do ano) já houvera realizado os trâmites na esfera municipal.

Ao procurá-lo, não houve insistência, muitos retornos, nada disso. Sempre tudo ocorreu por reconhecimentos, por constatações, por confirmações e um assentir que se operava em todos os cantos em que se mencionava Maria da Cruz.

Acho que meu único trabalho real, foi lembrá-lo de que sua avó e minha mãe foram mulheres extraordinárias, cuja têmpera se perdeu em tempos tão fáceis e banais como os tempos de hoje. Minha mãe foi o “tempo antigo” e suas dificuldades, suas severidades, suas crueldades que transformam os dignos em seres extraordinários.

Por isso as coisas fluíram com rapidez. Fez-se o projeto, levou-se à votação.

Houve aprovação em primeira sessão. Meus irmãos não compareceram. Um deles argumentou que a gente só

deve valorizar em vida! Para não perder tempo e também porque a esta altura, não me cabe mais colocar pontos de vista desta envergadura a irmãos que como a mim própria, estão mais velhos e não merecem receber sermão ou coisa parecida. Mas pessoas importantes para mim foram à Câmara Municipal de Taubaté. Atenciosas e educadas, porque celebrar a eternidade de alguém que amamos é um dos melhores tipos de educação. Há pessoas e pessoas e eu gosto de enxergar assim.

Assim, nasceu a Praça “Maria da Cruz Vasconcelos”, no bairro Parque Três Marias, em Taubaté SP, aprovada pela Câmara Municipal na sessão de 7 de março de 2022.



5.4 Testemunhos sobre Otilia de Paula Santos

Iracema

Oi Marcos. Começando pela dona Otilia, minhas lembranças alcançam dois momentos em termos de localização espacial. Lembro da casa da Vila São Geraldo aonde muitas vezes fui, sempre acompanhada do nosso pai e da nossa mãe. Uma casa muito simples sem adornos e confortos, mas de uma ordem e limpeza que exalava um cheiro bom de cuidados. Dona Otilia era muito intensa na forma de se expressar, mas de uma doçura ímpar que se via na forma de oferecer um café, um pedaço de bolo ou um salgado.

Lembro do seu Avelino, motorista de táxi, tinha um porte elegante, mas pouco convivi, porque sempre estava fora para ganhar o dia...

Com as meninas Fátima e Nicéa conversávamos bastante, mas não me recorro do que falávamos; lá tinha muitas revistas da época, talvez nossas conversas girassem em torno do conteúdo das mesmas. Quanto ao Otacílio, nessa época devia estar brincando na rua, como de costume daquela época.

Um outro momento foi em outra casa numa rua mais íngreme lá pelo alto onde tem o cemitério, naquele lado eu lembro que ela estava fazendo coxinha para vender no mercado e separou algumas para deliciarmos. Lembro da Nicéa mais moça, transformada, muito bonita e educada, admirava isso nela.

Dona Otilia sempre trabalhou muito sem perder a doçura do coração nessa casa não lembro da presença do Avelino. A última lembrança dela lá em Taubaté foi na casa

que Nicéa comprou, num bairro não muito longe da atual rodoviária. Era uma casa muito bonita e espaçosa. Boas lembranças de Taubaté.

Por último lembro da dona Otília com Fátima, não lembro se Nicéa também estava, aqui em São Paulo. Vieram nos visitar na Rua Casa do Ator, nosso pai já falecido, foi muito bom...

Jandira

Estava vendo as colocações. Da Iracema com relação à dona Otília, eu vou só complementar um pouco. Eu acho que a casa da Vila que ela fala, devia ser ali naquela rua que era paralela a uma praça onde tinha a igreja de Nossa Senhora das Graças, então não sei se a Vila era Nossa Senhora das Graças ou era Vila São Geraldo. E eu me lembro de ter ido lá muitas vezes com meu primeiro namorado, o Edson, lembra? Ele tinha uma caminhonete. Eu punha o Aurélio, os amiguinhos dele lá na carroceria, e nós íamos pra casa dela, ele me deixava lá e eu ficava lá com a dona Otília, então não lembro o que eu fazia lá, mas eu adorava. Lá era uma casa simples, mas eu me lembro que café nunca faltou. Nunca faltou um pedaço de bolo de fubá também não. Era uma casa realmente muito simples, tudo muito limpo. Eu nem me lembro de ter visto as meninas lá, mas é a minha memória.

E essa última casa que ela falou, eu acho que a Iracema estava comigo. Eu fui com um carro que Farred tinha comprado, era uma caravana azul que eu viajava nas minhas viagens de CEPAM. Com Alexandre dirigindo e a Sallime era pequetita, eu me lembro que eu acho que até a Bebê estava com a gente. Quando a gente visitou a Otília nessa casa, é realmente uma casa ampla, bonita, a gente entrava, havia uma subida, havia uma garagem e a porta da sala era do

lado. Nós ficamos muito felizes de ver a realização da Nicéa da Otilia com as meninas.

E só para pontuar um pouco mais o que a Iracema descreveu. Em princípio é isso, mas eu me lembro deles. O casal Otilia e Avelino, que quando nós estávamos numas agruras lá com o papai desempregado, à tarde eles mandavam 200 reais para a gente. Uma vez eu recebi na janela, seu Avelino entregou 200 reais para eu dar para mamãe, papai. Para nos ajudar. Era uma época de vacas magras, digamos assim. Era um casal maravilhoso, maravilhoso mesmo.

Eu me lembro ainda de ter visitado o seu Avelino no hospital. Diziam que ele estava com a barriga d'água, e eu fui visitá-lo, até por conta de uma forma de retribuir tanta gentileza dele quando levava aquele dinheiro que devia salvar a nossa cara por algum tempo. Então, e ele estava numa cama realmente com a barriga muito grande. Depois eu não soube mais, a vida faz com que a gente se ocupe com um filho, com emprego, com sobrevivência. Nem soube quando ele faleceu. Não tenho ideia disso.

E a uma última vez que eu o vi, eu estava com Farred e a Sallime muito pequenininha, eu já tinha vindo da casa da tia Maria. E a Sallime muito lindinha, não tomava mamadeira, eu falei, por que você não vai mamar? E a Sallime disse vou esperar a tia terminar de fazer café, vou tomar a mamadeira junto com ela tomando café e ela tinha quase 4 anos e era uma graça mesmo, era muito linda. Hoje está mais mal humorada, mas enfim, de lá fomos para a casa da dona Otilia. Foi meio difícil de achar. Ela estava muito gorda, ela desceu de uma casa muito bem-feita que eu vi, mas não tinha escada. Essa escada de pedreiro. Ela desceu assim, com uma dificuldade, fez uma festa para mim, mas ela queria ir visitar a Nicéa, que estava morando em outro lugar. Mas o Farred estava impaciente, já tinha vindo de

Santa Bárbara, estava cansado. Ele falou, não, não vai dar. Fica outra vez e enfim, o carro era muito pequenininho. Acho que ela nem ia caber, que era aqueles Mini Volkswagen. Que é o que tinha na época, não é? Então acabamos não indo e você? Essa foi a última vez que eu vi a dona Otilia, com vida e ela louca para visitar a Nicéa. Olha que linda. Então era isso. Um beijo.

Fátima

Todos os assuntos abordados em relação à Otilia são oriundos de conversas dela com sua filha caçula, Maria Fátima de Paula Santos, que conviveu com ela por 46 anos.

Essas conversas aconteciam em qualquer momento do dia ou da noite, espontaneamente, ou como forma de queixa ou de alegria. Eram bons momentos, de avaliação do passado, ou de reconhecimento das alegrias e tristezas da vida. Enfim, da *vida vivida*.

Vamos a eles, então:

No dia 14 de agosto de 1912, nascia um bebê, do sexo feminino. Era casa da Família Vasques, cujo casal proprietário da residência se chamava Licínio e Joana. Ele, funcionário público municipal e ela dona de casa, mas era ela quem tinha o domínio financeiro, pois herdara bens do pai, influente na cidade e proprietário de vários imóveis no centro da cidade de Taubaté.

O bebê em questão, nascido nessa casa, era uma menina, cuja mãe se chamava Caridade de Jesus, empregada doméstica da casa. E o pai? Desconhecido! O bebê foi registrado no cartório civil com o sobrenome da mãe – Otilia de Jesus.

E assim cresceu essa criança, sem preocupação de quem era filha. Os donos da casa tinham três filhos: Marcos, Maria e Dimas. Desse período não há muitas informações. E

o que aconteceu com Caridade de Jesus não se sabe. Também não se sabe a partir de quando Otilia ficou sob os cuidados de Joana Vasques. Passou então a ter três irmãos. Foi matriculada no 1º ano primário da Escola Lopes Chaves, e aos 7 anos de idade alfabetizada. Gostava da escola. Conta que com essa idade já fazia os serviços domésticos (faxina) e aprendeu a cozinhar.

No 2º ano primário, apesar de ela gostar e estar indo bem nos estudos, foi tirada da escola para ocupar seu tempo com os serviços da casa.

Já tinham sido aderidas aos serviços a cozinha e entrega de salgados no Café do Tinoco, na praça Dom Epaminondas. Passou a cozinhar para todos. A limpeza da casa consistia em limpar e arrumar treze cômodos, com lavagem do chão de tijolos. E isso passou a ser rotina, por anos.

A menina cresceu e se tornou adulta, executando os mesmos serviços.

Já adulta, se questionava por que todo o serviço da casa ficava só para ela. Nessa época, tinham se mudado para uma outra casa, que era uma chácara, na rua Cel. Augusto Monteiro, mais afastada do centro da cidade.

Por ficar bem próxima de uma fábrica que estava abrindo na cidade, a Companhia Juta Fabril, a “Juta”, Otilia tomou iniciativa e foi procurar emprego lá.

Conseguiu!

Foi registrada, na implantação da Lei Trabalhista (CLT), sua Carteira Profissional foi tirada nas dependências da Juta, sendo uma das primeiras carteiras profissionais expedidas. Ficou feliz por poder trabalhar fora, ter seu próprio salário e ser dona do próprio nariz.

Era o que pensava, mas não foi o que aconteceu...

Continuou trabalhando na Juta, mas do salário não via a cor e ainda todo o serviço da casa esperando para ela

fazer depois que chegava em casa. Extremamente cansativos os seus dias, continuou a pensar numa forma de mudar essa vida!

Uma de suas melhores amigas tinha uma prima que era freira na Santa Casa de São Paulo. Pediu para essa colega interceder por ela, essa prima fez isso e deu certo.

Otília acabou indo trabalhar em São Paulo. Naquela época no local em que trabalhava, também se morava. Ela ficou morando num quarto na própria Santa Casa, dividindo com as amigas. Sua função era copeira. Estava muito feliz por estar morando fora e realmente tendo liberdade para trabalhar e passear. Tirava o dia de folga para conhecer São Paulo. Estava feliz! Era 1937.

Num desses passeios, no bonde, ao se desequilibrar, conheceu o homem que viria a ser seu marido – Avelino de Paula Santos. Ele a apoiou, para que não caísse. Foi a oportunidade para que se conhecessem melhor. Daí, surgiu o namoro e o posterior casamento. Não sabemos ao certo o tempo de namoro, mas o casamento se deu no ano de 1944. Em plena 2ª Guerra Mundial. Casaram-se em Taubaté, na Igreja de Santa Terezinha, no dia 28 de outubro de 1944. Passou a assinar: Otília de Paula Santos.

Meu pai era motorista, e ela pediu demissão da Santa Casa para ser do lar. Foram morar na Vila Nova Conceição, naquela época um bairro operário. Mas a lua de mel não começou muito bem.

Otília quebrou uma das pernas e ficou 60 dias engessada. Mesmo assim continuaram levando a vida que tinham se proposto. Recuperada, descobriu que estava grávida. Perdeu o bebê na gestação. Após esse fato, engravidou mais duas vezes e voltou a perder.

Nesse interim, seu pai adotivo, que já estava muito doente, pediu para ela voltar para Taubaté. Ela voltou e seu

marido veio com ela, deixando seu emprego em São Paulo e então ficando desempregado em Taubaté.

O pai adotivo (Licínio) morreu. Avelino começou a trabalhar numa empresa Atacadista, localizada na estrada Rio/São Paulo, hoje atual Avenida Granadeiro Guimarães, mas que nessa época era a principal rodovia do Brasil. A Rodovia Presidente Dutra ainda não existia.

Depois de três abortos espontâneos, Otília conseguiu levar uma gravidez até o final e deu à luz a um menino, cujo nome é Otacílio. Nasceu no dia 13 de fevereiro de 1947, em pleno Carnaval.

A adaptação à nova vida em Taubaté foi dura. Avelino assumiu uma vaga de entregador e motorista, garantindo o sustento da família. Nesse período procuram uma casa que pudessem alugar e conseguiram uma pequena casa de três cômodos. Otília se propôs a trabalhar fora e montou um bar. Cuidando do filho pequeno e com o marido fora, no transporte de carga, ficou pesado lidar no dia a dia com o bar e acabou fechando.

Nesse tempo, moravam na Vila das Graças, bairro próximo ao centro, que começava a ser popularizado. Não sei exatamente quantos anos moraram por ali, talvez 4 a 5 anos.

Posteriormente, não sei se a convite ou necessidade, Avelino foi trabalhar com Marcos Vasques, irmão adotivo de Otília. Marcos cedeu também alguns cômodos para a família de Otília e passaram a morar e trabalhar nesse mesmo local. Era uma transportadora e Avelino foi contratado como motorista. O local ficava situado na antiga Estrada Rio-São Paulo (bem no centro de Taubaté).

O local também tinha uma bomba para abastecimento de veículos utilizados, então passou-se a chamar “A Bomba”. Parece-me que Avelino não ficou nesse emprego

por muito tempo. Era uma relação conturbada entre patrão e empregado, ou seja, Marcos e Avelino.

Marcos Vasques, extremamente temperamental, implicava com tudo. Até com os tamancos de madeira que Avelino usava nos momentos de folga. Avelino por sua vez, não engolia desaforos e não aceitava passivamente esses desaforos, sendo, portanto, uma relação conflitante.

Nesse tempo, Otília fica grávida novamente da segunda filha – Nicéa, nascida no dia 14 de janeiro de 1951. Quando éramos crianças, costumávamos dizer que a Nicéa “nasceu na Bomba”.

Após esse período, Avelino passou a trabalhar numa Empresa do Governo. Não sei se foi por tempo determinado esse concurso. Era um trabalho cuja função era viajar com a Engenheira Agrônoma, fazendo testes com novas sementes. Foram os primeiros testes com a soja. Viajava por várias cidades do Vale do Paraíba e outros Estados.

Ao final de algum tempo, o Avelino começou a apresentar os primeiros sinais de diabetes. Á essa época, já tinham se mudado para novo endereço: Rua Expedicionário Rubens Leite, 180, Vila das Graças.

Foi onde eu nasci, a terceira filha da Otília, Maria Fátima, no dia 14 de maio de 1952.

Nessa época, minha mãe procurou um Centro Espírita, para auxiliar no tratamento de diabetes do Avelino. Era um Centro Espírita Kardecista, com uma médium que presidia a casa e era muito conhecida no bairro, na Vila das Graças. Se encontraram na Doutrina Espírita, passaram a frequentar as sessões semanalmente.

Nós ficávamos em casa, com a vó Vitalina, e aproveitávamos para nos esbaldar nas brincadeiras de rua.

E assim o tempo foi passando, até que a vó Vitalina ficou doente e veio a falecer em casa, creio que no ano de 1958.

Meu pai, o Avelino, deixou o serviço de motorista no órgão que trabalhava, comprou um veículo usado e começou a trabalhar como chofer de praça. Logo se tornou conhecido, tinha freguesia e fazia muitas viagens. Em 1960, adquiriu uma casa num bairro em crescimento e nos mudamos para lá. Era muito bom. Íamos para o mato e voltávamos com abóbora, melancia e outros frutos dos terrenos baldios do bairro, que eram muitos. Eram poucas casas existentes, então tínhamos muito campo para brincar e explorar...

O tempo não perdoa, passa-se mais 4 ou 5 anos, meu pai começou a manifestar outra doença, a esquistossomose (barriga d'água). Nesse tempo, ele tinha acabado de entrar numa sociedade de uma autoescola (a 1ª de Taubaté) e que começou a prosperar, com bastante alunos. Mas a doença começou a impedi-lo de trabalhar, por vezes. Meu irmão, o Otacílio, entrou no esquema para assumir as responsabilidades do negócio, mas era imaturo e inconsequente. O resultado foi falência da autoescola e venda da casa que meu pai tinha adquirido.

O Avelino já não tinha mais condições de trabalhar e minha mãe Otília, assumiu as despesas da casa, fazendo pastéis, que ela mesma ia vender nos bares. Arrumou alguns clientes fixos e entregava os pastéis. Depois passou a fazer coxinhas e arrumou dois garotos para vender nas ruas. Fomos morar de aluguel, sendo que eu e Nicéa ainda estávamos estudando, ela no último ano e eu no 2º ano do colegial.

Meu pai veio a falecer em 1971. O aluguel super atrasado, fomos despejados. Otacílio arrumou uma outra casa, mas foi a mesma coisa. Ele já estava envolvido com uma moça (a Néia) que já tinha um filho de 1 ano e pouco e estava grávida dele. Não podíamos contar com a ajuda mínima dele. Ele foi morar numa pensão.

A Otília resolveu pedir ajuda para Maria da Cruz e fomos morar num cômodo pequeno, no bar que ela possuía no Parque Três Marias. Foi um período muito difícil. Eu e a Nicéa ajudamos a Maria da Cruz no bar e cuidando das crianças (filhos dela), e da casa.

Minha mãe, minha irmã e eu, dormimos no quartinho sem porta, encostado com um pau, pegado ao bilhar, onde os bêbados jogavam a noite toda.

Tivemos todo o apoio e ajuda da Maria da Cruz, dentro das possibilidades dela. E olha que foram muitas ajudas. Se não fosse ela, nesse período, realmente teríamos perecido.

Aí começou o nosso renascimento.

A Nicéa foi a primeira a conseguir um trabalho como secretária, numa indústria, a Plasbaté, e em seguida, consegui um emprego como auxiliar de crediário nas Casas Buri. Começamos a receber os primeiros salários e a partir daí, alugamos uma casa de fundos e nos mudamos.

Tivemos que recomeçar do zero. Móveis não tínhamos mais e durante meses eu e Nicéa dormimos num sofá velho, pois não tínhamos mais cama. Aos poucos fomos comprando o mobiliário e montando a casa. A Otília se envolvia bastante com as obras do Centro, fazia festa de Natal para as crianças. Ela tinha, graças a Deus, boa saúde à essa época, então podia ficar em casa e fazia os serviços de rotina, tranquilamente, sem precisar de ninguém para ajudar.

E assim, fomos nessa batida por mais ou menos 12 a 13 anos. Nas festividades do Centro, ela era a agitadora que programava e executava tudo (ensaiava as crianças, angariava fundos, etc.).

Eu, em 1975, entrei para trabalhar na Ford Brasil, com um bom salário, e Nicéa passou no concurso da Prefeitura de Taubaté. A vida seguia em frente e bem, graças a Deus.

Alugamos uma casa maior, mais confortável.

Nicéa ficou grávida, nasceu o filho dela, Douglas em 1984. Nesse mesmo ano, juntamos os nossos ganhos e financiamos uma boa casa, de três quartos, no mesmo bairro. Tudo corria bem.

Eu fui demitida da Ford, passei um ano desempregada, fui até para São Paulo na casa da Maria da Cruz, procurar emprego. Não consegui nada. Acabou surgindo uma oportunidade numa indústria em São José dos Campos, e viajava para lá todos os dias.

A Nicéa também havia mudado de trabalho, bem antes. Agora ela era funcionária do Banco Nossa Caixa. Ela ficou grávida novamente, e nasceu uma menina em 1990, a Stefanie. Eu, por razões de trabalho e também por um relacionamento afetivo, aluguei um apartamento em São José dos Campos e fui embora.

Aí, começaram os problemas novamente. Nicéa se envolveu com uma pessoa não recomendável, minha mãe não aceitou e saiu de casa, indo morar na casa do Otacílio. Não foi uma boa escolha para ninguém.

Otília foi muito humilhada e abandonada nessa casa, sem ninguém para lhe dar atenção. Passou dificuldades, porque nessa época já estava com dificuldades para andar, por ter aparecido artrose nos seus joelhos. Reclamava de muita dor. A casa do Otacílio era um sobradinho, e ela ficou restrita ao quarto, porque não descia as escadas. Por não se movimentar, acabou perdendo totalmente os movimentos das pernas, precisando de cadeira de rodas.

Em contrapartida, a Nicéa se perdeu também nessa época e o resultado foi que tivemos que vender a casa que tínhamos comprado. Isso tudo aconteceu em 1993. Um ano terrível de grandes derrotas.

A vida seguiu. Minha mãe, Otília, começou a sofrer muitas humilhações por parte da Néia (esposa do Otacílio),

porque ele tinha arrumado uma amante, a Silvana, e Néia descontava toda a raiva dela na sogra Otilia.

Aluguei uma casinha pequena, vim embora de São José, para morar com ela. A Nicéa ficou bancando a gente, morando só com as crianças.

Nesse interim, o Otacílio engravidou a companheira Silvana e foi pedir pra ir morar na casinha, pois o pai da mesma a colocou pra fora de casa. Foram então, Silvana e Otacílio morar com a gente. Nasceu a filha deles, Tássia, em 12 de junho de 1998.

Eu decidi voltar para São José para trabalhar, já que tinha pessoas adultas para cuidar da minha mãe.

Não sei por qual razão, a Otilia estava super infeliz, e pediu para ir morar num Asilo. Não queria mais ficar com o casal. Tentei dissuadi-la dessa ideia, mas não teve jeito. Chorava pra ir embora pra um Asilo. Fui atrás para providenciar a vaga para ela e consegui. Ela foi embora para o Asilo, mas lá também estava infeliz. Perdeu o brilho nos olhos, não tinha mais ânimo para nada. Até que por volta do mês de agosto de 1998, ela faria 86 anos, levamos ela para almoçar fora. Ela estava com muita vontade de comer carne de porco.

Fomos a um restaurante típico de comida caipira no domingo, dia do aniversário dela, 14 de agosto. Na volta, já estava reclamando de dor no estômago, que a comida havia feito mal a ela. Ficamos super preocupados e na 2ª feira, já a levei ao médico que tratava dela.

Voltamos com o diagnóstico terrível: era câncer no estômago. Dali em diante a dor foi piorando cada vez mais. Marquei o médico oncologista, que recomendou interná-la. Fiz isso e ela permaneceu duas semanas no hospital, para ver a possibilidade de fazer cirurgia. Fizeram-se todas as avaliações médicas, coração, pulmão, etc., e o Dr. Flávio, recomendou trazê-la para casa, pois não tinha condições

viáveis de se fazer a cirurgia. Ela reclamava o tempo todo de muita dor, mas nunca soube que era câncer, pois resolvemos não contar para ela.

No dia 27 de dezembro de 1998, madrugada de sábado para domingo, ela fez sua passagem. Morreu em sua casa, comigo ao seu lado, acompanhada. Foi em paz, sem grandes gemidos.

Até breve!

Na fase em que se encontrava doente, resolveu falar para mim, quem era o seu pai. Seu pai sempre foi sabido e conhecido dela. Era o sobrinho da dona da casa em que ela foi criada, ou seja, parente de sangue da família. Seu nome: Florival de Toledo. Tem nome até de rua em Taubaté, se tornou Almirante da Marinha.

As lembranças mais remotas que tenho da Joana Vasques são do período que ela vinha de São Paulo, mensalmente, para receber sua pensão. Não tenho registro de período anterior. Todo mês era aguardada por nós, ansiosamente.

Ela era muito viva, escrachada, espírito jovial, e trazia novidades para nós, da capital. Sempre contava histórias da TV, uma vez que não tínhamos. Falava da Hebe Camargo, da Jovem Guarda (Roberto Carlos e CIA), e para a gente era um brilho só. Era super gostoso ouvi-la.

Nunca a vi reclamando de nada, mesmo com aquela imensa ferida na perna. Aproveitava sua vinda para Taubaté para rever os amigos: Conceição, Perna Firme, Cascudo, Brasilina e outros. Aproveitava também para fazer suas comprinhas, de produtos essenciais a ela: farinha de mandioca, rapadura, fumo em rolo. Empacotava tudo direito e metia na mala. Procurava sempre também um sapateiro, que fazia as sandálias para ela, uma vez que uma tinha que ser maior que a outra, por causa dos pés inchados.

A vinda dela para Taubaté significava que teríamos que ceder a nossa cama para ela e dormir no chão. O nosso colchão era aquele antigão de capim e ela sempre usava um penico debaixo da cama. Nós gostávamos dessa mudança.

Outra coisa também que acontecia era a alimentação. Minha mãe procurava fazer o melhor que pudesse para servir uma boa refeição. Procurava também fazer um doce ou pudim para agradar a Dona Joana. Não sei por que nós não nos habituamos a chamá-la de vó. Mas gostávamos muito dela.

Ela trazia roupas usadas da Jandira ou Iracema para mim e para Nicéa. Também na Pascoa, ficávamos esperando os ovos de pascoa que a Maria Vasques nos dava.

O Jorge também era sempre uma novidade para nós. Com seus patins, suas roupas brilhantes, ou outros apetrechos, sempre cheio de fanfarronice.

Enfim, a vinda deles para Taubaté no uma leitada de novidades e nós amávamos muito isso.

Boas lembranças!

Regina

Marcos, primeiramente muito obrigada por me mandar o relato da Fátima. Motivou-me escrever lhe agora, de imediato após lê-la. Identifico tanta coisa comum em nossas vidas. Emociono-me e retorno a mim como quem se deixa adentrar com melancolia e alegria, numa mesma sorte de emoções; e no final são boas, minhas, íntegras. Testemunho da minha participação em vidas tão significativas, como foram as vidas de Otília, Maria da Cruz, Fátima e Nicéa, pois com essas pessoas percebi minha humanidade e conheci as alegrias protegidas que adultos belos me proporcionaram. Mas acabei vindo conhecer todas as verdades escondidas, assim como Fátima poupou à mãe saber de sua

própria doença, também eu e meus irmãos fomos poupados de tanta coisa, que talvez de nada adiantasse saber naqueles tempos de infância. Mas sabê-las agora, e com elas já distantes de nós (principalmente Otília e Maria minha mãe), e com essas tintas que Fátima tão crua e sinceramente usa! A vida é assim, ela segue!

Uma pequena retificação: Vitalina morreu numa noite fria de junho do ano de 1960. Eu acabara de ter nascido, tinha poucos meses de vida. Quando penso por vezes em minha vida “sofrida” por pequenos reveses comuns com os que se relacionam e lidam com pessoas, e olhar daqui tudo que Otília passou, ela é o grande personagem da vida real, das privações, do enfrentamento, da galhardia, da honra que a acompanhou desde sempre. Talvez por isso mamãe tenha sentido tanto os últimos anos de sua vida, a solidão da ingratidão que ela certamente com sua inteligência, e independência de sentimentos, aquilatou, mas que sua grandeza preferiu guardar dentro de si.

Absolutamente nada ela pôde fazer, Maria, tal é a complexidade e a impotência de todos como pequenos neste Universo de relações e cultura. Nada somos quando se requer agir. Não podemos e sequer entendemos o porquê. Assim devia pensar minha mãe.

O que posso fazer por pessoa tão grandiosa, que amo e admiro? O que posso fazer se estou nesta cadeia de sofrimentos tanto quanto ela assim esteve? Alguém que amou com fidelidade até o fim.

Otília é a figura que sobressai, e Maria vem com ela porque de seus ensinamentos e de seu modelo construiu seu próprio guia e sua falada rebeldia, alguns a disseram para mim da desobediência e indisciplina da Maria, minha mãe. Nada mais fora que o humilde e o íntegro manifestando seu inconformismo.

Assim vejo essas duas mulheres quando as enxergo juntas, as que mais admirei em minha confinada e limitada existência enquanto penso no que de verdade aconteceu tantos foram os fatos. Amo-as em imagem, mas também dos momentos que desfrutei da presença exuberante delas, já que honestas, generosas, fiéis como poucos sabem ser, dignas e merecedoras de tudo.

Bem, conforme lhe prometi, Marcos, passo aqui algumas impressões minhas de “Dona Joana”, assim como mamãe a chamava. Não lembro se tia Otília assim também. Pouco presenciei, pois ela morreu em 1970 e poucos né. Mas lembro de nossas idas à casa da tia Otília lá no Jardim Califórnia. Parece-me que tudo ocorre em cadeias. Não? Enquanto Fátima relata o aguardar a vinda do “povo” de São Paulo, eu igualmente, e minha irmã Márcia, aguardávamos os momentos de ida ao Jardim Califórnia. Adorávamos, e eu ia mais vezes sozinha, talvez porque fosse a irmã mais velha. Não sei. Mas lembro das geleias dietéticas do Otacílio que reservava uma delas para mim. Era puro leite.

Lembro de brincadeiras na casa da vizinha, e, neste contexto, recordo das idas de Dona Joana à casa quando eu estava lá. Ela nunca nos visitou no Três Marias. Quem sempre nos visitava era Maria, filha de Joana, sua tia. Nestas idas, lembro das “bandagens” na perna; do “suíta” que ela utilizava a todo momento. Lembro sim do olhar vibrante e cheio de si mesma lá por perto dos oitenta anos. E falava muito, contava as coisas. Ela trazia roupas para Fátima e Nicéa, e Nicéa nos presenteava com sapatos (sapatos lindos), usados, – era o costume –, e algumas roupas provavelmente nestas ocasiões em que elas mesmas ganhavam. Adorávamos vestir tais “roupas modernas”. Lembro de um par de óculos (redondos), será que estou errada? Lembro também dela usando uma roupa de dormir

cor de pastel, ou meio cáqui, algo assim. Lembro dos cuidados de tia Otília, acho que muito pelo seu senso de amor e gratidão à sua referência de vida e cuidados. Mas, quero aqui testemunhar, tia Otília era generosidade e atenção. Para alguém que recebeu tantas responsabilidades e encargos desde tão cedo, sua atenção para com as pessoas, seu delicado modo de amar, cuidando, para mim são inesquecíveis. Tento honrar essa memória quando momentos inesperados, como esse em que lhe recebo o relato de Fátima, me chamam como uma missão recorrente de apurar meus sentidos para tantos fatos envolvendo pessoas tão caras a mim. Procuvo nestas ocasiões depurar a lucidez, mas, sem rebater ou negar os fatos, tudo é sentimento e gratidão quando lembro delas; são lágrimas e alegria, porque elas eram isso: bons e gloriosos sentimentos. Tenho muito respeito por Fátima por ser parte dessa mulher, e por trazer tanto tempo depois parte dela consigo. Fátima tem o meu respeito a carinho.

Jandira

Marcos, estive vendo aqui o relato da Fátima sobre a Otília. Sobre a vida delas, nunca soube que nossas roupas iam para elas, nunca ninguém falou isso, não me lembro em casa. A tradição era usar a roupa que você usava, ficava pequena, a gente usava, eu usava, ia para a Cema. Daí em diante era assim, não me lembro da Tia ter pego alguma coisa. Boa mãe, enfim. Fiquei enternecida de ver o quanto a Otília teve uma vida tão sacrificada assim. Mesmo a Maria da Cruz, eu sei muito pouco delas, né? Mais da Otília eu sei, até porque eu frequentei lá, mas a gente não tinha noção disso. De sacrifício que era difícil para elas. Eu não sei que mundo a gente vivia que não percebia essas coisas. Enfim.

Fiquei muito comovida mesmo. De saber que ela foi uma mulher tão valente e terminou de uma maneira tão triste, sim, porque eu tenho impressão de que ela escreveu pra mamãe uma vez relatando sobre essa ida dela para um asilo, me pareceu que ela não estava muito conformada de ir. Não sei, me parece alguma coisa assim que a mamãe ficou muito revoltada, mas ela não tinha muito o que fazer. Todo mundo ocupado com seus trabalhos tinha que comparecer, bater ponto. A gente não tinha dinheiro sonante na mão naquela época, mas também estávamos emergindo para uma situação melhor que a gente desfruta hoje. E enfim, isso é que eu a minha observação com relação a essa colocação da Fátima. É de quem eu gosto muito, muito mesmo, e da Nicéa, me lembro dela uma vez. Em Ubatuba já estava toda de branco, um vestido bonito, com bolso tão grande. Nossa, ela parecia uma escultura. Coisa mais linda. Eu não sei se eu estava com Aurélio de férias. O Farred não estava na parada ainda, acho que era o Aurélio que dirigia o carro.

Uma vez que nós fomos passar de férias em Ubatuba, de longe, eu vi a Nicéa. Acho que eu cheguei a cumprimentar alguma coisa sem descer do carro. Foi assim muito rápido, mas nossa, que mulher que foi a Otília, que Deus a tenha ainda hoje. Mas que nunca, e que cubra de bênçãos os filhos que ela trouxe no mundo, tá bom? Era o que eu tinha que falar sobre isso, sobre ela.

Mas sobre a Maria da Cruz, eu sei muito, muito, muito pouco mesmo. Mas eu gostava muito dela, porque muitas vezes eu a via, junto da avó, da tia Maria, numa casa dessas amigas que a Fátima relacionou Maria da Penha, aquela mulher lá, e vi uma ou duas vezes a Maria da Cruz indo lá. Acho que talvez pra ver a avó e a tia que estavam lá, eu não sei por que a gente estava lá também. Depois, uma vez que a mamãe estava doente, né? Acho que eu já te relatei isso.

Ela estava com aqueles furúnculos debaixo do braço, ela estava de cama, não estava bem. Eu cheguei da escola Maria da Cruz, tinha feito um almoço pra gente e ela saiu pisando forte, foi cuidar da roupa lá fora, só colocou a comida na mesa. Eu me lembro disso dela bem perto disso. Maria da Cruz e uma das vezes que acho que eu fui com a tia ou avó. Não sei visitá-la. E a Regina era pequena, cabelo todo encaracolado, loirinha linda sentada em uma cama no quarto que eu entrei para vê-la. Acho que ela tinha acabado de acordar. Era quase adolescente. A única lembrança que eu tenho delas, não tenho mais que isso.

Regina

Um pouco mais de Otília.

A lembrança mais antiga de minha tia Otília é da sua casa do Jardim Califórnia. Éramos muito pequenas, eu e minha irmã Márcia. E lembro das idas à casa dela nas férias escolares, nos fins de ano e nos feriados prolongados, os eternos feriados prolongados do nosso Brasil.

Figurativamente falando, a lembrança é ainda mais emocionante. Ela tinha aventais manchados com as coisas de cozinha. Tinha mãos sempre prontas para amassar, sovar, escolher os feijões de uma peneira grande e maltratada pelo tempo. Tinha olhos aguçados e controladores de sua cozinha, o reino mais frequentado por sua rainha, já que minha tia Otília era mestre em iguarias de nosso mundo de gostosuras. Por exemplo, coxinhas únicas, empadas; como eram famosas as empadas de massa “podre”, feitas com muita gordura (banha) de porco, e aquele recheio inesquecível de frango desfiado, ou ainda palmito muito cortadinho com tomates e algumas poucas azeitonas, pois sempre foram caras e minha tia as tinha mais como as “cerejas do bolo”. Essas brincadeiras e figurações as faço porque foi um

tempo único, autêntico em vivências lindas, protegidas também por esta mulher cuidadosa com seu mundo, dona de uma personalidade afável e digna, amorosa e fiel, autoconfiante nas suas “chamadas de atenção”, a mim, aos meus irmãos, à minha querida mãe; e quantas e quantas vezes também dirigidas ao nosso pai.

Tia Otília era franca, muitas das vezes ranzinza, criticando os modos nossos, mas em contrapartida corrigindo-os. Nossos verões em férias na casa dela eram feitos de almoços com muita gente sentada à mesa, pois as crianças somavam-se aos adultos, e por vezes algumas visitas vinham somar, ou até mesmo diminuir os ânimos da casa. Mas na maior parte destas vezes incontáveis, eram tempos nossos de pura alegria, de sentir o afago da presença também maternal de minha tia. Sentir Nicéa e Fátima fazendo o papel do zelo e da presença adulta na vida de uma criança. Estes fatos são como um portal que abro de quando em vez. Eles resgatam uma preciosidade que é a boa lembrança na vida de uma adulta, hoje tantas vezes atormentada por situações incompreendidas do passado. Lembrá-la devolve a mim as certezas de seu temperamento influenciador no meu próprio, e da referência que me propiciou como o parâmetro de minhas próprias temperanças para a vida.

O referencial de amor e cuidado ela deu-nos em abundância. O lado ranzinza e cobrador, esse lado severo como costumamos classificar “os antigos”, assim mamãe os chamava. Dizia minha mãe que as pessoas dos tempos antigos, e sequer consigo localizar onde estaria esse tempo antigo, eram muito e muito severas. Ela contava que sua madrinha (Maria, tia de Marcos filho) lhe determinava uma tarefa qualquer, como por exemplo ir à padaria comprar pão, e estabelecia o tempo de secagem de um cuspe que atirava ao chão. E esse tempo era o terror de minha mãe,

pois se ao voltar com a tarefa cumprida, e a tal cusparada já tivesse se embrenhado no solo, no chão que a recebeu, e o castigo não era bom! Eram chineladas que iriam resolver a questão. Então, mamãe vivia retornando a este exemplo de sua infância, do quanto fora difícil conviver com as regras dos tais “antigos”.

Eu acredito que minha Otilia fosse assim. Ela era dos tempos antigos. Mas essa era a cultura familiar que ela resolvera adotar; apenas isso. Penso que ela não foi compreendida neste aspecto de sua personalidade.

Se tirarmos esse lado conservador e fiel às suas origens, tudo o mais era ternura, cuidados e mais cuidados aos seus, e uma fidelidade de alma que só ela soube expressar com seus modos acolhedores, de entrega mesmo. Sua dignidade como pessoa comunicava a mim e inspirava em meu ser os mais nobres e significativos sentimentos. Eu sempre lhe senti gratidão por poder contar com sua conduta correta e educadora, no mais amplo sentido que se possa apreender disso. Eu a tive por todo nosso tempo de convivência como uma diretriz para minhas dúvidas, como o candeieiro que sabia onde iluminar e forçava o meu entendimento às escolhas que iam se instalando no caminho. Nós todos em casa a ouvíamos. Lembro de tantas vezes em que ela interferiu em situações domésticas de nossa casa assumindo esse intrometer-se. Ela era ouvida e fazia um papel que minha mãe simplesmente adorava que ela o fizesse: o da conselheira com autoridade. E em todas essas ocasiões ela foi ouvida e respeitada, inclusive por meu pai.

Quando mais velha, o cansaço mostrou-se ter chegado mesmo. Acho que foram muitos anos de lutas e intercessões. Ela cansara. Dos tempos de fazer salgadinhos para vender em bares e restaurantes, dos tempos das “vacas magras”, e agora com mais de oitenta anos, recolhera-se.

Ela esteve passando temporada em casa de minha irmã Adriana. Estava realmente idosa. Foi retirada de lá por seu filho impetuoso, Otacílio. Ele alegou que sua mãe deveria ser cuidada por ele, filho. Levou-a para a sua casa, que tempos depois não era mais sua.

Como parece ser o caminho tantas vezes traçado, mas não escolhido, o dos fortes, minha tia passou maus momentos quando já muito velha. Minha mãe, que a adorava, nada pôde fazer, pois sentia-se impotente frente à autoridade e vontade do filho. Sei que Otacílio, sempre inseguro, quanto potencial não se desvirtuou naquela pessoa filha de um casal tão amado (aliás, fora um filho ausente, marido infiel, amigo duvidoso) agora era o filho sem saber como proteger sua mãe. Nesta época, eu residia em São Paulo, e fiquei sabendo dessas coisas todas, perpetradas por quem jamais poderia fazê-las. É cômodo pensar que ser uma mulher tão forte quanto fora, que sofreu tantas adversidades em sua infância e mocidade, e seu ego forte e incorruptível, a fizeram saber vivenciar seu período de dor. Amaina um pouco a amargura de suas memórias sabê-las como parte de uma vida ímpar.

Quando se foi, ao ir vê-la no velório, a tez séria estava ali como a nos mostrar que a alma ainda exibia seu reflexo, pois tão forte fora a vida, que a morte naquele corpo inerte ainda carregava o que sempre se mantivera no olhar grave. Essa força de querer e de viver o corpo nunca a conseguiria despojar. A aura da grandeza continuava ali. Eu consegui ver, e sentia, aliás, todos em nossa família, acho que vimos, todos ali reunidos, na tez imóvel e fria, os sinais de sua notável e clara altivez como pessoa única que tanto amamos. Tia eterna e imortal, nos encontraremos.

Jandira

Regina, pelo seu relato, a gente percebe a influência forte que a Otilia de alguma forma exerceu na nossa família. Eu tenho boas lembranças dela. Eu me sentia bem no ambiente em que ela circulava. Isso é o mais forte em mim. E quando meu pai estava muito doente, estava no velório, ela foi ao velório dele. Ela viu que o povo estava muito quieto, então falou: vamos, gente, vamos, todo mundo levantar aí, vamos fazer uma Ave Maria, um Pai Nosso, para a alma do Marcos, e puxou lá mais de uma oração, ela era de uma de fortaleza muito grande, que espelha bem tudo o que você acabou de falar dela. Então me trouxe essa lembrança dela no velório do papai, e ela era mesmo muito forte. Amei saber de tudo. Compartilho com você e obrigado por esse relato.

Também me lembro que Avelino, quando o meu pai ficou desempregado, toda sexta-feira passava lá em casa e me dava um dinheiro e dizia para eu entregar para a minha mãe, para ajudar nas despesas.

Nicéa

O que eu quero deixar registrado aqui com relação à minha mãe, Maria da Cruz, à vó Vitalina e à dona Joana, que são pessoas com quem eu convivi mais de perto, até mesmo Jorge e meu irmão, são pessoas com as quais eu tive uma convivência mais próxima. Outras eu conheci, mas um pouco menos, mais assim de visita.

Às vezes a minha mãe comentava alguma coisa sobre elas, mas eu não tive intimidade. Mas essas pessoas com as quais eu convivi, quero deixar registrado um outro perfil delas, além do perfil que vocês todos falaram, que o Marcos escreveu uma parte do sofrimento, da parte da vida de luta delas, mas todas elas tinham uma característica que eu quero deixar registrado.

Mesmo diante de tanto sofrimento na infância, na juventude, na luta do dia a dia de trabalho, de ganhar, de sobreviver, todas elas eram muito *alegres*. Tinham uma alegria que passou para mim. Eu me lembro de todas elas, cada uma com o seu perfil, seu jeito, mas deixaram muita convicção de que a vida vale a pena. Elas fizeram isso porque senão teriam sucumbido antes, não teriam criado família.

Elas criaram filhos, educaram, ensinaram, como aconteceu com todas elas. Eu me lembro da vó Vitalina na minha infância, porque ela faleceu quando eu ainda era menina. Ela morava na Vila das Graças e faleceu na minha casa. Minha mãe a acolhera. Ela estava no último período da vida dela, quando não podia mais trabalhar, e ficou na minha casa, minha mãe cuidava dela. E minha mãe tinha essa característica. Ela era muito caridosa. Eu me lembro dela acolhendo pessoas que vinham pedir coisas em casa e ela acolhia, dava o que ela podia dar. Alimentava, dava roupas e às vezes tinha um trabalho para fazer de capinar, não sei o quê isso em outra casa, na Vila das Graças. Ela sempre teve essa característica, enfrentar o adverso.

As pessoas com as quais às vezes ela tinha divergências, seja na religião, seja no modo de pensar, ela enfrentava sem guerra, sem briga, mas ela era muito forte nesse sentido. Passou muita alegria, fazia muita festa, as festas dela eram muito saborosas, muito gostosas, gostava de convidar pessoas. Fazia doces, ela tinha alegria em dar, em doar para o outro aquela parte da alegria que ela tinha.

Então, mesmo com as dificuldades, ela passou isso para mim, para minha irmã, para a minha casa, para o meu irmão. O meu irmão tomou outros rumos, ele também enfrentou muitas dificuldades. Ele teve que sobreviver. Hoje eu entendo um pouco o lado dele, ele começou a ter

responsabilidades de família com um pai doente, sem recursos, ele tinha vinte e poucos anos, era muito novo, não foi preparado para isso.

Eu entendo algumas coisas que poderiam ter sido diferentes. Mas ele agiu da maneira que ele achava que era correto. Ele foi aprendendo assim, numa época que imperava também a condição de que o homem tem que ser forte, machista. Ele tinha essa característica. Aprendeu também com o meu pai, que tinha um pouco disso, bastante até. Porque na minha infância ele, meu pai, não permitia que a gente usasse nenhum *short*, só podia usar saia, não podia cortar cabelo. Só fomos cortar os cabelos, eu e minha irmã, na nossa adolescência, quando a Maria da Cruz, ela uma mulher muito valente, valorosa, que eu admirava muito, nos deu essa alegria.

Na época era muito comum alisar os cabelos. Então foi a primeira vez que a gente alisou nossos cabelos, saímos da trança, do coque. Maria da Cruz pagou para nós no salão para podermos arrumar os cabelos. Eu sou grata à Maria da Cruz também por um detalhe muito importante para mim. Eu tinha que conseguir meu primeiro emprego. Nesta época a gente estava vivendo lá na casa da Maria da Cruz, a gente vivia num quarto. Eu estava em busca do primeiro emprego. Esse primeiro emprego eu tinha 19 para 20 anos.

Meu pai já tinha falecido, foi quando a gente foi morar na casa da Maria da Cruz. Estava com 20 para 21 anos. Não tinha condição nenhuma de pagar nada, nada, absolutamente nada, não tinha dinheiro. Minha mãe não tinha, ficamos sem recurso nenhum. A Maria da Cruz teve uma atitude muito caridosa, digna de uma mulher como ela era. Ela pagou para mim a minha dentição, que estava estragada. Sem eu arrumar os dentes, eu não poderia arrumar meu primeiro emprego. Ela pagou para eu ir no Sesc para

poder fazer a minha dentição, recuperar o meu sorriso, porque eu nem sorria desde os 15/16 anos, não sorria mais fora de casa, eu não abria um sorriso a não ser com as pessoas próximas da minha casa, pois eu tinha vergonha. Eu passei a minha adolescência numa situação que naquela época, para quem fazia baile de debutante, eu não podia participar destas coisas.

Eu me lembro que eu não podia, mas também isso não me deixou com um sentido de inferioridade. Na verdade, eu queria passar por tudo aquilo e vencer. E foi uma das coisas que a minha mãe ensinou. Ela ensinou através do exemplo dela, da atitude dela, e a gente aprendeu isso. Mas eram pessoas alegres, eram pessoas alegres que gostavam de da vida, mostravam isso de uma forma, não só no comportamento, como também naquilo que faziam. Procuramos sempre testemunhar isso.

A minha mãe foi um testemunho muito forte de vida. Infelizmente, em muitos momentos eu não a entendi, principalmente quando eu fiquei mais velha, quando eu já tinha o meu trabalho, tinha uma certa independência e queria também ser independente.

Aí a gente começa a ter alguns atritos, porque eu não tinha um entendimento de ter essa visão da minha mãe. Eu achava que era intromissão, que eu já era madura, já tinha o meu dinheiro, meu trabalho, sustentava a casa e tinha o direito de dar um passo lá fora. Só que eu até poderia fazer isso de outra forma. Hoje eu vejo isso, mas na época não.

E brigava muito com ela. Mas era assim. Eu procurei sempre dar o suporte necessário para aquilo que ela precisava. Eu nunca me esquivei disso porque eu entendia que ela dependia de mim, dependia do meu trabalho, dependia dos meus recursos e eu jamais iria deixá-la sem essa cobertura.

Quando eu tentei fazer isso, eu acho que não fui bem-sucedida, porque quem a buscou e ficou com ela, não a conseguiu manter, não conseguiu fazer essa manutenção da casa, daquilo que ela precisava. Mas tudo bem, isso também é uma coisa do passado.

Eu não gosto de ficar me lamentando, apesar de reconhecer que foi um período que poderia ter sido diferente. E com relação a ao meu irmão, eu já falei, eu acho que ele teve alguns descaminhos porque ficou sem rumo, ficou sem uma orientação. Ele tinha um lado bom, isso é importante falar. Ele fazia questão de manter com os filhos uma condição de acompanhamento com relação ao comportamento, tanto que as filhas penavam um pouco com isso.

Elas tinham um problema porque às vezes ele era muito rígido, a exemplo do meu pai. Meu pai era assim, então ele era assim também, mas ele tinha um lado amável, um lado brincalhão, um lado bom, era generoso, nunca deixou de ser generoso, fez muita coisa para muita gente que até talvez não devesse ter feito. Não deveria ter feito, mas fez. Fez porque não pensava muito nas atitudes. Às vezes, ele acabava se prejudicando para poder fazer para o outro o que não deveria ter feito, mas ele não refletia muito.

Mas foram tais questões que depois que ele ficou bem doente, eu acho que vocês não acompanharam, talvez ele tenha refletido sobre essas atitudes. Eu tive questões muito sérias com ele. Depois eu consegui superar, passei alguns anos, dois ou três anos sem falar com ele. Mas eu consegui superar depois, porque para mim era importante que eu buscasse o perdão, eu me perdoar, porque o perdão se dá para a gente, não é para o outro.

Então eu consegui estar com ele até o final da sua vida. Consegui falar, fiz o que eu pude dentro dos meus recursos. E eu não tenho mágoa quanto a isso não.

Com relação ao Jorge, eu me lembro dele assim, de um cara divertido. Que vinha da capital de São Paulo com muitas novidades, cheio de coisa daquela época, tipo da jovem guarda. Ele vinha cheio de coisas e o meu irmão gostava e a gente também gostava. Vamos aprender a dançar tuíste, vamos isso, vamos aquilo, falava de cantores, então para a gente aquilo era muito legal.

Já na minha casa não tinha televisão, então tudo que ele contava estava valendo. Assim com a dona Joana era a mesma coisa, ela vinha, contava, a gente amava quando ela contava, quando ela vinha pela Dutra, aqueles brilhos das luzes das fábricas e a gente nunca tinha ido a São Paulo. Nunca tinha passado dos limites de Caçapava, nessa região aqui só. Então ela contava da Dutra, das luzes, era uma coisa assim maravilhosa. Até a nossa adolescência a gente não saía muito de casa era colégio e casa, casa e colégio. Ia para o centro espírita com a minha mãe, meu pai; quando tinha uma festa, mas festas de família, não tínhamos uma vida social. E um cinema de vez em quando. Então a gente não conhecia esse lado.

Na nossa adolescência a gente era bem desinformada, apenas com informações de colégio. Porque no colégio a gente vai aprendendo também algumas coisas com os colegas, que vão contando as novidades, com o pessoal que tinha condição econômica acima da nossa. Eu sempre tive colegas assim no colégio, que tinha uma vida social mais ativa, então aprendia muito com elas.

A dona Joana, contava do programa da Hebe Camargo. Ela era fã número um da Hebe Camargo. Então quando ela contava aquilo para a gente era como se estivéssemos assistindo àquele programa, porque ela contava com muito prazer, com muito gosto, com muita alegria. Ela contava para nós quando ela fazia as visitas dela aqui em

Taubaté, vinha para visitar não sei quem, na casa de fulano, na casa de sicrano, ia ao mercado e não deixava de levar a farinha de mandioca de Taubaté para São Paulo porque ela disse que a melhor farinha era a daqui.

Então eu me lembro de todos esses detalhes, da rapadura que ela comprava, do fumo de rolo para ela mascar. Então eu me lembro de todas as coisas. São coisas gostosas da gente lembrar. Rememorar.

A vó Vitalina. Quando a minha mãe saía para o cinema com meu pai, ela pedia para a vó Vitalina ficar lá com a gente à noite. E ela ficava, só que ela nos fazia uma concessão. Porque a minha mãe falava para ela não deixar as crianças na rua. Mas a gente falava, ó vó, deixa a gente ficar um pouquinho, ao que ela respondia, até antes do seu pai chegar. Meu pai tinha carro, então a gente escutava o barulho e via o carro lá no começo da rua. Naquela época passava um carro a cada 3 horas. Ainda mais a noite, então ela liberava geral. A gente ia para a rua em frente de casa, lá na frente sempre. E brincava até dizer chega.

Quando ela vinha, sempre trazia bala, sempre trazia uma balinha para a gente. E tocava piano, ela imitava piano, entendeu? Fazia na mesa, a gente falava vó toca piano e aí ela, tocava e cantava.

Eu me lembro muito da Maria da Cruz também. Eu me lembro muito dela com aquelas saias rodadas. O cabelo que ela fazia o alisamento com pente de ferro. Mas sempre vinha bem arrumada dos empregos em que ela trabalhava. Ela ficava muito tempo numa casa só trabalhando ali. Mas lembro quando ela vinha na minha casa, na mocidade dela, antes dela ter a Regina. E me lembro disso na minha infância. Ela vinha com as saias rodadas, com anáguas, aquelas coisas todas, a gente achava maravilhoso. Batom vermelho para ela se arrumar para ir ao baile.

E tinha uma agregada na família que ninguém mencionou, também não sei de onde que ela surgiu, só sei que ela era agregada, estava sempre na minha casa e tinha amizade com a Maria da Cruz. Não sei como elas se conheceram, essa mulher se chamava Maria José. Não sei o sobrenome e não sei onde ela foi parar. Era uma mulher branca, cabelo bem liso. Ela teve uma convivência bem intensa na minha casa com a Maria da Cruz, com todo mundo, todo mundo falava Maria José isso, Maria José aquilo.

Também me lembro da Maria da Cruz cantando as músicas da Dolores Duran e da Maísa. Ela era apaixonada por essas cantoras e eu me lembro de duas músicas que ela cantava. Aprendi também com ela. Agora com o meu pai, também aprendi muita música. Meu pai gostava de cantar, cantava as músicas, ensinava a gente, contava coisas da época que ele viveu lá na roça.

As comidas que ele ainda gostava que a minha mãe fizesse, eu aprendi também a comer muita coisa que até hoje tem gente que não gosta. Mas eu gostava. Então eu tenho esse lado bem registrado na minha vida. Eu acredito que eu tenho uma lembrança muito boa de todas essas pessoas que eu mencionei e com relação ao restante da família eu não tive muito contato.

Jandira, Marcos, Iracema, eu via muito pouco. Via de vez em quando, quando ia lá na chácara, quando meu irmão levava a gente, a gente nunca ia sozinha. E para a gente era assim, uma casa de gente rica. Então a gente ia com muito cuidado, a minha mãe recomendava muito cuidado, veja o que vai fazer. Cuidado naquela época era assim, você tinha que pisar reto, não podia pisar torto e a gente ia, mas ficava muito acanhada. Já éramos acanhadas mesmo, mas mais acanhadas ainda na casa da dona Cida Vasques. Então eu me lembro dessas coisas da minha primeira infância,

alguma coisa que aconteceu também na adolescência e depois a gente foi trilhando o caminho.

E na época quando eu falei do primeiro emprego, eu também me lembro uma coisa muito marcante para mim. Muito marcante para mim. Fui fazer a minha primeira entrevista para emprego numa indústria, que ainda existe em Taubaté, ela se chama Plasmater. É uma indústria de plastificante. Quando eu fui fazer essa primeira entrevista, eu nunca tinha trabalhado em nenhum outro lugar. Fiz um curso de secretariado assim, mas um curso rápido. Havia um escritório da Fiesp e não sei quem indicou, acho que foi o Otacílio, ele era conhecido do meu pai, seu Bispo, senhor Bispo. Ele era conhecido do meu pai na época em que o escritório ficava próximo do lugar que era um dos pontos de táxi local em que meu pai trabalhou e meu pai o conhecia de longa data. Nesta época, meu pai já tinha falecido. Então meu irmão passou lá e ficou sabendo deste curso e me disse para ir lá e fazer esse curso. Eu fui, fiz o curso de secretariado e esse senhor me informou quando eu terminei o curso, que havia uma vaga de secretária nessa indústria, que eu fosse para ser entrevistada. Eu não lembro mais como é que eu consegui marcar a entrevista. Não existia celular, eu não tinha telefone, sei lá, acho que foi no orelhão, algum lugar que eu marquei essa entrevista. Eu me lembro que quando eu fui fazer essa entrevista, eu não tinha terminado o tratamento dos dentes, faltava colocar prótese frontal. Gente, dentes de cima, eu estava terminando ainda o tratamento. A Maria da Cruz estava pagando esse tratamento para mim na clínica do Sesc, que na época ficava próximo do clube do TCC, no centro, aqui de Taubaté. Eu me lembro que eu fui usando um vestido de malha. Ele era roxo com alguns detalhes brancos assim, claros na barra. Era tipo blusa, amarrada na cintura e fazia um negócio fofinho assim. E

esse vestido eu tinha recebido de vocês ou da Iracema ou da Jandira.

Não sei qual das duas que usava essa roupa. Mas eu fui com aquele vestido que eu lavei, passei, deixei bem bonito, bem certinho, e também tinha um conjunto de linho. Esse linho era meio estampado. Eu era magrinha na época. Então tudo estaria bem. Mas eu não tinha os dentes da frente, mas eu fui assim mesmo. Aí entra a história que eu falei que eu aprendi muito isso com a minha mãe, enfrentar as adversidades e fui fazer essa entrevista. Chegando lá havia várias pessoas, várias moças bem arrumadas, muitas com experiência nessa área de secretária. Eu olhei e pensei, talvez eu não tenha a chance, mas a minha esperança, a minha fé, foi tão forte, tão grande naquele momento porque nós precisávamos demais desse trabalho, do meu emprego. Para nós podermos sair, ter a casa nossa, criar uma nova vida, recomeçar. Tipo a Fênix não é?

Precisávamos recomeçar e aí eu fui nessa entrevista. Fiz a entrevista, passei pela entrevista, pelos testes, primeiro teste escrito que na época se aplicava, depois tinha que passar pela entrevista pessoal. Dias depois recebi um telegrama com a notícia que eu iria passar pelas entrevistas. Fui entrevistada por três diretores da fábrica na época e um deles era o proprietário. Aliás, dois dos entrevistadores eram proprietários da fábrica e o terceiro um engenheiro. Quando chegou a entrevista com um dos donos da fábrica, que parecia ser o principal acionista, inclusive havia sido um dos proprietários da CTI. Era um homem extremamente rigoroso. Na época eu estava estudando ainda.

Havia parado de fazer faculdade quando o meu pai faleceu não consegui continuar.

Eu fiz meio período só do primeiro ano e parei. Somente dois anos depois voltei a estudar. Ele me

questionou sobre os meus dentes, perguntando o que havia acontecido. Respondi que estava fazendo tratamento, mas que em pouco tempo iria voltar com um sorriso novo. Pensei comigo mesmo que iria conseguir o emprego, que os dentes não seriam um problema. Ele nada respondeu. A gente nunca sabe o que que a pessoa está pensando nesta hora. Mas o fato é que eu passei, passei naqueles testes escritos e nas três entrevistas. Tive que fazer um teste de datilografia em uma máquina elétrica que eu nunca tinha usado. E pela graça de Deus, eu consegui este primeiro emprego e acredito que devo isso também à ajuda da Maria da Cruz, pois se eu não tivesse arrumado os dentes, provavelmente eu não seria aprovada, porque era necessário ter uma boa apresentação física.

E a roupa também que estava usando. Eu nunca me esqueço desse vestido, que me ajudou a abrir as portas. E a minha força de vontade, a minha intenção de ajudar a Maria da Cruz pelo que ela me deu na época e mais, com certeza, pela fé e pela graça que eu tenho até hoje, as dificuldades às vezes elas nos fortalecem.

Porque se tudo fosse tão fácil, tão simples, eu não sei se a gente teria crescimento pessoal também. Porque você não aprende. Não aprende com as facilidades. Na verdade, a facilidade vem para você saborear. E agradecer aquilo que você conseguiu conquistar.

Mas eu sou grata a todas essas pessoas que fizeram parte da minha infância, fizeram parte da minha adolescência, da minha fase adulta. Eu sou grata a todas elas. Eu tenho ainda muita coisa para falar da Maria da Cruz, mas eu quero deixar neste momento esses registros, tá bom? Um abraço a todo mundo, um beijo carinhoso para todos.

A título de Epílogo

A Fátima se lembra que Vitalina teria um terreno no seu nome. Ela foi procurar o endereço, mas não soube identificar o local em que estava o tal terreno, pois hoje são casas e mais casas, é difícil de identificar... Mais uma que se foi sem ter visto a cor do terreno que lhe pertencia.

Gostaria também de deixar registrado que o meu envolvimento com a Maria da Cruz aconteceu devido a circunstâncias ocorridas em três momentos: a) eu tinha cerca de 7/8 anos, estava na chácara com a minha avó Joana quando a Maria da Cruz surgiu e ia sair pelos fundos da chácara, quando a minha avó chamou a sua atenção por ela estar descalça; havia uma renitência dela de usar calçados, estava sempre descalça; b) depois de ficar mais de 50 anos sem voltar a Taubaté, numa das primeiras vezes a que lá retornei, um dia estava na estação rodoviária esperando o ônibus para o Rio de Janeiro e lembrei-me que alguém me dissera que a Maria da Cruz tinha um bar em frente à Rodoviária. Resolvi procurar e depois de andar ao redor a encontrei, sozinha, num bar, limpando o balcão com um pano. Me identifiquei, mas ela não me reconheceu, não disse uma palavra sequer e a impressão que tive foi a de ela estava com receio de estar falando com um estranho; c) quando o meu primo Jorge faleceu, o seu velório foi no Cemitério Municipal de Taubaté e a Lady me informou que a Maria da Cruz morava por perto. Eram 3 horas da madrugada, mas assim mesmo fui até a casa dela, bati e depois de algum tempo uma voz de homem perguntou quem era e o que queria,

mais uma vez me identifiquei e disse que queria falar com a Maria da Cruz. Ela não apareceu, mas de onde estava perguntou o que eu queria e lhe informei do falecimento do Jorge e do local e horário do enterro, caso tivesse interesse em participar. Ela não apareceu.

Este livro é constituído de ficções, de lembranças esparsas, descontínuas, como de visões de uma janela que se abre ao vento e se descortina num repente uma cena no interior de uma casa.

São breves comentários e observações para que não se percam no andar solitário do tempo ...

Registramos uma parte da história de nossas famílias, embora muita coisa tenha se perdido por falta de preocupação em registrar os acontecimentos, guardar fotos e documentos que caracterizam cada época.

Com esta ficção e com os testemunhos das pessoas que conviveram com nossa avó esperamos ter deixado um perfil de quem foram elas, para que as gerações futuras saibam que somente existem por causa destas pessoas – muitas das quais só se sabe o nome, como é o caso da mãe de nossa avó, Josepha (às vezes chamada de Jacinta), escravizada, negra, que é uma ascendente graças à qual muitas gerações se sucederam.

Renovo os meus agradecimentos a todos que colaboraram para que esta homenagem aos que nos antecederam pudesse ser concretizada.

Anexos

Exemplo de carta de alforria

Certidões de Registro Civil

(Transcrição da carta à página anterior)

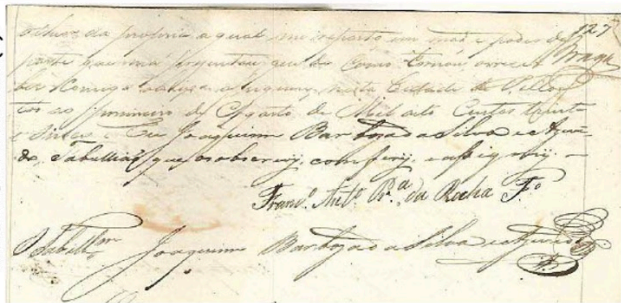
[inicia com assinatura do documento anterior]

Lançamento de huma **carta de liberdade passada por Manoel José de Barros, a sua escrava preta, de nome Rita de Nação** como abaixo se declara

Eu Manoel José de Barros **attendendo ao serviço que me prestou a minha escrava Rita, de servir de ama de leite a minha primeira filha Anna Bernardina de Barros, e juntamente de me ter dado cento e tantos mil reis em dinheiro, que ganhou em quitandas com minha licença e por que a dita minha filha se interessa na liberdade da dita minha escrava.** Hey por bem e de muito minha livre vontade, desde já dar-lhe a sua liberdade para todo o sempre unicamente **com a condição de nunca me faltar ao respeito devido, e a meus dessendentes,** e para clareza e sigurança de sua liberdade lhe passou o presente na minha residencia em Nossa Senhora da Luz aos vinte e hum de julho de mil oito centos trinta e cinco annos. Manoel José de Barros Reconheço verdadeiro a firma e letra supra por ser do próprio de que dou fé. **Cidade de Pelotas primeiro de agosto de mil oito centos trinta e cinco.** Em testemunho de verdade estava o signal publico e rogo. O tabelião Joaquim Barboza da Silva e Azevedo = Nada mais se continha em dita Carta de Liberdade, que aqui bem e fielmente fiz extrahir digo fiz lançar com o theor

Encerramento e assinaturas na página seguinte:

Carta de Liberdade Rita (2)



theor da própria a qual me reporto em mão e poder dar parte que má preguntou que de como tornou [?] fez comigo abaixo assignam nesta Cidade de Pelotas ao primeiro de agosto de mil oito centos trinta e cinco. Eu Joaquim Barboza da Silva e Azevedo, Tabelião que os observey, confery e assigney.

[assinaturas]

GOVERNOS FEDERAL

BRASIL

PAIS RICO E PAIS SEM POBREZA

Ministério da Cultura

Ministério da Educação

ibram
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS

MEC/PROEXT

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FRGS

EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

PRACELAS

Associação dos Amigos do Arquivo Público

Realização:

Certidão de Batismo - Joana de Alcântara Vasques

**CÚRIA DIOCESANA DE TAUBATÉ**

Av. Professor Moreira, 327
Jd. das Nações – Tel: 3632-2855
Cep: 12030-070 – Taubaté -SP.

CERTIDÃO DE BATISMO

Certifico “in fide Cancellarii”, que no livro de BATIZADOS n° 43, do ano de 1894 – 1895, da Paróquia São Francisco das Chagas, Município de Taubaté – SP, arquivado nesta Cúria Diocesana, à fls. 58, encontra-se o seguinte:

“*Joanna*

Aos cinco de Agosto de mil oito centos e noventa e quatro, na fazenda do Doutor José Ricardo, o Reverendo Frei Gregorio baptisou solememente a Joanna, de idade de deseseis dias, filha natural de Josepha; foram padrinhos José Ramos e Idalina Marcondes.

O Vigario Antonio Nascimento Castro.”

Nada mais se acha no lançamento supra, fielmente transcrito e por mim assinado.

Taubaté, 02 de dezembro de 2022.



Antonio Nascimento Castro
Mons. Irineu Batista da Silva
Chanceler do Bispado
CPF: 581 177 418 49

Taxa R\$ 50,00

Certidão de Nascimento - Ottilia de Jesus
(Ottilia de Paula Santos)


  			
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS			
Certidão de Nascimento			
NOME: OTILIA			
CPF Sem informação.			
MATRÍCULA: 113860 01 55 1912 1 00030 177 0000617 75			
DATA DE NASCIMENTO (POR EXTENSO) Quatorze de agosto de mil novecentos e doze.	DIA 14	MÊS 08	ANO 1912
HORA DE NASCIMENTO 06h00min	NATURALIDADE Taubaté-SP		
MUNICÍPIO DE REGISTRO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO Taubaté - ESTADO DE SÃO PAULO	LOCAL, MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UF à rua Doutor Rebouças de Carvalho, 43, Taubaté-SP		SEXO Feminino
FILIAÇÃO CARIDADE DE JESUS			
AVÓS SEBASTIÃO PEREIRA DOS ANJOS e CATHARINA MARIA DE JESUS (maternos)			
GÊMEOS Não	NOME E MATRÍCULA DOS GÊMEOS Nada consta		
DATA DE REGISTRO (POR EXTENSO) Dezoito de agosto de mil novecentos e doze.	NÚMERO DA INSCRIÇÃO DE NASCIDOS VIVOS Não informado		
VERIFICAÇÕES/ANOTAÇÕES A ACRESCEER Ato registrado no livro A-30, à folha 177, sob o nº 617. Data do registro: 18 de agosto de 1912. Data de nascimento da registrada: 14 de agosto de 1912. ANOTAÇÃO DE CASAMENTO: CERTIFICA, mais que na coluna própria do presente assento consta a seguinte ANOTAÇÃO: Casou-se hoje neste cartório com AVELINO DE PAULA SANTOS, passando a adotar o nome de OTILIA DE PAULA SANTOS, conforme assento 2657, às fls.257 do livro 24. Taubaté, 28 de outubro de 1944. O Of. maior, Raymundo Mendes, ANOTAÇÃO DE ÓBITO: CERTIFICA, mais que na coluna própria do presente assento consta a seguinte ANOTAÇÃO: Faleceu neste 1º Subdistrito no dia de ontem, conforme assento nº 13699, às fls. 66v do livro C-23. Tté, 28/12/1998. O Of. Gustavo Henrique Schalch. Nada mais me cumpria certificar...			
ANOTAÇÕES DE CADASTRO * As anotações de cadastro acima não dispensam a apresentação do documento original, quando exigida pelo órgão solicitante.			
Nome do ofício Registro Civil 1º sub distrito		O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé. Taubaté, 02 de setembro de 2021.	
Oficial registrador MARIA PAULA BITTANTE OLIVEIRA BARRICHELLO			
Município/UF Taubaté/SP		Andréia Fátima de Oliveira Escrevente	
Endereço Rua Sacramento, 60, Centro. Cep 12010-010			
EMOLUMENTOS: R\$ 58,00, ISS: R\$ 2,89, SEC FAZENDA: R\$ 11,60, TOTAL: R\$ 72,49			

113860 - AA000106706




113860 - ANO0100706 0721


Certidão de Casamento - Joana e Licínio



Selo nº 145199DC/E0000000701624H
Comete a Administração do Selo Digital em
<https://selodigital.org.br>



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS



CERTIDÃO DE CASAMENTO EM INTEIRO TEOR
Matricula: 118786 01 55 1914 2 00002 073 0000010 23

CERTIFICO que, tendo em vista pedido verbal, revendo neste Serviço de Registro Civil, no Livro de Assento de Casamento de número B-02, às folhas 73, dele verifiquei constar o termo de número 10, cujo teor é o seguinte: "Aos quatorze dias do mez de Junho do anno de mil novecentos e quatorze, nesta cidade de Tremembé, comarca de Taubaté, Estado de São Paulo, no edificio da Camara Municipal, ahí presentes o cidadão Manoel Augusto da Fonseca Bulcao, primeiro Juiz de paz e de casamentos commigo official effectivo de seu cargo e as testemunhas Francisco Januario Cotta e José Getulio de Toledo as quatorze e quatro horas, receberam-se em casamento Licinio de Oliveira Vasques, filho legitimo de Fernando José de Oliveira Vasques e de Dona Rufina Candida Cesar de vinte sete annos de idade, solteiro, empregado na Estrada de Ferro Central do Brazil, natural de Pindamonhangaba residente em Taubaté com Dona Joanna de Alcantara filha illegitima de Jacintha de Alcantara, de vinte e oito annos de idade, solteira de prendas domesticas, natural de Taubate, residente em Taubaté. Em firmsa do que lavrei este acto que vai assignado. Eu, Antonio Dionysio do Patrocinio, escrivão o escrevi. Em tempo: a emenda é valida e diz: quatorze. Eu, Antonio Dionysio do Patrocinio, escrivão o escrevi. (8ª) Manoel Augusto da Fonseca Bulcao - Joanna de Alcantara - Licinio de Oliveira Vasques. Francisco Januario Cotta 33 annos de idade Leocinista, residente em Taubate. José Getulio de Toledo 36 annos de idade Negociante em Tremembé". A margem esquerda consta o seguinte: "N.º 10". E a margem direita consta o seguinte: "O contraente, faleceu no dia 19/11/1945, em Taubaté/SP, conforme registro de óbito lavrado no Serviço de Registro Civil de Taubaté/SP - 1º Subdistrito, no dia 20/11/1945, no Lvº C-52, as fls. 349, sob nº 14439, conforme comunicação nº 30775127, recebida via CRC. Tremembé, 25/07/2024. (8ª) Glauca Regina da Silva. A contraente, faleceu no dia 05/09/1974, em São Paulo/SP, conforme registro de óbito lavrado no Serviço de Registro Civil de São Paulo/SP - 22º Subdistrito, no dia 06/09/1974, no Lvº C-42, as fls. 85, sob nº 39907, conforme comunicação nº 30791093, recebida via CRC. Tremembé, 26/07/2024. (8ª) Glauca Regina da Silva". Nada mais continha no referido assento de casamento para aqui fielmente ser transcrito em inteiro teor ao qual me reporto e dou fé. A Escrevente Glauca Regina da Silva.

(Glauca Regina da Silva), o digitei, subscrevi e assino.

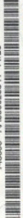
Oficial: Dirley José dos Santos
Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos, Civil de Pessoa Jurídica e Civil das Pessoas Naturais e de Interdições e Tutelas da sede da Comarca de Tremembé, situado na Rua Monsenhor Amador Bueno, nº 438, Centro, Tremembé/SP, Cep: 12120-033, Tel.: (12) 3674-3531.

Ao Oficial: R\$ 70,71 - Iss: R\$ 3,53 - Sec. da Fazenda: R\$ 14,14 - Total: R\$ 88,38

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Tremembé, 31 de julho de 2024.

Glauca Regina da Silva
Glauca Regina da Silva
Escrevente

145599 - AA000025341



145599 - AA000025341 1123

Certidão de Casamento - Otilia e Avelino

RÉPUBICA FEDERATIVA DO BRASIL REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS			
CERTIDÃO DE CASAMENTO			
NOMES		CPF	
AVELINO DE PAULA SANTOS		CPF	Sem informação
OTTILIA DE PAULA SANTOS		CPF	Sem informação
MATRÍCULA			
113860 01 55 1944 2 00024 257 0002657 36			
<small>NOME S COMPLETO DE SOLTEIRO, DATAS E LOCALS DE NASCIMENTO, NACIONALIDADE E FILIAÇÃO DOS CÔNUGES</small>			
AVELINO DE PAULA SANTOS , nacionalidade brasileira, natural de Itapira-SP, nascido no dia 12 de fevereiro de 1918, filho de BENEDITO DE PAULA SANTOS e HERMINIA MARIA DE JESUS		OTTILIA DE JESUS , nacionalidade brasileira, natural de Taubaté-SP, nascida no dia 14 de agosto de 1912, filha de CARIDADE DE JESUS	
DATA DE REGISTRO DO CASAMENTO POR EXTENSO		DIA	MÊS
Vinte e oito de outubro de mil novecentos e quarenta e quatro.		28	10
		ANO	1944
<small>REGIME DE BENS DO CASAMENTO</small>			
Comunhão de Bens			
<small>NOME QUE CADA UM DOS CÔNUGES PASSOU A UTILIZAR (QUANDO HOUVER ALTERAÇÃO)</small>			
OTTILIA DE PAULA SANTOS			
<small>AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES A ACRESCER</small>			
Ato registrado no livro B-24, a folha 257, sob o nº 2657. Data do registro: 28 de outubro de 1944. ANOTAÇÃO DE ÓBITO CERTIFICA mais, que na coluna própria do presente assento consta a seguinte ANOTAÇÃO: O contraente AVELINO DE PAULA SANTOS, faleceu neste distrito, aos 28/02/1971, conforme assento sob nº 34301, às fls. 49 v, do livro C- 69. Tte. 11/10/1988. O Oficial Gustavo Henrique Schalch. ANOTAÇÃO DE ÓBITO CERTIFICA mais, que na coluna própria do presente assento consta a seguinte ANOTAÇÃO: A contraente OTTILIA DE PAULA SANTOS, faleceu neste 1º Subdistrito, no dia de ontem, conforme assento nº 13699, às fls. 66 v do livro C- 23. Tte. 28/12/1998. O Oficial Gustavo Henrique Schalch. Nada mais me cumpria certificar.			
<small>ANOTAÇÕES DE CADASTRO</small>			
* As anotações de cadastro acima não dispensam a apresentação do documento original, quando exigida pelo órgão solicitante.			
<small>Nome do ofício</small> Registro Civil 1º sub distrito <small>Oficial registrador</small> MARIA PAULA BITTANTE OLIVEIRA BARRICHELLO <small>Município/UF</small> Taubaté/SP <small>Endereço</small> Rua Sacramento, 60, Centro, Cep 12010-010		O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé. Taubaté, 02 de setembro de 2021.	
EMOLUMENTOS: R\$ 58,00, ISS: R\$ 2,89, SEC FAZENDA: R\$ 11,60, TOTAL: R\$ 72,49		 Andréia Fátima de Oliveira Escrevente	
			

113860 - AA000106704

113860 - AA000106704 0721

Certidão de Óbito - João Monteiro Alcântara e Silva

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS						
CERTIDÃO DE ÓBITO						
Nome JOÃO MONTEIRO ALCANTARA E SILVA						
Número do CPF						
Sem Informação						
Matrícula 113860 01 55 1908 4 00016 170 0000494 69						
Data do falecimento		Dia	Mês	Ano	Horário do falecimento	
Quatorze de setembro de mil novecentos e oito		14	09	1908	19h30min	
Local do falecimento		Município do falecimento			UF	
Rua Marquez do Herval		Taubaté			SP	
Sexo		Estado civil		Nome do último cônjuge ou convivente		
Masculino		Casado		Marianna Ferreira de Toledo Alcântara		
Idade	Dia	Mês	Ano	Município de naturalidade		UF
68 anos	N/C	N/C	N/C	Taubaté		SP
Genitores						
Maria Clara Gomes;Francisco Antonio de Alcântara						
Causa da morte						
Leção Cardíaca						
Nome dos médicos ou testemunhas			Número do documento			
Doutor Cursino de Moura						
Local sepultamento/Cremação				Município		UF
Cemitério da Ordem Terceira, nesta cidade, Taubaté/SP				Taubaté		SP
Data do registro		Dia	Mês	Ano		
Quinze de setembro de mil novecentos e oito		15	09	1908		
Nome do declarante		Existência de bens		Existência de filhos		
Ignacio Marcondes Filho		Ignorado		Não		
Anotações/Averbações						
Não deixando filhos. Fez testamento. Nada mais me cumpria certificar.						
Nome do ofício Registro Civil 1º sub distrito				O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé. Taubaté, 23 de setembro de 2025.		
Oficial registrador OFICIAL - MARIA PAULA BITTANTE OLIVEIRA BARRICHELLO						
Município/UF Taubaté/SP				Debora da Conceição Lourenço Moreira Oficial Substituta		
Endereço Rua Sacramento, 60, Centro Cep 12010-010						
EMOLUMENTOS: R\$ 36,91, ISS: R\$ 1,85, SEC FAZENDA: R\$ 7,38, TOTAL: R\$ 46,14						
						IA011672111

Certidão de Óbito - Mariana Ferreira de Toledo Alcântara


Selo nº 113860CE0000001794424E
Consulte a Autenticidade do Selo Digital em
<https://seodigital.sp.gov.br/>


REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS



Certidão de Inteiro Teor de Óbito

NOME:
MARIANNA FERREIRA DE TOLEDO ALCANTARA

MATRÍCULA
113860 01 55 1918 4 00027 174 0000700 43

Descrição:
Certifico que aos dezessete (17) dias do mês de julho (7) de dois mil e vinte e quatro (2024), neste município de Taubaté, Comarca de TAUBATÉ, ESTADO DE SÃO PAULO, República Federativa do Brasil, em Cartório no Livro C-27, às folhas 174, sob número 700, verifiquei constar o registro de seguinte teor.
"Aos vinte e nove de Setembro de mil novecentos e dezoito, n'esta cidade de Taubaté, Estado de São Paulo, em meu cartório compareceu Antonio Salgado exibindo atestado do Doutor Adolpho Leonardo declarou: Que hoje às quatro horas a rua Marquez do Herval de endocardite faleceu MARIANNA FERREIRA DE TOLEDO ALCANTARA branca, brasileira, natural de Pindamonhangaba, filha legítima de Francisco Paula de Toledo e Maria Francisca de Toledo Cesar, proprietária, viuva de João Monteiro de Alcântara e Silva. Vae ser sepultada no cemiterio da Ordem Terceira. Para constar lavrei este termo que assigna o declarante. Eu, Tancredo Winther, escrivão de Paz o escrevi. Segue assinatura do declarante."
Era o que se continha em o dito termo, para aqui fielmente transcrito, a que me reporto e dou fé.

Nome do officio: Registro Civil 1º sub distrito
O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Taubaté, 17 de julho de 2024.

Oficial registrador
OFICIAL - MARIA PAULA BITTANTE OLIVEIRA BARRICHELLO

Município/UF
Taubaté/SP

Endereço
Rua Sacramento, 60, Centro, Cep 12010-010


Rachel Norcia Carolino Sarmento de Figueiredo
Lopes
Oficial Substituta

EMOLUMENTOS: R\$ 70,71, ISS: R\$ 3,53, SEC FAZENDA: R\$ 14,14, TOTAL: R\$ 88,38


REGISTRO CIVIL
1º SUB
DISTRITO
DE
TAUBATÉ-SP

113860 - AA 000153648

Certidão de Óbito - Maria da Cruz Vasconcelos

					
Selo nº 1212102C6300000002675026E Consulte a Autenticidade do Selo Digital em: https://selodigital.sp.gov.br/					
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS CERTIDÃO DE ÓBITO					
Nome MARIA DA CRUZ VASCONCELOS					
Número do CPF 832.224.998-53					
Matrícula 121210 01 55 2016 4 00082 034 0048496 16					
Data do falecimento		Dia	Mês	Ano	Horário do falecimento
Vinte e nove de dezembro de dois mil e quinze		29	12	2015	08h
Local do falecimento					
Hospital Regional do Vale do Paraíba em Taubaté - SP			Município do falecimento		UF
			Taubaté		SP
Sexo					
Feminino		Estado civil		Nome do último cônjuge ou convivente	
		Solteira		NÃO CONSTA	
Idade		Dia	Mês	Ano	Município de naturalidade
82 anos		02	05	1933	Taubaté
Genitores					
VITALINA MARIA DE JESUS VASCONCELOS					
Causa da morte					
insuficiência múltiplos órgãos e sistemas; neoplasia maligna endométrio					
Nome dos médicos ou testemunhas					
Dr. Carlos Eduardo A. Ferretti				Número do documento	
				108857	
Local sepultamento/Cremação					
Cemitério Municipal, Taubaté/SP				Município	
				Taubaté	
Data do registro					
Quatro de janeiro de dois mil e dezesseis		Dia	Mês	Ano	
		04	01	2016	
Nome do declarante					
Glauco Antonio Alves		Existência de bens		Existência de filhos	
		NÃO		Sim	
Anotações/Averbações					
Ato registrado no Livro C-82, às folhas 34, sob o nº 48496. Solteira. Não deixa bens, nem testamento. Deixa cinco filhos de nomes:- Regina Célia com 55 anos, Marcia Maria com 53 anos, Adriana Maria com 50 anos, Glauco Antonio com 49 anos e Altair Cesar com 46 anos. A falecida era beneficiária do INSS. Declaração de óbito nº 22089946-4. Nada mais me cumpria certificar.					
Anotações voluntárias de cadastro					
TIPO DOCUMENTO	NÚMERO	DATA EXPEDIÇÃO	ÓRGÃO EXPEDIDOR	DATA DE VALIDADE	
RG	6.422.530-6	NÃO CONSTA	SSP/SP	NÃO CONSTA	
ANOTAÇÕES DE CADASTRO					
* As anotações de cadastro acima não dispensam a apresentação do documento original, quando exigida pelo órgão solicitante.					
Nome do Ofício 2º Oficial de Registro Civil de Taubaté			O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.		
Oficial Registrador Marcello Verderamo			Taubaté, 31 de outubro de 2025.		
Município/UF Taubaté/SP					
Endereço Praça Doutor Monteiro nº 103					
EMOLUMENTOS: R\$ 36,91, ISS: R\$ 1,85, Sec. Fazenda: R\$ 7,38, TOTAL: R\$ 46,14					
			 Luciana Aparecida Alves Cordeiro - Escrevente		
					
			IA011169112		

Certidão de Óbito - Ottilia de Paula Santos





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

Selo nº 113860CE000000021000255
Circuito de Autenticidade do Selo Digital
em
<https://selodigital.fpp.jus.br/>

CERTIDÃO DE ÓBITO

Nome
OTTILIA DE PAULA SANTOS

Número do CPF
054.385.928-29

Matrícula
113860 01 55 1998 4 00023 066 0013699 69

Data do falecimento	Dia	Mês	Ano	Horário do falecimento
Vinte e sete de dezembro de mil novecentos e noventa e oito	27	12	1998	05h52min

Local do falecimento Município do falecimento UF

na rua Euclides da Cunha nº 721 neste primeiro sub distrito

Sexo Estado civil Nome do último cônjuge ou convivente

Feminino Viúva

Idade	Dia	Mês	Ano	Município de naturalidade	UF
86 anos	14	08	1912	Taubaté	SP

GENITORES

CARIDADE DE JESUS

Causa da morte

falência de múltiplos órgãos; carcinomatose; adenocarcinoma do estômago

Nome dos médicos ou testemunhas Número do documento

Flavio Luiz Lima Salgado (CRM: 42984) não consta

Local sepultamento/cremação Município UF

Cemitério Municipal, desta cidade

Data do registro	Dia	Mês	Ano
Vinte e oito de dezembro de mil novecentos e noventa e oito	28	12	1998

Nome do declarante Existência de bens Existência de filhos

Maria Fatima de Paula Santos Ignorado Ignorado

Anotações/Averbações

Deixa os seguintes filhos de nomes) a declarante, Otacilio e Niôla. Não deixou bens. Era eleitora nesta cidade Nada mais me cumpria certificar.

Anotações voluntárias de cadastro

Nome do ofício
Registro Civil 1º sub distrito

Oficial registrador
OFICIAL - MARIA PAULA BITTANTE OLIVEIRA BARRICHELLO

Município/UF
Taubaté/SP

Endereço
Rua Sacramento, 60, Centro, Cep 12010-010

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Taubaté, 23 de setembro de 2025.



Debora da Conceição Lourenção Moreira
Oficial Substituta

EMOLUMENTOS: R\$ 36,91, ISS: R\$ 1,85, SEC FAZENDA: R\$ 7,38, TOTAL: R\$ 46,14



IA011672106

Este livro tem uma estrutura peculiar: trata-se de uma ficção baseada em evidências, em virtude de não se encontrar informações documentais e precisas de quem foram as pessoas que procuro homenagear. Mas é preciso falar sobre elas, sobre a luta que tiveram que enfrentar sozinhas para que nós pudéssemos chegar aos dias de hoje.

Mesmo que seja uma ficção baseada em evidências, o esforço está voltado para que o mundo saiba que tipo de mulheres existiu, a luta que enfrentaram para sobreviver e os esforços sobre-humanos que tiveram de fazer para não desistir. E, embora não soubessem ainda de nossas existências, parece que tiveram uma visão atávica de que, se fracassassem, muitos de nós não estaríamos hoje lendo ou escrevendo estas linhas.

Marcos Barbosa Vasques